

Capítulo I

Apresentação

O início de minha atividade profissional como educador, há 25 anos, deu-se no contexto de uma escola estadual de ensino fundamental, a Escola Oficina¹. A escola se propunha, como um projeto especial, trabalhar com crianças e adolescentes em situação de rua, da região da Praça da Sé no centro de São Paulo.

O nome oficina ressaltava o sentido inicial de processos de produção, tanto de conhecimentos, como de objetos, como as oficinas de alfabetização, de marcenaria e outras. Obviamente, na produção de objetos, também estavam implicados conhecimentos específicos, no entanto, não se tratava de uma escola profissionalizante. O acesso ao conhecimento e uma preparação para o trabalho, na compreensão crítica de suas relações, objetivava aos alunos, uma “(...) formação necessária ao desenvolvimento de suas potencialidades como elemento de auto-realização, preparação para o trabalho e para o exercício consciente da cidadania.²” Conforme figurava em seu decreto de criação.

Da experiência com inúmeras crianças e adolescentes desse projeto, em algumas vivências em que o uso de substâncias psicoativas por parte desses jovens apareceu, uma, em particular, marcou, como o início de uma rede de outras histórias, o percurso profissional que fui delineando por meio das escolhas ulteriores.

“Ferruginha”³, como era conhecido, tinha por volta de doze anos de idade quando caiu do alto do alambrado que cercava a Escola Oficina, colidiu com a laje do quadro de energia elétrica, encerrando, assim, a sua breve história e marcando, de modo especial, o início da minha trajetória profissional.

Como um dos irmãos de uma prole numerosa, “Ferruginha”, assim como os demais, era miúdo, ruivo e trazia o rosto salpicado por sardas que lhe valeram esse apelido. Assim

¹ Escola Oficina do Parque D. Pedro, criada por meio do Decreto Nº 24.093, de 9 de outubro de 1985, foi implantada no final desse ano, na região do Glicério e subordinada diretamente à Coordenadoria de Ensino da Região Metropolitana da Grande São Paulo - COGESP, Secretaria Estadual de Educação de S. Paulo. Era constituída, em parte de sua equipe técnica, por profissionais oriundos da Comunidade Terapêutica *Enfance*, de Diadema – SP e de educadores com diversas trajetórias, muitos dos quais com experiência na Fundação Estadual para o Bem Estar do Menor – FEBEM-SP. O projeto contemplava, ainda, a composição em seus quadros, de professores em processo de conclusão de suas graduações.

² Decreto Nº 24.093, de 9 de outubro de 1985.

³ “Ferruginha”: apelido de um adolescente de 12 anos de idade, frequentador da Escola Oficina que veio a falecer em 1986.

como seus irmãos e irmãs, passava grande parte dos dias na rua e também se ausentava de casa, por vários dias, perambulando pela região central de São Paulo. Ora estava engraxando, ora pedindo trocados, ora “cheirando cola”⁴, ora praticando pequenos furtos.

Era mais uma das tantas crianças e adolescentes que passaram a frequentar a “escolinha” como, afetivamente, essa garotada se referia ao Projeto.

No dia de sua queda, logo pela manhã, apareceu junto a tantos outros em frente à escola. Como era definido para a equipe de educadores de apoio⁵, eu me encontrava, junto com alguns colegas, no trabalho diário de todas as manhãs tentar, ali mesmo na calçada, dissuadir a garotada de cheirar a cola, convencê-los a deixar para trás os saquinhos de cola de sapateiro para, a partir dessa condição, poder entrar na escola.

Como uma rotina, a maioria da garotada, ciente dessa condição, largava a “cola” e então, queimávamos os tais saquinhos, para que os meninos pudessem começar suas atividades na “escolinha”. Naquela manhã, no entanto, “Ferruginha” não abriu mão da sua “cola” e, conseqüentemente, não lhe foi permitido entrar.

Não passou nem uma hora, sem que ouvíssemos os gritos que vinham dos fundos da escola. “Ferruginha” havia dado a volta no prédio e, pela rua de trás, escalou o alambrado instalado sobre um muro de quatro metros de altura, e, ao esbarrar com os fios elétricos, caiu dentro da escola.

Naquele mesmo dia, um de meus colegas no projeto e de classe demitiu-se da Escola Oficina e, durante aquele último ano de faculdade, nunca tocou no assunto.

Consegui, à expensa de grande sofrimento, falar sobre isso e escolhi continuar.

Até então, compreendíamos como uma atuação exigida da equipe, uma tensão que incluía a situação do manejo da droga, no caso, a cola de sapateiro, e a conseqüente administração da condição dessas crianças e adolescentes ao abrir mão das mesmas ou ter de ficar sem elas

“(…) o tipo de abordagem que nós desenvolvemos no caso de os alunos cheirarem cola de sapateiro na escola? Existem algumas regras a esse respeito na escola: não pode entrar com tóxico, não pode entrar com arma, não pode entrar com produto de roubos e tem de respeitar os horários e a dinâmica de funcionamento da escola. Com relação à cola de sapateiro, algumas crianças conseguem escondê-la no meio das pernas ou debaixo da camisa. Quando descobrimos e tomamos a cola, isso

⁴ “Cheirar cola”: prática comum entre crianças e adolescentes em situação de rua, de uso do solvente contido na cola de sapateiro. Pertencentes ao grupo químico chamado de hidrocarbonetos, essas substâncias voláteis são utilizadas como droga, para fins de adicção, provocando, inicialmente, uma excitação, seguindo-se de depressão e amíude, podendo provocar alucinações. (CF. Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas – CEBRID, do Departamento de Psicobiologia da Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP.)

⁵ Educador de apoio: denominação utilizada na equipe geral para designar os educadores que se encontravam no último ano de graduação.

geralmente desencadeia uma crise muito agressiva do menino. O que a gente faz? Contém a crise. Durante quinze, vinte minutos o menino fica se debatendo, agredindo. Superada essa fase muito forte, o menino entra em "stress", depois acaba se conduzindo a outras atividades da escola, na maioria das vezes, como se nada tivesse acontecido. Esse é o nível de atuação que desenvolvemos". (SASS, O., 1986, p.6-7)

No entanto, a realidade insistia em desafiar nossas propostas de manejo, colocando-nos novos desafios à compreensão das situações de impasse e na administração dos conflitos decorrentes.

Fiquei assim, até o último dia do Projeto Escola Oficina, que se encerrou no ano seguinte à criação da Secretaria Estadual do Menor⁶, a partir da mudança no governo estadual de São Paulo.

No mesmo ano de 1988, eu estava novamente trabalhando com as crianças e adolescentes em situação de rua, no contexto de um novo projeto, agora fazendo parte da equipe de educadores de rua⁷, mais especificamente da Casa Aberta Luz⁸. Nós, educadores, percorríamos, em duplas, entre as 13 horas da tarde até 22 horas da noite, um território que incluía a Praça da República, divisada pelo Vale do Anhangabaú e Rua Amaral Gurgel, até a região da Estação da Luz, todo o conjunto de ruas que, anos mais tarde, seria conhecido como "cracolândia"⁹. Buscávamos abordar as crianças e adolescentes nas ruas, procurando criar com eles um vínculo de confiança e, desse modo, traçar estratégias de encaminhamentos visando à alteração da sua condição de permanência nas ruas. Ainda não havia o crack nas ruas, mas a cola de sapateiro, o esmalte de unhas, a maconha e a cocaína, em seu uso injetável, era presença comum na vida de muitas daquelas crianças e adolescentes. Se os inalantes, como o esmalte de unhas, a cola de sapateiro e o tabaco, eram as substâncias comuns de consumo pelas crianças, a cocaína e a maconha tornaram-se as drogas mais

⁶ "Secretaria Estadual do Menor" criada pelo Decreto n.º 26.906, de 15 de março de 1987, do Governo Estadual de São Paulo. Altera-se, em 1993, sua denominação para Secretaria da Criança, Família e Bem-Estar Social e agregam-se à mesma as unidades da Secretaria da Promoção Social, por meio do Decreto n.º 36.454 de 19/01/93.

⁷ Educador de Rua: atividade profissional delineada pela Secretaria Estadual do Menor em 1987, ano de sua criação, para designar os profissionais de nível superior, preferencialmente da área de humanas, que foram capacitados para o trabalho com crianças e adolescentes em situação de rua e/ou vulnerabilidade pessoal e social.

⁸ Casa Aberta Luz, uma das unidades do Programa Casa Aberta, criado em abril 1987, no início das atividades da Secretaria Estadual do Menor. Destinava-se a atender crianças e jovens em situação de rua em São Paulo, tendo por objetivo possibilitar a essas crianças e jovens o acesso aos recursos disponíveis na comunidade, dando-lhes oportunidade para o usufruto de direitos específicos aos cidadãos menores de 18 anos: acesso à educação, lazer, assistência médica, moradia, documentação básica, proteção, segurança, bem-estar físico, afetivo e psicológico e experiência profissional aos maiores de quatorze anos. (Cf. São Paulo – SP, Secretaria do Menor – Casa Aberta – 2ª ed. Série Secretaria do Menor: 3 anos de experiência, 1992.)

⁹ "Cracolândia": designação popular para uma das regiões do centro de São Paulo, próxima da Estação da Luz, onde, no início da década de 90 começou a se caracterizar pelo grande consumo de crack.

utilizadas entre os adolescentes, o que não fazia cessar o uso dos inalantes, devido à maior facilidade de acesso e de uso em público.

De 1991 a 1993 exerci as funções de supervisor do Programa Casa Aberta nas unidades Moema e Lapa, onde acompanhei o trabalho das equipes de educadores de rua.

Distante da região central da cidade, grande parte das crianças e adolescentes contatadas nas ruas desses bairros, faziam do espaço público um local para a complementação da renda familiar. Vendiam como ambulantes, pediam trocados, guardavam carros e, em sua grande maioria, retornavam para casa ao final do dia. Muitos, inclusive, tinham uma frequência escolar regular. No entanto, a exposição dessas crianças e adolescentes ao contexto das ruas trazia outras situações de risco. A possibilidade da experimentação de drogas, o envolvimento em pequenos furtos e a situação de exploração sexual eram exemplos das situações-limites trazidas à discussão pelos educadores.

Mas, foi a partir de 1994, no trabalho em um abrigo para adolescentes, a Casa Moradia¹⁰ Paes de Barros, que recebemos os primeiros casos de meninas adolescentes que faziam uso de crack. Em quatro anos de trabalho nesse abrigo, uma nova história imprimiu suas marcas em minha memória.

Maria¹¹ tinha um olhar meigo e uma facilidade para cativar e, ao mesmo tempo, de afastar as pessoas. Com aparência e modos pueris, seus 15 anos não lhe conferiam um estatuto de mulher. Mestiça de pai negro e mãe branca, magérrima, Maria usava sempre os cabelos bem curtos e eventualmente pequenos brincos que diziam de sua discreta vaidade. Aos doze anos fora violentada por seu pai que fazia uso contínuo de crack. Sua mãe já havia deixado a ela e seus irmãos há algum tempo e como sua avó não conseguia mantê-la a salvo de seu pai, Maria saiu de casa.

Da região metropolitana da cidade para o centro de São Paulo, rapidamente começou também a fazer uso do crack, chegando a se prostituir como forma de obter a droga e viver nas ruas. Não conseguia roubar ou agredir as outras pessoas, mas seus pulsos traziam os sinais para onde se dirigia a expressão de sua violência. Chegou ao abrigo entre os anos de 1995/1996 e foi quando começamos a identificar as situações que faziam com que Maria

¹⁰ “Programa Casa Moradia” foi um dos Programas concebidos pela Secretaria do Menor em 1987. Destinava-se aos adolescentes de 14 a 18 anos que, mesmo engajados em algum tipo de trabalho, estivessem impossibilitados de retornar às suas famílias. A Casa Moradia, como um recurso provisório e voluntário tinha seu funcionamento baseado na gestão democrática e, com o apoio dos educadores, buscava auxiliar os adolescentes na organização de suas vidas.

¹¹ “Maria” nome fictício escolhido para a adolescente.

voltasse às ruas, para usar crack. Procuramos, então, a equipe do Projeto Quixote¹² para um trabalho em parceria, de modo a conseguirmos cuidar de Maria. Já me encontrava, nessa época, como diretor desse abrigo.

Passávamos dias inteiros com Maria andando ao nosso redor, pedindo, dezenas de vezes ao dia, para sair e dar uma “voltinha”. Sabíamos o que essa “voltinha” encobria e, mesmo com a chave disponível na porta, Maria precisava de nossa autorização para sair. Ou melhor, ela precisava de nossa determinação para sustentar o não, o limite necessário para que conseguisse ficar sem usar o crack. Muitos educadores não aguentavam a insistência de sua demanda e, por vezes, Maria saía para sua “voltinha” e recaía no uso da substância.

Ainda que mantido o “não” específico para as suas “voltinhas” ao crack, Maria retornou aos estudos, fazia acompanhamento no Projeto Quixote. Assim mesmo, em 1997, tentou novamente o suicídio. Passou por uma breve internação e, a partir dessa ocorrência, frequentei as reuniões como seu responsável com o grupo de familiares do hospital em que fora internada. Alternávamos na equipe para que diariamente recebesse nossa visita, fato que veio a se mostrar decisivo, nos meses seguintes, em sua recuperação e na qualidade de nosso vínculo.

Em 1998, com o recebimento da notícia do encerramento das atividades do abrigo, iniciamos a difícil tarefa de conseguir vagas para a transferência das adolescentes. Em vias de completar 18 anos, Maria, com sua história no crack, era recusada na maioria dos abrigos. Finalmente uma instituição fora de São Paulo a recebeu.

Mesmo com o término das atividades do abrigo, encerrando-se assim a história da Casa Moradia Paes de Barros, última unidade desse Programa, continuei acompanhando Maria.

Visitava-a aos domingos e, em uma dessas ocasiões, Maria pediu para sair de lá, pois uma senhora italiana, voluntária nessa instituição, queria levá-la para morar com uma família na Itália. Não queria sair do Brasil, sentia-se estimulada e ao mesmo tempo desconfiada com a proposta.

Maria não conseguia se integrar no funcionamento dessa instituição que abrigava por volta de 400 crianças e adolescentes de 0 a 18 anos. Estranhava não poder portar seus álbuns de fotografia e ter que dormir em quartos com vinte ou mais camas; questionava a todos e causava desconforto na octogenária instituição. Desse modo, Maria logo conseguiu que

¹² O Projeto Quixote é uma OSCIP, sem fins lucrativos e é ligada à UNIFESP. Existente desde 1996, busca construir com crianças e jovens em situação de risco social, alternativas eficientes através da arte para os desafios cotidianos de suas vidas, como a violência, o abandono, a falta de referências e o abuso de drogas.

fôssemos chamados para a comunicação da impossibilidade de sua permanência nessa instituição.

Com a ajuda do Assistente Social do Projeto Quixote, foi obtida uma vaga em uma comunidade terapêutica, no interior do estado. E, de tempos em tempos, Maria ligava-me para dar notícias. Soube da passagem de sua condição de paciente para a condição de voluntária nessa instituição e, posteriormente, de sua contratação como funcionária da mesma. Deixou de morar na fazenda que sediava a comunidade para morar junto com a equipe de funcionários em uma moradia na cidade próxima.

Em um de seus últimos contatos, Maria me contava das novidades do seu curso de Letras, como estava entusiasmada com a faculdade e com a possibilidade de vir a tornar-se em breve uma professora.

Nos anos seguintes, pude verificar no trabalho de assessoria técnica, na área da assistência social, junto aos profissionais que atuavam com adolescentes cumprindo medidas socioeducativas de privação de liberdade, abrigos e projetos de complementação escolar, formações discursivas sobre a “menoridade”, particularmente quando se conjugava à questão do uso de substâncias psicoativas à adolescência. Se não se tratava de uma questão de ‘delinquência’ seria, portanto uma questão psicopatológica decorrente da chamada ‘desestruturação familiar’.

Em muitos discursos sobre a questão das drogas não havia outras possibilidades que não fossem as posições extremadas, configurados por concepções maniqueístas, carregadas de juízos de valor e com forte sentido ideológico. De um lado, a condição marginal não como contingência social e historicamente produzida, mas como orientação à criminalidade, em que a “delinquência juvenil” ensejaria sua forma estagiária, atingindo sua máxima potência conservadora ao cair na questão da ‘índole’. O termo índole vem sendo usado por certa psiquiatria baseada na neurolinguística, que, sob a hipótese de estudo do cérebro com base na genética, tem chamado a atenção de certa forma para o caráter "inato" ou "fisiológico" da propensão à droga. Por outro lado, numa outra extremidade, a vitimização dos jovens era acentuada, os adolescentes seriam oriundos de ‘famílias desestruturadas’, a consequência de uma infância ‘mal acabada’, vítimas circunstanciais de pais ‘alcoólatras’, da negligência parental etc. Logo, incapazes de assumirem suas escolhas, legitimando sobre seus destinos a tutela do Estado.

Como extremidades de um discurso estereotipado, facilmente seus extremos comunicavam-se de maneira circular, a depender das circunstâncias que estariam implicadas

nas ações de técnicos da saúde quando lidavam com os casos emblemáticos de adolescentes e drogas.

Também ao trabalhar na área da educação, particularmente na escuta de professores, técnicos e dirigentes, em situações de formação continuada ou supervisão direta do trabalho nas escolas, as referências à adolescência e às drogas comumente traziam aspectos desses extremos entre a ‘inclinação ao delito’ ou a posição passiva de ‘vítima’. Marcados por características específicas do ambiente escolar, ou seja, quando não eram muito semelhantes aos discursos da área da assistência, esses traziam aspectos supostamente científicos, como a questão da determinação genética ou vinham carregados de uma ‘psicologia dos transtornos da aprendizagem’ que tornariam tais adolescentes propensos ao uso de drogas.

Na área da saúde também havia polarizações, ora um discurso baseado nas denominadas ‘evidências médicas’, com forte predomínio das abordagens cognitivo-comportamentais em que se positivava fortemente os transtornos (doenças) em detrimento do sujeito, ou ainda, na vitimização do sujeito, como outra estereotipia que se sobrepunha à sua escuta singular.

Evidentemente, como nos referimos aos extremos presentes nos discursos, também era verificada toda uma gradação nessas formações discursivas. Não obstante, uma tensão do tipo polar se fazia presente.

Para ilustrar a força desse tipo de estereotipia presente nos discursos, cabe apontar a forma como as instituições vinculadas à Fundação Nacional para o Bem-Estar do Menor (FUNABEM)¹³ organizavam seus sistemas de assistência ao encontrar seu anteparo jurídico-institucional nos Códigos de Menores (1927 e 1979).

As modalidades concebidas como ‘menores carentes’, ‘menores assistidos’ e ‘menores infratores’ definiam a porta de entrada nessas instituições, assim como reiteravam as representações sobre sua clientela, determinando seu lugar social.

Nesse sentido, cabe destacar com Pêcheux (1990), a dimensão ilusória do discurso, tanto no que concerne a ilusão de ser o ‘Sujeito’ a origem ou fonte de seu sentido (caráter ideológico), como na ilusão de haver domínio sobre o que se diz, ilusão esquecimento n° 01 e ilusão esquecimento n° 02, respectivamente. Ou seja, ao dizer, o ‘Sujeito’, falaria de um lugar

¹³ A Lei Federal 4.513 de 01/12/1964 criou a Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor - FUNABEM - em substituição ao Serviço de Assistência ao Menor (SAM). Competia à FUNABEM formular e implantar a Política Nacional do Bem-Estar do Menor em todo o território nacional. A partir daí, criaram-se as Fundações Estaduais do Bem-Estar do Menor (FEBEM), com responsabilidade de observarem a política estabelecida e de executarem, nos Estados, as ações pertinentes a essa política.

ideologicamente inscrito e, no seu modo de o dizer, porque poderia dizê-lo de outro modo, (re)atualizaria os sentidos do que diz.

Assim, no discurso, crianças e adolescentes pobres vão sendo enunciados por ‘carentes’, ser tutelado pelo Estado passa, no discurso da ‘menoridade’, a ser denominado por ‘assistido’ e, finalmente, ser objeto das condutas anti-sociais, dito como ‘infrator’. Incluindo nessa última categoria, toda uma gama de representações que iam dos chamados desvios de conduta à infração penal, como podemos verificar em artigo publicado pelo Ministério Público, na Revista *Justitia*, em meados dos anos 80:

“(…) A colocação em lar substituto, constante do inciso III (Código de Menores), refere-se a menores carentes e abandonados. As demais a menores com desvio de conduta, em virtude de grave inadaptação familiar ou comunitária e autor de infração penal, (...), por desvio de conduta deve-se entender o comportamento que, embora não configure infração penal, suscita a reprovação da sociedade, em certo tempo e lugar. Assim, por exemplo, a mendicância, as más companhias, a irreverência religiosa, cívica ou cultural, a embriaguez, a libertinagem, a prostituição, o homossexualismo, o furto doméstico, a indisciplina doméstica, a rejeição escolar e ocupacional, a busca do suicídio (...) o que há em direito do menor, são medidas corretivas, por fatos definidos como infração penal e por comportamento anti-social, cuja aplicação corresponde a uma prestação pedagógica e nunca punitiva (...)” (ELIAS, R.J., 1985, p.57-58)

Ser aquele de quem se espera condutas anti-sociais, ou assumir-se autor de infração penal, propriamente dito, constituindo as posições do sujeito na ordem do discurso que, ao final da enunciação, pretendiam dizer o mesmo.

Dentre as muitas inquietações e desafios vivenciados, essas experiências colocaram-me frente à questão do uso de substâncias psicoativas por crianças e adolescentes, o que me levou, durante esse percurso, ao interesse para a formação em psicanálise e a especialização em farmacodependência, como possibilidades voltadas à melhor compreensão e intervenções nesse campo.

O meu primeiro contato e interesse pela psicanálise nasceram na Escola Oficina, nos grupos operativos em que participávamos regularmente e na relação transferencial com seus coordenadores. A Escola Oficina possuía um colegiado constituído por representantes de diversas áreas, como a administração geral, currículo, orientação psicopedagógica, cultura e recreação, atividades produtivas e saúde. Dessa última, entre seus membros, o psiquiatra e psicanalista Paulo Barnabé, que havia trabalhado na Comunidade Terapêutica *Enfance*, e o psicólogo Odair Sass coordenavam os grupos operativos com a equipe da Escola Oficina. Referindo-se ao trabalho de saúde mental que envolvia toda a equipe, Odair Sass, em depoimento à Revista *Psicologia, ciência e profissão*, declarou no ano de 1986:

“Num primeiro momento, fizemos uma divisão de trabalho e um pessoal da escola ficou ligado à área de saúde. O psiquiatra e o psicólogo propuseram um plano de trabalho em termos de saúde física e mental. Nesse aspecto da saúde mental, percebemos alguns problemas e dificuldades que exigiam uma atuação com os funcionários da escola desde os professores até a equipe operacional e a técnica. Apesar de toda a disponibilidade das pessoas que trabalham ali, não havia uma clareza maior sobre o que é uma criança, o que é um jovem e quais são as dificuldades deles.” (SASS, 1986, p.6)

A possibilidade de problematizar as vivências, nos seus conteúdos manifestos e latentes, buscando novas formas de compreender e intervir sobre as situações limites do cotidiano descortinava, para a minha condição de graduando em educação física, uma nova visão de mundo, na qual eu não era mais um espectador, mas estava implicado em causa e efeito.

Do início de uma análise pessoal à formação em psicanálise, anos mais tarde, participei de grupos de estudos da obra de Freud, com o psicanalista argentino Alejandro Luiz Viviane, de 1988 a 1989. Fiz a formação em grupos operativos no Centro Latino-Americano de Estudos em Saúde Mental¹⁴ entre os anos de 1992 e 1994, sob a coordenação do psicólogo e psicanalista Jorge Broide.

Em 1988, durante a participação no curso de Formação para Educadores de Rua, 6ª turma, da FUNDAP¹⁵, eu havia conhecido Jorge Broide que, na ocasião, tinha proferido uma das palestras sobre o trabalho de rua. Coincidentemente, encontrei, no Centro Latino-Americano de Estudos em Saúde Mental, na figura do Diretor Científico, o sociólogo Irineu Silva Jr, que havia sido um dos mentores do Projeto Escola Oficina.

Assim, conforme ansiava desde os tempos da Escola Oficina, em 1996 iniciei no Instituto Sedes Sapientiae¹⁶, no Departamento Formação em Psicanálise, minha formação como psicanalista, concluindo-a no ano 2000. Paralelamente a minha formação no Instituto Sedes, trabalhei como voluntário por cinco anos na sua clínica social. Lá, emblematicamente, um dos primeiros atendimentos foi um caso de uma paciente com grande sofrimento: havia

¹⁴ Organização não-governamental em São Paulo, composta por uma equipe multiprofissional e fundada por Jorge Broide, como Diretor Presidente, Irineu Silva Jr., como Diretor Científico e Rosa S. Scaramuzzi, como Diretora Técnica. Dentre as suas atividades, o Centro Latino-Americano de Estudos em Saúde Mental oferecia o curso de Formação de Operadores Sociais, a partir do referencial teórico-metodológico proposto por Enrique Pichón Rivière.

¹⁵ FUNDAP – Fundação para o Desenvolvimento Administrativo, subordinada ao Governo Estadual de São Paulo.

¹⁶ O Instituto Sedes Sapientiae, nascido em 1975 e tendo recebido seu estatuto jurídico em 1977, é uma instituição que tem construído um trabalho sólido nas áreas da saúde mental, educação e filosofia caracterizando-se pelo compromisso em analisar e responder as exigências do contexto social para a construção de uma sociedade baseada nos princípios da solidariedade e da justiça social.

perdido, recentemente, um familiar em decorrência de uma pancreatite aguda, se não obtida, seguramente corroborada pelo uso abusivo de álcool.

A especialização em farmacodependência, realizada em 2001 e 2002, junto ao Programa de Orientação e Atendimento ao Dependente (PROAD), da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), foi, como os demais momentos de minha formação, um processo de interrogação constante, entre a realidade concreta do trabalho desenvolvido e os diferentes referenciais teórico-conceituais estudados.

A possibilidade de atendimento de casos de abuso ou dependência de substâncias psicoativas durante esta especialização, realizados no Hospital São Paulo¹⁷, assim como no estágio junto à enfermaria psiquiátrica do Hospital Estadual de Diadema¹⁸, proporcionaram uma importante experiência na clínica das dependências. Também atuei nas oficinas de atendimento a adolescentes do Projeto Quixote como opção de estágio, que, em anos anteriores, tinha sido uma importante retaguarda no atendimento das adolescentes encaminhadas pela Casa Moradia, como no caso da Maria.

Este percurso formativo constituiu-se em processo contínuo na busca de sentidos e ressignificações das experiências com as crianças e adolescentes e da relação que estabeleciam com as substâncias psicoativas, fossem no contexto das ruas, no consultório e nas diferentes instituições.

Ao considerar a retomada de meus estudos, especificamente a realização de um mestrado, a temática adolescência e drogas apontavam como as questões que permeariam a minha pesquisa em minha trajetória. De modo geral, do ponto de vista dos pais, educadores e sociedade em geral, a associação entre adolescência e drogas inquieta, resultando em temores reais ou imaginários.

Quando uma situação real de uso de drogas ocorre, envolvendo filhos, alunos ou conhecidos, a mesma reveste-se com todo o seu caráter de complexidade e dificuldades, tanto na compreensão como em seu manejo. Situações que podem ser da ordem da simples

¹⁷ O Hospital São Paulo (HSP), criado em 1936-1937, atualmente é um hospital universitário geral, porte especial de tratamento de doenças de alta complexidade, atende diariamente mais de 4.500 paciente-ambulatoriais e 1.200 Pronto-Socorro/Pronto-Atendimento, é responsável pela cobertura de uma área que abrange mais de 5 milhões habitantes na Grande São Paulo, além de atender pacientes oriundos de outros estados da federação.

¹⁸ Inaugurado em 2000, o Hospital Estadual de Diadema é o referencial de saúde para cerca de 2,4 milhões de pessoas da Região do ABCD, que compreende sete municípios – Santo André, São Bernardo do Campo, São Caetano do Sul, Diadema, Mauá, Ribeirão Pires e Rio Grande da Serra. Possui uma enfermaria psiquiátrica com 10 leitos para internações breves e voluntárias, específicas para o tratamento de dependências químicas, sendo administrado, desde a sua inauguração, pela equipe técnica do Programa de Orientação e Atendimento a Dependentes (PROAD).

experimentação, movida pela curiosidade ou de uma situação de algum uso abusivo, na maioria das vezes do álcool, são suficientes para disparar o alarme de um verdadeiro pânico.

Esta proposta de pesquisa justifica-se ainda, pelo fenômeno do uso – cada vez mais precoce - de substâncias psicoativas, sejam elas lícitas ou ilícitas, por estudantes brasileiros, pertencentes à escola pública ou privada, independente dos níveis socioeconômicos em que se encontrem, conforme os levantamentos realizados pelo Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas (CEBRID).

Empreendi a proposta deste estudo ao considerar os levantamentos nacionais e motivado pelas questões que me acompanharam nos últimos anos, com suas contradições e polarizações nos temas adolescência e drogas em diferentes contextos institucionais, . Diante da complexidade do assunto e para fugir de polarizações, achei que uma primeira pesquisa de caráter exploratório poderia circunscrever-se ao tema: primeiro: realizar um levantamento sobre as pesquisas produzidas na universidade sobre essa temática; segundo: fazer um levantamento sobre o discurso de professores; e terceiro: apontar novas vertentes teóricas sobre a temática.

Deste modo, escolhi o referencial teórico-metodológico para a “análise de discurso como método de pesquisa em psicologia aproximada da psicanálise” proposto por Guirado (2007) para abordar o discurso dos professores sobre a temática, que, em relação ao método destaca: “... uma estratégia de pensamento que se organiza em torno de um conceito ou de conceitos.” (p.14)

Tal referencial parte de conceitos que se desenham inicialmente na sociologia, filosofia, linguística e psicanálise, articulando-os em uma estratégia de pensamento singular.

Precisamente os conceitos abordados são o de instituição em Guilhon Albuquerque, discurso e análise em Foucault e Mangueneau e ainda o conceito de sujeito em Foucault e Guirado (sujeito-dobradiça).

Toma o conceito de instituição de um ramo da sociologia – análise de instituições concretas - formulado por José Augusto Guilhon Albuquerque, que se encontra apoiado no pensamento contemporâneo de Foucault (ALBUQUERQUE, 1978) como o “conjunto de práticas sociais que se repetem e, nessa repetição, legitimam-se.” (GUIRADO *apud* Guilhon de Albuquerque, 2007: p. 196)

O conceito de discurso está ancorado em uma perspectiva foucaultiana, compreendida em seu pensamento como ato, como práticas discursivas, como instituição. Traz ainda, a dimensão do discurso como relações de poder. (FOUCAULT, 1984)

Em Mangueneau, a análise do discurso francesa – ramo da linguística – em sua vertente pragmática, articula o lugar social e a organização textual, em que não há relação parte-extra-parte. Acompanhando Mangueneau (1997):

“Na perspectiva pragmática, a linguagem é considerada como uma forma de ação; cada ato de fala (batizar, permitir, mas também prometer, afirmar, interrogar, etc.) é inseparável de uma instituição, aquela que este ato pressupõe pelo simples fato de ser realizado.” (p. 29)

O conceito de sujeito foucaultiano designa o indivíduo que é dotado de consciência e de autodeterminação, mas pode também figurar como adjetivo, aquele que está submetido, sujeitado à ação de outros agentes. Nesse sentido, todos os sujeitos são, ao mesmo tempo, dotados de poder, e submetidos à sua ação. (FOUCAULT, 1998)

Em Guirado (2006), o conceito de sujeito é apresentado por meio da metáfora de uma dobradiça, ou ainda como sujeito-dobradiça, na medida em que, por meio da análise ou das “(...) reconstruções a que se chega, que acabam falando ao mesmo tempo dos autores das cenas enunciativas e das condições de enunciação.” (p. 86)

Compreendendo o discurso não como objeto, mas como abordagem, a articulação entre lugar social e coerência textual define, deste modo, o objeto da análise ou o gênero de discurso a ser trabalhado. É preciso ressaltar que a idéia de articulação não pressupõe uma dicotomia entre lugar (social) e texto, como poderíamos incorrer no viés de pensá-los na acepção de contextualização.

Trata-se de olhar para o que se assume autor das cenas enunciativas (enunciação) e das condições desta.

Para efeito deste, procederemos a um recorte, compreendendo o período de 1997 a 2007, relativo às produções discentes (banco de teses da CAPES) em que se conjugam os temas adolescência e drogas.

Buscaremos, ainda, realizar o levantamento de formações discursivas de professores, a partir de um recorte que possibilite a constituição de um *corpus*, por meio da “análise de discurso como método de pesquisa em psicologia aproximada da psicanálise” (Guirado, 2007).

O conceito de adolescência será retomado desde uma perspectiva histórico-crítica e da psicanálise a partir da obra freudiana e demais autores contemporâneos. Também procuraremos tecer considerações sobre as diferentes drogas psicotrópicas de uso e abuso e os tipos de relação estabelecida por seus usuários. Objetivaremos, deste modo, realizar uma reflexão sobre as tendências existentes nos discursos acadêmicos, aqui recortados como

parte de sua produção discente e o discurso de professores sobre adolescência e drogas. Buscamos assim compreender qual a trama que constitui e as suas possíveis implicações.

Capítulo II

O Estado da Arte

Os artigos publicados sobre adolescentes e drogas

Para termos uma dimensão do conjunto de publicações em que o tema adolescência e o uso/abuso de drogas figura, no artigo intitulado Adolescência e saúde mental: revisão de artigos brasileiros publicados em periódicos indexados nacionais, Benetti et al. (2007, p. 1274) identificam 277 referências no período de 1995-2005.

Em relação à distribuição destas publicações, os autores apontam a área da Medicina, como responsável por 60% destas produções, seguindo-se a Psicologia com 22%, Saúde Coletiva com 9% e de Psicanálise com 4%. Das publicações restantes, a Educação Física figura com 0,42% e a área da Educação com 0,21%.

Nesta primeira fase do estudo, a temática das drogas ocupava 29% do conjunto das publicações levantadas. Observe-se, no entanto, que a formulação adolescência e saúde mental definiram, no estudo destes autores, a priori, uma tendência de maior expressão em publicações nas áreas da saúde, pela referência à saúde mental, conforme ressaltado na segunda etapa de depuração da pesquisa.

Nesta, foram *excluídas as publicações que não fossem de periódicos específicos sobre saúde mental*, o conjunto foi reduzido de 973 para 267 publicações. Ainda 65 artigos foram classificados na categoria abuso de substâncias psicoativas. (grifo próprio)

Os autores assinalam que 50% dos trabalhos foram publicados a partir de 2001. Pouco mais da metade foram identificados seguindo uma metodologia quantitativa (53%), em uma perspectiva qualitativa (23%) e, a diferença restante dos trabalhos (24%), como produções teóricas fundamentadas em análises documentais.

De todo o modo, neste estudo, podemos verificar que a temática adolescente (e saúde mental) e a relação com as drogas ocupa significativa expressão.

Cabe ressaltar que, no estudo de Benetti et al (2007), em sua segunda etapa, não foram consideradas teses, tampouco resenhas, livros, capítulos de livros, guias médicos, nem informativos governamentais. As bases de dados pesquisadas foram LILACS, MEDLINE, Index Psi e SciELO.

A presença do tema adolescente/drogas nas teses e dissertações universitárias pode ser um bom indicador da preocupação com o tema e de seu interesse no imaginário de educadores

e técnicos de saúde. Nesse sentido, como forma de examinar também a sensibilidade sobre o tema nos meios acadêmicos produtores de pesquisa, a seguir, passaremos a examinar a produção discente em algumas universidades reconhecidas pela sua produção de pesquisas de forma geral. Para tanto, por meio do banco de teses da CAPES, escolheu-se realizar este levantamento considerando as regiões sul e sudeste, por meio de suas Universidades Estaduais, Federais e a Pontifícia Universidade Católica destes estados, como uma universidade privada, bem como a Universidade de Brasília, pela expressão tanto quantitativa como qualitativa de suas produções sobre o tema.

As dissertações e teses sobre adolescentes e drogas

O levantamento de dissertações e teses sobre adolescência e drogas, realizadas no período de 1997 e 2007, por meio do banco de teses da CAPES, fornece-nos um conjunto das produções discentes no período. A partir deste conjunto, mais do que a realização de um estado da arte exaustivo, procederemos a uma análise, buscando rever e analisar criticamente, objetivando identificar quais as áreas de concentração destas pesquisas, bem como, levantar as questões propostas e verificar as suas conclusões. A análise destas produções poderá indicar algumas tendências, ou ainda, focos ou aspectos não desvelados, com a possibilidade de construção de algumas hipóteses.

Deste modo, inicialmente apresentaremos a composição e organização dos dados levantados empiricamente, considerando as características que este conjunto permite-nos apontar e estabelecer algumas relações entre os dados, de modo a permitir um olhar crítico para o período, procedendo, a seguir, a uma análise por categorias e subtemas.

O levantamento foi realizado a partir das palavras-chave adolescência e drogas, e as instituições pesquisadas foram a Universidade de São Paulo (USP), Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP), Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUCRJ), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRGS), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UNIRIO), Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Universidade de Brasília (UNB), Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP); Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG); Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR), Universidade Federal do Espírito Santo (UFES); Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), Universidade Federal do Paraná (UFPR) e a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

O total de trabalhos levantados constitui um conjunto de 45 pesquisas discentes, composta por 32 dissertações de mestrado (71%) e 13 teses de doutoramento (29%).

No período de 1997 a 2007 inclusive, temos a seguinte distribuição das produções conforme Tabela 01:

Ano/produção	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007
Mestrado	01	-	01	01	01	03	04	05	05	09	02
Doutorado	02	01	-	01	02	-	02	-	01	01	03

Tabela 01: Distribuição das dissertações e teses sobre o tema adolescência e drogas de 1997 a 2007.

Deste modo, podemos visualizar a soma das produções de dissertações e teses no período, com um expressivo aumento a partir do ano de 2003, com quatro dissertações e duas teses; chegando, em 2006, a um maior número de produções, com oito dissertações de mestrado e uma tese de doutorado, conforme gráfico abaixo:

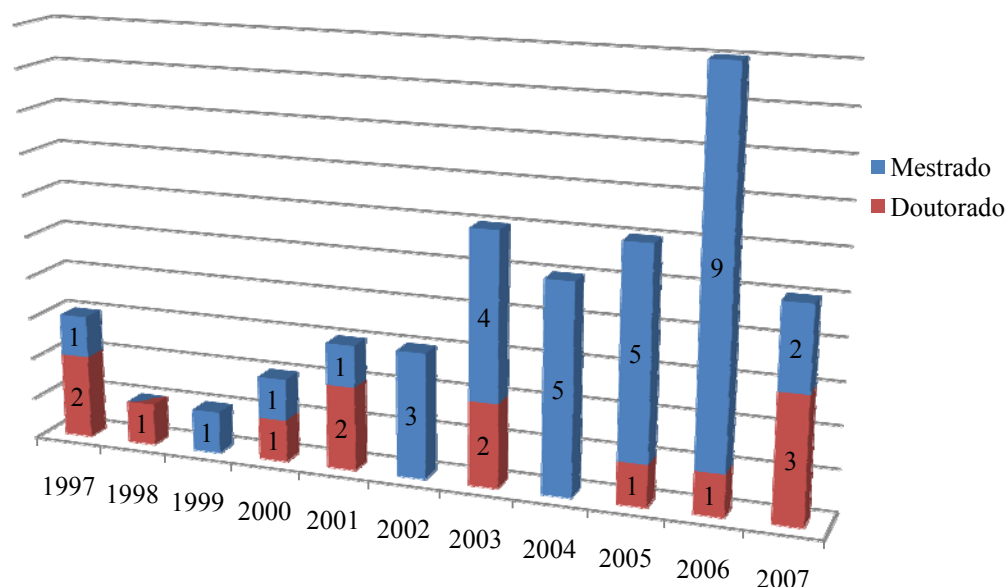


Gráfico 01 – Distribuição das dissertações e teses sobre o tema adolescência e drogas de 1997 a 2007.

Ainda podemos verificar que, no período de 1999 a 2001, consta a produção de uma dissertação por ano sobre o tema. Apresenta um crescente aumento a partir de 2002 (03 dissertações) até 2006 (09 dissertações) e retorna a duas dissertações no ano de 2007. Neste sentido, podemos afirmar, no período de 1997 a 2007, uma tendência crescente em relação à produção discente em dissertações de mestrado sobre o tema adolescência e drogas.

Em relação às teses de doutoramento, nos anos de 1998, 2000, 2005 e 2007, verificamos uma produção ao ano. E, em 1997, 2001, 2003, duas produções. Somente em 2007 encontramos 03 teses de doutorado, não sendo possível afirmar uma tendência, ainda que a mesma apresente um discreto aumento, conforme Gráfico 02:

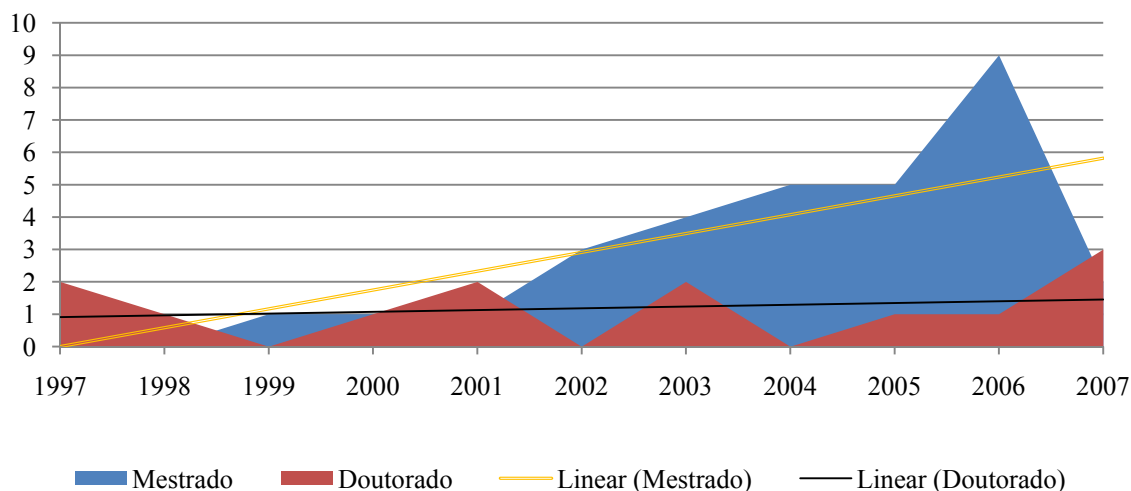


Gráfico 02: Dissertações e teses sobre o tema adolescência e drogas - tendências no período de 1997 a 2007.

Se olharmos para o maior número de produções discentes, de pesquisas sobre o tema adolescência e drogas por Universidade, temos, neste conjunto levantado, a UNESP com o maior número de produções, com cinco (05) dissertações de mestrado e duas (02) teses de doutoramento, totalizando sete (07) pesquisas; seguida pela USP de Ribeirão Preto, com quatro (04) dissertações e duas (02) teses. Imediatamente, temos a PUC do Rio Grande do Sul com quatro (04) dissertações e uma (01) tese.

A UNICAMP, juntamente com a UFRGS, aparece com três (03) dissertações de mestrado e ambas com uma (01) tese de doutoramento. A UNB empata, no total de produções, com a UNICAMP e a UFRGS, com quatro (04) pesquisas; porém, a UNB apresenta diferente distribuição em sua produção: duas (02) dissertações e duas (02) teses. Neste conjunto, com quatro (04) produções, também encontramos a USP de São Paulo, destacando-se por apresentar uma (01) dissertação de mestrado e três (03) teses de doutoramento.

Deste conjunto, das 42 produções discentes, teremos ainda dispostas, a UNIFESP com duas (02) dissertações de mestrado e uma (01) tese de doutoramento; a UFES e a UFPR com duas (02) dissertações e, por fim, a UFRJ, a PUCRJ, a UFSC e a PUC de São Paulo, todas com uma (01) dissertação cada. (Gráfico 03)

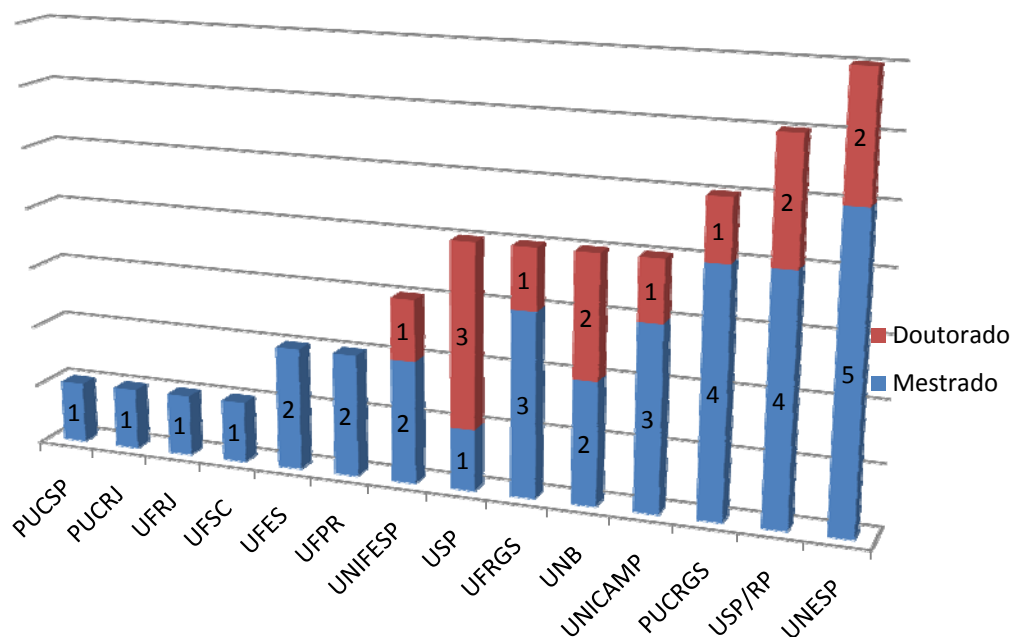


Gráfico 03: Dissertações e teses sobre o tema adolescência e drogas - classificação por Universidade, no período de 1997 a 2007

O conjunto das produções encontra-se disposto em oito áreas do conhecimento, com maior concentração em Psicologia, 14 dissertações e 04 teses (43%); seguido pela Educação com 05 dissertações e 02 teses (17%) e nas Ciências Médicas, em Psiquiatria com 04 dissertações e 01 tese (12%). Temos, então, na Saúde Coletiva 03 dissertações e 01 tese (9%), em Psicobiologia 02 dissertações e 01 tese (7%), na Enfermagem com 02 teses (5%), nas Ciências da Saúde com 01 dissertação e 01 tese (5%) e, por fim, na Saúde Pública com 01 tese (2%), conforme Tabela 02 e Gráfico 04.

Áreas de conhecimento	Mestrado	Doutorado	Total
Psicologia	16	4	18
Educação	6	2	7
Ciências Médicas: Psiquiatria	4	1	5
Saúde Coletiva	3	1	4
Psicobiologia	2	1	3
Enfermagem	-	2	2
Ciências da Saúde	1	1	2
Saúde Pública	-	1	1
Totais	32	13	45

Tabela 02: Distribuição das dissertações e teses sobre o tema adolescência e drogas pelas áreas de conhecimento de 1997 a 2007.

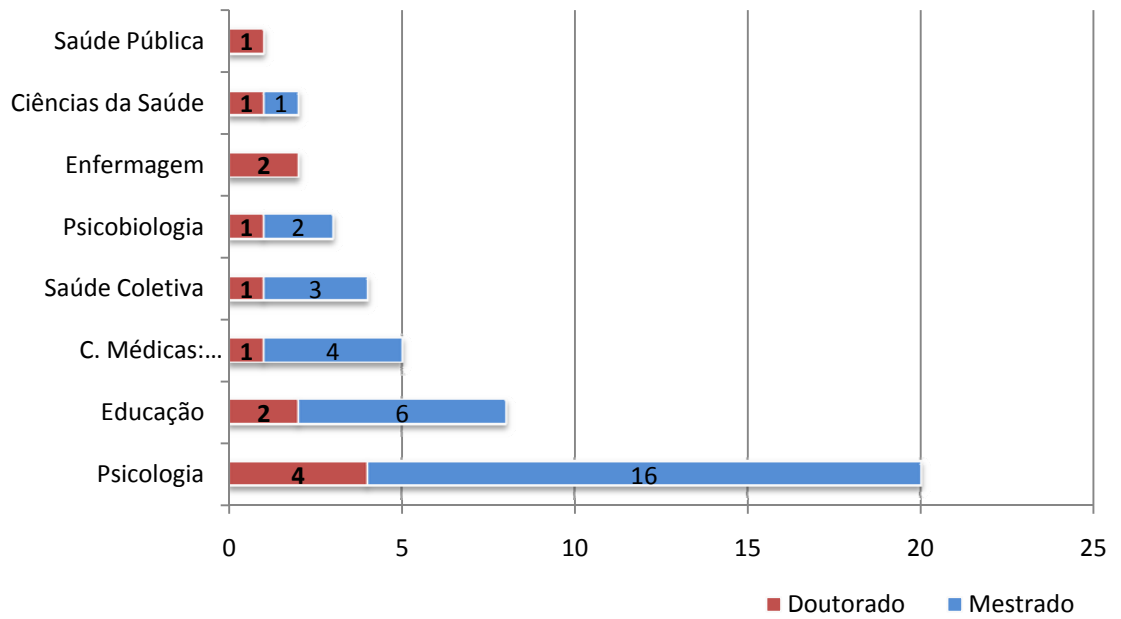


Gráfico 04: Distribuição das dissertações e teses sobre o tema adolescência e drogas pelas áreas de conhecimento de 1997 a 2007

Vemos também a distribuição em percentuais por meio do Gráfico 05.

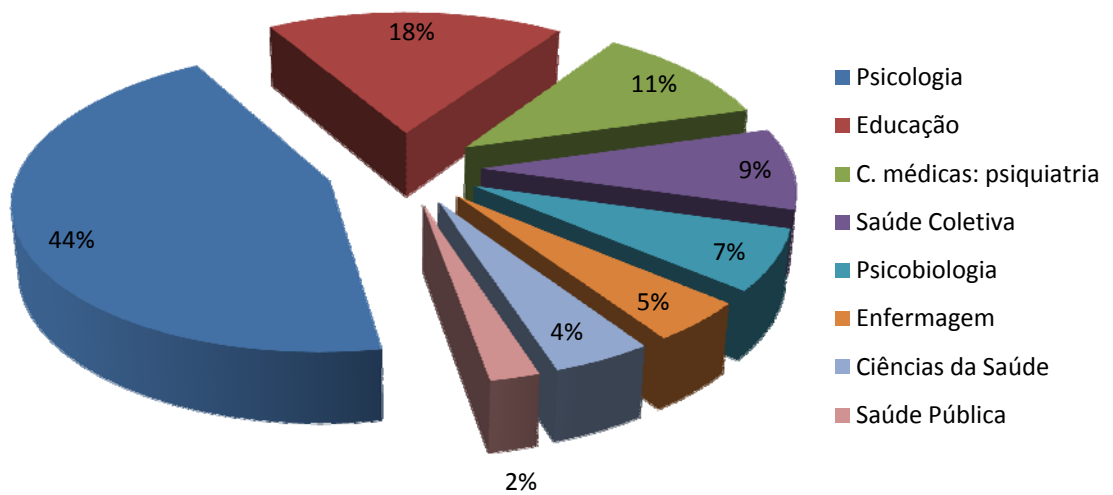


Gráfico 05: Distribuição em percentual das dissertações sobre o tema adolescência e drogas e teses pelas áreas de conhecimento de 1997 a 2007.

Se formos observar a distribuição das dissertações e teses, por áreas do conhecimento, a psicologia e a educação resultam em 60% da produção de pesquisas discentes no período.

Verificando-se em separado, as dissertações de mestrado das teses de doutorado, a psicologia apresenta exatamente o dobro de produção discente no doutorado - quatro (04), sendo duas (02) teses na educação e, quase três vezes mais de produção em pesquisas no mestrado - catorze (14), sendo quatro dissertações (04) na educação.

Verifica-se regularidade em orientação destas produções discentes, pois, em relação aos orientadores, temos, a partir de 1997, Sudbrack, Maria de Fátima Olivier pela UNB, na área da Psicologia, com uma (01) orientação de mestrado e duas (02) orientações de doutorado em 2001 e 2002 respectivamente. Também encontramos com três orientações, Martins, Raul Aragão pela UNESP, na área da Educação com duas (02) orientações de doutorado em 2005 e 2006 respectivamente, e uma (01) orientação de mestrado em 2006. O número de orientadores com três (03) orientações sobre esta temática, no período levantado, representa (5%) do conjunto.

Ainda em relação ao número de orientações sobre o tema, neste período (1997-2007), com duas (02) orientações cada, encontramos Oliveira, Margareth da Silva, pela PUCRS, na área da Psicologia, com orientações de mestrado em 2005 e 2007; bem como, Pechansky, Flávia, pela UFRGS com orientações de mestrado em 2006 na área das Ciências Médicas: Psiquiatria. Em 2003, temos duas (02) orientações de mestrado com a orientação de Santos, Manoel Antonio dos, pela USP de Ribeirão Preto, na área da psicologia. O número de orientadores com duas (02) orientações sobre esta temática, no período levantado, representa (8%) do conjunto.

Nas demais 33 pesquisas discentes levantadas (87%), encontramos apenas uma (01) produção por orientador. Neste sentido, podemos verificar uma dispersão no tocante a um seguimento das pesquisas que relacionam a temática das drogas junto à população adolescente, no que se refere ao orientadores.

Em relação à abordagem metodológica, 22 das produções discentes foram realizadas por meio de pesquisas quantitativas, 19 por meio de pesquisas qualitativas, sendo quatro (04), das produções do conjunto, que trabalharam com uma metodologia de pesquisa quantitativa/qualitativa. Duas (02) das pesquisas com abordagem quantitativa/qualitativa foram teses de doutoramento realizadas na área da educação pela UNESP, em 2005 e 2006 respectivamente; um (01) doutorado pela USP em Ciências da Saúde em 2007 e um (01) mestrado pela UFRGS em Ciências Médicas: Psiquiatria em 2006.

O fato de identificarmos estudos quantitativos e qualitativos, no período de 2006-2007, indica uma tendência mais atual no tocante a esta abordagem. As duas teses de doutoramento em educação pela UNESP, com abordagem quantitativa/qualitativa, tiveram

um mesmo orientador, Martins, Raul Aragão. Estas duas (02) teses tiveram por objeto de pesquisa, a investigação sobre o uso abusivo de álcool entre adolescentes.

A presença de um grande número de dissertações de mestrado sobre a temática, adolescentes e drogas, 32 dissertações, representando 71% do conjunto de produções, pode nos indicar o interesse que o tema tem se apresentado para jovens pesquisadores. No entanto, ainda sobre o tema adolescente e drogas, no levantamento realizado, não se verificou um prosseguimento de pesquisas nas teses de doutorado, por quem inicialmente pesquisou o tema no mestrado. Talvez esse dado esteja a indicar a pouca problematização teórica sobre a questão, incapaz de sustentar a continuidade de uma pesquisa em nível de doutorado, e incapaz também, de se tornar o tema norteador de um orientador e seu grupo de pesquisa.

As substâncias psicoativas nas pesquisas levantadas

Do conjunto das produções em relação às substâncias psicoativas, encontramos cinco (05) estudos sobre o álcool (Armani, 2007; Diemen, 2006; Mezzaroba, 2006; Lepre, 2005 e Mozini, 2002). Quanto às conclusões encontramos referências ao álcool em outras duas (02) pesquisas (Nogueira, 2006; Scivoletto, 1997).

Sobre o tabaco, encontramos especificamente um (01) estudo, associado ao álcool (Mozini, 2002) e em seus resultados em (Scivoletto, 1997).

Sobre a cocaína e o crack, embora não explicitado em seus objetivos, aparecem referências nos resultados das pesquisas de (Baptista, 2005; Noto, 1998 e Scivoletto, 1997).

Em relação ao uso e abuso de maconha, verificamos o estudo com relação às habilidades sociais (Wagner, 2007) e nos seus resultados/conclusões, além deste, verificamos também um estudo (Scivoletto, 1997) sobre as características dos adolescentes em tratamento para o uso de drogas. Particularmente, este autor trabalha com um grupo com a média de 15 anos de idade, no qual se verificou que o primeiro consumo de drogas ocorreu por volta dos 11 anos de idade, indicando que o início se deu com o consumo de álcool, seguido pelo tabaco, maconha, cocaína e crack.

Nesse sentido, os estudos seguem os alertas das campanhas de saúde. Primeiro, o combate governamental e globalizado contra o cigarro. Segundo, a idéia de que a maconha não seria tão má, o álcool em adolescentes um pouco pior - mas o perigo é que ambos, álcool e maconha, são ligados ao mal terrível de ser porta de entrada para outras drogas mais pesadas, como o crack e a cocaína, que destroem o sujeito de forma irreversível. Trata-se de teses e dissertações que seguem o pensamento politicamente correto de uma ciência calcada no positivismo estreito e no puritanismo difundido por pastores, padres, agentes de saúde, médicos que têm acesso à mídia e seus agentes que recobrem com estatísticas cada vez mais alarmantes o velho e sisudo discurso moralista antidrogas.

Não foram verificados estudos sobre referências ao uso/abuso de solventes e/ou inalantes, no presente levantamento, com objetivos de pesquisa ou em seus resultados. Isso indica uma preocupação com usuários de drogas que ocupam posições mais altas na escala social. No entanto, Abramovay e Castro (2002), quanto à observação relatada por estudantes de ensino fundamental (5ª a 8ª série) e ensino médio, sobre o que eles já viram sobre o uso e o tipo de droga utilizada, as autoras identificam que “os inalantes predominam nas capitais

estudadas do Norte/Nordeste e Centro-Oeste, enquanto a cocaína em pó tem maior incidência no Sul/Sudeste.” (p. 227)

Em estudo mais recente, o V Levantamento Nacional Sobre o Uso de Drogas Psicotrópicas entre Estudantes do Ensino Fundamental e Médio da Rede Pública de Ensino, nas 27 Capitais Brasileiras, identificou que depois do álcool e tabaco, os solventes continuam sendo as drogas com maior uso na vida. Aponta ainda, as regiões Centro-Oeste, Nordeste e Sudeste, com índices superiores, respectivamente, à média nacional.

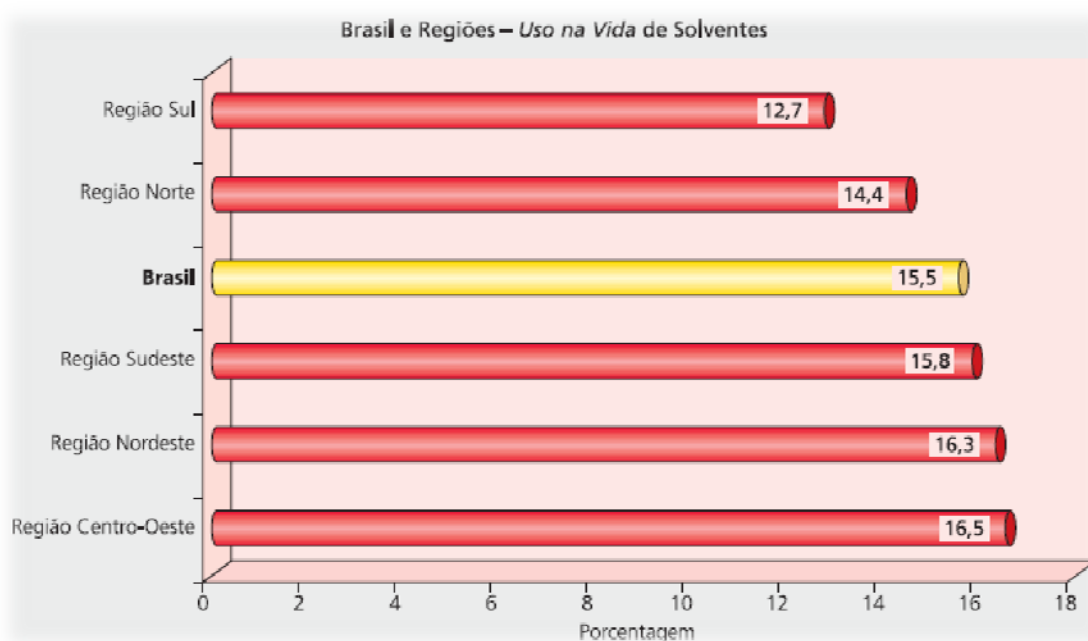


Gráfico 06: Comparação do uso na vida de solventes entre Brasil e as suas cinco regiões em 2004.
Fonte: V Levantamento Nacional Sobre o Uso de Drogas Psicotrópicas entre Estudantes do Ensino Fundamental e Médio da Rede Pública de Ensino nas 27 Capitais Brasileiras (CARLINI et al, 2004, p. 314)

Esta verificação, em relação a outros países, coincide com estudos anteriores: Tradicionalmente, o uso na vida de solventes é alto no Brasil (Carlini-Cotrim et al., 1989; Carlini et al., 1990; Galduróz et al., 1993; Galduróz et al., 1997).” (Carlini et al, 2004, p. 368).

O Brasil evidencia-se, em relação a outros países, quanto ao percentual de uso de solventes na vida (15,4%), como podemos verificar:

Grécia (15,0%), Estados Unidos e Barbados (12,4%), Alemanha e França (11,0%), Dinamarca e Finlândia (8,0%), Chile (7,9%), Itália e Holanda (6,0%), Equador (2,6%), Venezuela (2,7%), Uruguai (1,7%) e Paraguai (0,7%) (CONACE, 2005; E.M.C.D.D.A., 2005; NIDA, 2005; CICAD, 2005). (Ibid 2004, p. 368)

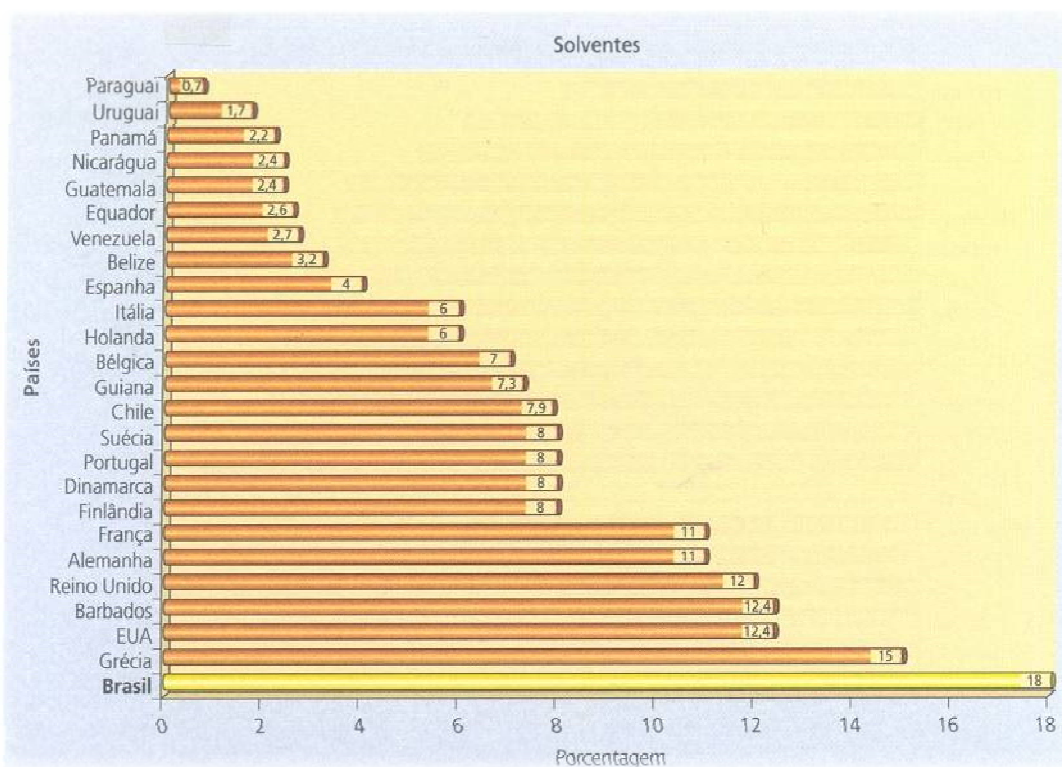


Gráfico 07: Comparação do uso na vida de solventes no Brasil com outros países (CONACE, 2005; CICAD, 2005; EMCDDA, 2005; ESPAD, 2005; NIDA, 2005).

Fonte: V Levantamento Nacional Sobre o Uso de Drogas Psicotrópicas entre Estudantes do Ensino Fundamental e Médio da Rede Pública de Ensino nas 27 Capitais Brasileiras (CARLINI et al, 2004, p. 356)

Considerando a relevância em relação à questão de uso de solventes, observado nos estudos de Abramovay e Castro (2002) e em Carlini et al. (2004), é notório o fato de que, no levantamento do conjunto fornecido pelas 45 produções discentes de 1997 a 2007 sobre adolescência e drogas, não haver referências a objetivo ou resultados das respectivas produções a estas substâncias. O dado é apresentado como um fato tradicional de o Brasil ser campeão no uso de colas e outros solventes como drogas — mas não se faz qualquer elo entre esse dado e o fato de ser usado por parcelas de meninos e meninas em situação de maior precariedade e risco social por ser acessível e barata,

Referências à comorbidades psiquiátricas

Em estudo com referência às comorbidades psiquiátricas, encontramos uma (01) pesquisa (Cauduro, 2005) que busca estabelecer a relação entre o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) e o uso de drogas na adolescência, verificou-se a relação de ocorrência de TDAH (36,7%), em relação ao grupo controle, considerado pelo autor como um indicador expressivo.

Não explicitamente referindo-se à comorbidades, (Diemen, 2006) realiza um estudo para aferir impulsividade e sua relação com a idade de primeiro consumo de álcool (IPCA) e transtornos por uso de substâncias (TUS). Os resultados, segundo o autor, indicam forte associação entre impulsividade e os termos correlacionados, IPCA e TUS.

A própria noção de ‘comorbidades psiquiátricas’ constitui um artefato discursivo que, de simples compreensão em seu enunciado, o de morbididades, simplesmente transtornos associados, ocultariam o sujeito a quem se refere o sofrer.

Parte da afirmação das doenças ou transtornos, como algo concreto, que possui existência própria. Fruto de uma construção conceitual, a nosografia psiquiátrica atual ascendeu ao primeiro plano como estatuto da doença, manifesto por meio de seus sinais e sintomas, em detrimento do sujeito que sofre e que teria um dizer de seu sofrimento.

“(…) Toma-se como soberano critério a rapidez na produção do efeito sobre o sintoma. E o que resta ao sujeito, o que se pede, como se o considera, resume-se à obediência, à prescrição e ao aconselhamento do médico. Pede-se, considera-se, portanto, o sujeito como assujeitado, no sentido de submisso a um discurso.” (NOGUEIRA FILHO, 2008, p.16)

Silenciado e não podendo mais forjar um discurso singular sobre o seu sofrer, restaria ao sujeito da psiquiatria, agora reduzido a um objeto funcional, resignar-se, correspondendo aos sinais e sintomas que lhe são propostos. Portanto, cabe a esse sujeito identificar-se com as categorias propostas pelo DSM-IV¹⁹, como possibilidade de (re)conhecimento pelo outro (psiquiatra), recebendo assim, um código no CID²⁰ e por fim, ser tratado (medicalizado).

“(…) Ela (psiquiatria) reconstitui o ser das enfermidades a partir dos efeitos estritos dos medicamentos e torna tal reconstituição o vetor operatório de sua construção teórica. Aliás, na construção realizada a partir dos psicofármacos, pode-se constatar com certa facilidade que o ser da enfermidade é concebido numa perspectiva marcadamente *funcional*, tornando-se secundária toda e qualquer visão *histórica* sobre ele. Se o medicamento pretende regular um mero *transtorno*, não há por que

¹⁹ DSM-IV: Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders (Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais) atualmente em sua 4ª Ed.

²⁰ Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde – CID-10

se preocupar com qualquer construção *temporal* e histórica sobre o ser da doença. Em outras palavras, o transtorno decorrente da enfermidade é uma simples *disfunção* a ser regulada pelo psicofármaco.” (BIRMAN, 2001, p.23)

Em sua análise sobre as relações entre a psicanálise e a psiquiatria hoje, o psicanalista Joel Birman prossegue, analisando a idéia de etiologia e seu não-lugar no discurso psiquiátrico atual:

“(…) Desse modo, na atual cartografia psiquiátrica, a idéia de uma etiologia das perturbações do espírito é deixada em segundo plano, sendo no limite, recusada como categoria de leitura teórica. Com efeito, a categoria de etiologia não apenas se opõe às noções de estado e função, como não exige qualquer forma de recurso às categorias de tempo e história para a leitura que faz das perturbações do espírito.” (Idem, p. 23)

Neste sentido, as produções que buscam associar uma doença psiquiátrica como comorbidades, associadas ao uso de substâncias têm, na realidade, se prestado a reiterações de um discurso hegemônico que, ao formular suas próprias evidências, produziria (a psiquiatria) nada além do eco de seu próprio discurso. Formularia, de tal modo, uma natureza e práticas supostamente objetivas, comumente defendidas, como uma medicina baseada em evidências.

Oportuno ressaltar o deslocamento sofrido no próprio discurso psiquiátrico, evidenciado nas reformulações dos Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders (DSM), particularmente a sua atual versão o DSM-IV, conforme observou a historiadora e psicanalista Elisabeth Roudinesco. De 1952 a 1994, o referido manual foi progressivamente abandonando os pressupostos de uma psiquiatria dinâmica, renunciando as idéias de que os distúrbios psíquicos e mentais, sofridos pelos sujeitos, guardariam estreita relação com sua histórica singularidade inconsciente, sua posição na família e demais relações em seu meio. (ROUDINESCO, 2000, p.42-52)

Deste modo, ao chegar a sua atual versão, este manual tem se caracterizado por ser um compêndio de uma extensa categoria de transtornos formulados, constituídos por comportamentos considerados patológicos que se organizam na lógica dos sinais, sintomas, diagnóstico e tratamento. Invariavelmente, nessa lógica, o psicofármaco está associado à idéia que se tem dessa forma de tratamento.

Resulta, como sujeito da atual psiquiatria, uma vez desconsiderada sua história, sua possibilidade de falar de seu sofrimento – sua experiência/existência singular, enfim, sua subjetividade, logo, um sujeito objetivado, somático e genérico.

Referências à escola no levantamento realizado

No levantamento realizado, encontramos, nas 45 dissertações e teses, nove (09) produções cujo objetivo indica, na população pesquisada, referências à escola (Armani, 2007; Garcia, 2007; Mezzaroba, 2006; Kappann, 2005; Cuvelo, 2004; Flores, 2004; Tohr, 2003; Mozini, 2002 e Figueiredo, 1997).

Verificamos, também, nos resultados das produções e identificamos referências à escola em outras cinco (05) produções, além dos autores apontados acima, (Camara, 2006; Millani, 2005; Pratta, 2003; Fernandes da Silva, 2002 e Bahls, 2002)

A escola figura, na maioria das pesquisas, como contorno da população pesquisada, estudantes de ensino fundamental e ou médio, bem como nas comparações entre estudantes de escolas públicas e privadas.

Encontramos ainda, em seus resultados, referências à escola como tendo um papel importante, assim como a igreja, na formação dos jovens (Camara, 2006). Para outra autora (Millani, 2005), a família e a escola têm grande importância, tanto nos aspectos relacionados ao uso e abuso de drogas, quanto aos fatores de proteção.

Nos aspectos preventivos, (Pratta, 2003) aponta que as ações de prevenção devem envolver tanto os adolescentes quanto a escola e a família. Destaca que determinados aspectos nestes ambientes podem funcionar como fatores de risco, ou de proteção em relação à questão das drogas, conforme também verificado dois anos mais tarde no estudo de Millani, 2005.

Em uma pesquisa anterior (Fernandes da Silva, 2002) sobre as representações sociais de adolescentes sobre as drogas e sua prevenção, aponta a escola, bem como a família, a mídia e os amigos como fonte de valores e crenças em que se ancorariam as informações recebidas por estes adolescentes.

Em uma mudança de perspectiva, em que a escola é referida na perspectiva dos educadores (Figueiredo, 1997), esse pesquisador aponta que estes da rede de ensino municipal de Vitória - ES, em suas representações, trazem uma escola como instituição que nunca se omite e que não rejeita os alunos usuários, sempre comunicando o fato à família. Ainda, o educador aparece como um profissional que traz informações seguras sobre o tema das drogas e que estaria disponível ao trabalho integrado com profissionais de outras áreas para o trabalho de prevenção nas escolas quanto ao uso de drogas.

O levantamento das pesquisas discentes, guardando as devidas proporções, nas variações quanto aos seus objetos pesquisados e resultados encontrados, aponta-nos poucas

experiências em resultados inovadores, ou melhor dizendo com descobertas ou pistas que permitam avançar em novas pesquisas.

Tratar-se-ia de um esgotamento do tema no que concerne a estas pesquisas? Ou ainda, em uma qualidade questionável nas pesquisas levantadas? Acreditamos que não.

Verificamos que, nos diferentes recortes e aprofundamentos objetivados nas distintas pesquisas constantes deste levantamento, há uma trama circular entre as formações discursivas, construídas ao longo do século XX, sobre o conceito de adolescência que encontra no discurso sobre as drogas os fatores de vulnerabilidade, bem como os respectivos fatores de proteção, como pano de fundo de incitação e determinante na direção dos estudos.

Retomaremos a questão dessa trama no capítulo sobre a discussão entre o estado da arte, as substâncias psicoativas e o conceito de adolescência.

Capítulo IV

Os dados de campo

A expressão da droga no discurso de professores

Como campo para obtenção de dados deste estudo, foi escolhido um dos temas lançados no fórum virtual, denominado “Discutindo: Espaço destinado à livre discussão entre os educadores”. Este fórum é sediado em um site denominado “Educação Pública” do Governo do Estado do Rio de Janeiro, Secretaria de Estado de Ciência e Tecnologia em parceria com a Fundação Centro de Ciências e Educação Superior a Distância do Estado do Rio de Janeiro – CECIERJ²¹.

Esta análise parte, como abordagem metodológica, da ‘análise de discurso’ de professores, ou mais precisamente, *a análise de discurso como método de pesquisa em psicologia aproximada da psicanálise* (Guirado, 2007), com base em opiniões registradas em uma página da internet, tomada aqui como *corpus* desta análise.

Importante observar que o site ressalta que o (fórum) “(...) *Discutindo foi criado para que os professores troquem idéias e sugestões entre si,*” ainda assim, verifica-se a publicação de postagens, por outros públicos além dos professores/educadores de modo geral, como opiniões de alguns pais e de adolescentes que ora se apresentam como alunos.

Não têm, portanto, efeito de pesquisa que se propõe generalizar afirmações a respeito do tema, ou ainda, expressar a percepção de docentes da escola pública brasileira sobre a questão das drogas. O campo escolhido não se caracterizaria como amostragem representativa a uma abordagem quantitativa para qualquer generalização, não obstante, para efeito de uma análise qualitativa sobre as formações discursivas postadas, objetiva, por meio do exercício da “*análise de discurso como método de pesquisa em psicologia aproximada da psicanálise*” (idem), encontrar elementos que possibilitem novas formas de compreensão, bem como, a formulação de novas hipóteses a serem ulteriormente investigadas sobre o tema.

A seção “Discutindo”, como um fórum para fomentar discussões e trocas entre educadores sobre temas e polêmicas relacionadas à educação, foi criada em novembro de 2001.

²¹ http://www.educacaopublica.rj.gov.br/discutindo/discutindo.asp?cod_per=59

Verificamos também que , no ano de 2002, este mesmo site lançou na seção “Discutindo” o tema “*As drogas já chegaram à sua escola? Como você enfrenta esse problema?*” Nesse fórum, foram registradas até março de 2010, 21 postagens, sendo 13 no próprio ano de 2002 e, a partir de 2005, uma média de uma a duas postagens por ano.

Em 11 de julho de 2006, o “Discutindo” retoma essa temática, modificando a questão anterior. Não pergunta mais se as drogas chegaram à escola, mas partindo de um imperativo propõe como questão: “*Drogas na escola: como combater o problema?*”

Em estudo comparativo quanto à prevalência do uso de drogas em geral no Brasil, no ano de 2001, verificou-se que 19.4% dos entrevistados já haviam usado algum tipo de droga e que, em 2005 este número havia chegado a 22,8%²², ocorrendo um aumento de 3,4%. Deste modo, poderíamos inferir que o conhecimento do acréscimo nessa variação teve alguma influência sobre a recolocação (pelo fórum) da questão em 2006? Ou ainda, representaria uma mudança quanto à percepção das drogas nas escolas como uma presença efetiva?

Escolhemos e acompanhamos o tema desse fórum (2006), desde o seu início, por aproximadamente 42 meses, até o final de 2009. Período em que efetuamos um corte temporal para efeito deste estudo, não obstante as postagens continuassem no ano de 2010.

Cabe ressaltar que o tema, tal como proposto pelo site “Educação Pública”, foi de iniciativa de seus dirigentes, bem como, durante todos os meses de acompanhamento, não efetuamos quaisquer postagens no referido fórum, procurando não interferir no curso das manifestações.

No período relativo a este corte temporal, em uma primeira classificação, foi contabilizado o número de 104 postagens, sendo que 41 destas (39%) se referiam a dúvidas, pedidos de informações e solicitações de indicação de materiais didáticos relativos ao tema; 13 postagens (13%) tinham a natureza de depoimentos, manifestações outras e 50 postagens referiam proposições frente ao tema (48%).

Distribuição das 104 postagens em uma primeira classificação

²² II Levantamento domiciliar sobre o uso de drogas psicotrópicas no Brasil : estudo envolvendo as 108 maiores cidades do país : 2005 / E. A. Carlini (supervisão) [et. al.], -- São Paulo : CEBRID - Centro Brasileiro de Informação sobre Drogas Psicotrópicas: UNIFESP - Universidade Federal de São Paulo, 2006.

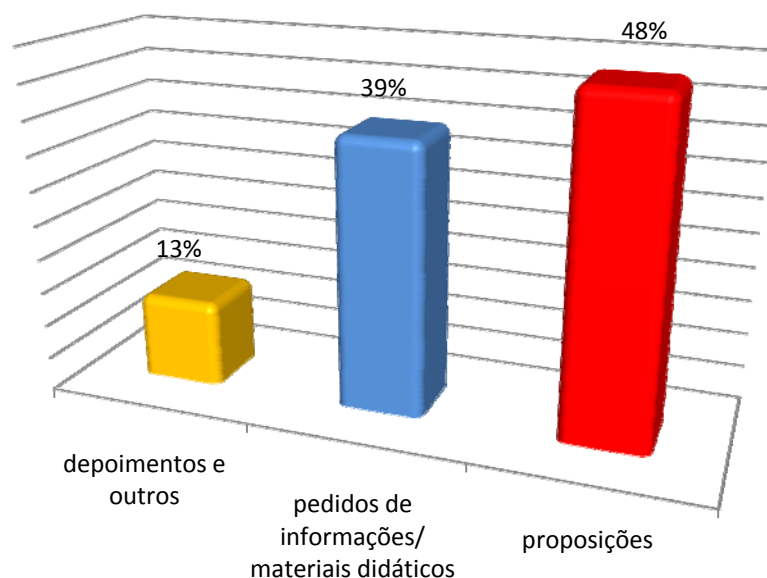


Gráfico 08: Distribuição das 104 postagens de professores em uma primeira classificação

Sobre a expressiva manifestação quanto à solicitação de maiores informações sobre o tema (39%), encontramos pedidos de indicação de filmes e vídeos, pedidos de materiais didáticos e sugestões que auxiliassem na elaboração de propostas para o trabalho sobre o tema na escola. Assim como, uma vez iniciados os ‘projetos’, também se procuravam por sugestões de filmes/vídeos, sites, livros, artigos, jogos educativos para ‘passar’ o tema aos alunos. Verificamos ainda, solicitações de indicação de materiais específicos para determinada faixa etária, informações sobre substâncias ilícitas ou lícitas e solicitações de ‘dicas’ para trabalhar o tema.

Percebemos uma demanda por informações específicas de conteúdo no subconjunto dessa primeira classificação,: conhecer melhor o assunto, compreender os efeitos das substâncias, legislação sobre drogas, efeitos sobre a aprendizagem, como, possivelmente, indicando que ‘para enfrentar o problema (drogas na escola)’, os professores ressaltariam a necessidade de:

- a. receberem uma formação (específica) sobre o tema;
- b. existência, organização e disponibilização de materiais didáticos específicos e/ou paradidáticos, tais como: filmes/ vídeos, textos etc.

Para fins de análise de discurso, apresentado nas postagens, quanto àquelas que manifestavam proposições, efetuamos a escolha do maior subgrupo: ‘proposições’.

Deste modo, excluídas as manifestações (depoimentos e pedidos de informações/ indicação de materiais didáticos) do conjunto inicial, obtivemos 50 postagens como ‘proposições’ em resposta ao tema lançado (48%).

A exclusão das manifestações que não caracterizavam proposições teve por objetivo buscar compreender para quais os objetivos/ finalidades dirigiam-se as propostas no *corpus* resultante. Pretendendo um panorama do todo conseqüente, estas questões foram categorizadas a partir da leitura de seu conjunto, em que se buscou identificar os objetivos/ finalidades das propostas. Assim, no sentido de se obter um rol de proposições organizadas possibilitassem uma análise sobre as mesmas, procedemos à seguinte categorização:

- a. “Projetos, atividades”;
- b. “Palestras/ informações”;
- c. “Escola, família e sociedade”;
- d. “Repressão/ vigilância”;
- e. “Religião/ crença em Deus”;
- f. “Pais/ família” ;
- g. “Currículo/ temas transversais”.

Cabe ressaltar que algumas postagens foram incluídas em mais de uma categoria, uma vez que expressavam distintamente duas ou mais proposições.

Em relação ao tema *Drogas na escola: como combater o problema?*, 32% das postagens resultantes referiam-se à realização de “projetos, atividades” sem definição específica dos mesmos e ainda algumas focadas em orientação; interesse dos alunos e como alertas aos mesmos. Outras proposições, ainda no contexto de ‘projetos’, sugeriam atividades esportivas; atividades culturais, tais como o teatro, atividades de lazer ou simplesmente como tendo uma finalidade ocupacional.

Seguiu-se a esta categoria, na proporção de 19%, as proposições relativas à realização de “palestras, fornecimento de informações aos alunos”, que enfocam, primeiramente, o prejuízo à saúde e propostas diversificadas com o sentido de servirem de alerta; de amedrontamento; de adequação ao convívio social ou ainda, transferindo a profissionais de outras áreas, como psicólogos e assistentes sociais, a competência na condução das palestras.

A categoria que implicava o envolvimento conjunto da “escola, família e comunidade/sociedade”, 17%, apontou para uma compreensão que reconhecia tratar-se de uma questão complexa que, para ser enfrentada, demandaria uma ação articulada entre esses segmentos.

Com 13%, a categoria com finalidade de “repressão e de vigilância” foi identificada apontou a necessidade de prisão e tratamento dos usuários, policiamento fora e dentro da escola, aplicação de multas, restrição ao acesso de pessoas estranhas à escola e maior atenção da direção (escolar) e dos professores.

Na categoria “Religião/ crença em Deus”, identificamos 10% de proposições que sugeriam inicialmente a crença em Deus, a necessidade do ensino religioso, de professores teólogos, e de um programa elaborado à luz da bíblia.

A responsabilização, implicação maior dos “Pais e família”, figurou com 5%, indicando a necessidade de orientação aos pais, participação da família e a educação ‘dentro de casa’.

Também com 5%, a categoria “Currículo/ temas transversais” apontou para a importância de aulas regulares (semanais) e específicas sobre o tema, abordagem deste por professores de todas as disciplinas e a realização de um trabalho interdisciplinar.

Categorização das proposições identificadas nas postagens

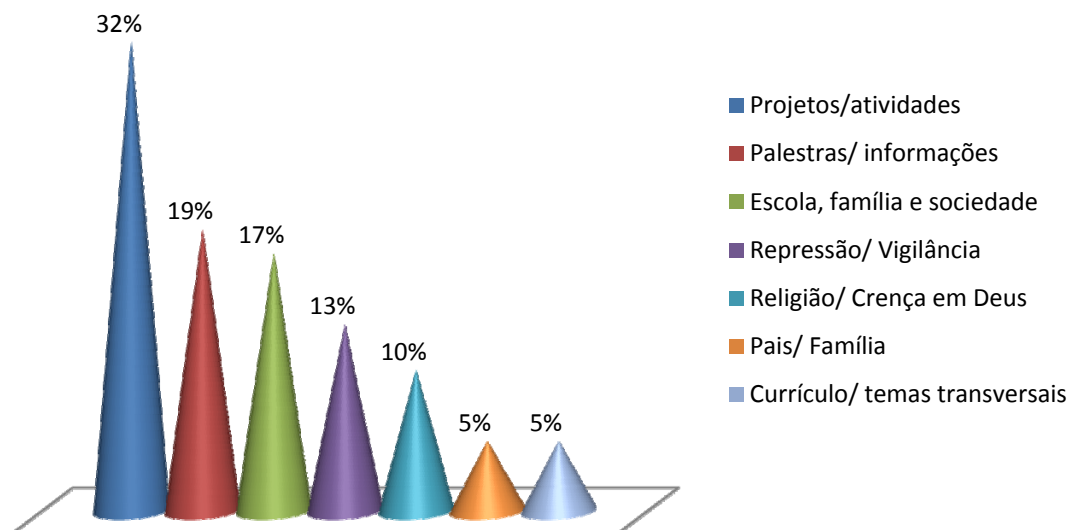


Gráfico 09: Categorização das proposições identificadas nas postagens

A análise de discurso

Pretendemos , aqui, ao recortar algumas destas opiniões, proceder a um exercício de análise de discurso, articulando ao referencial teórico-metodológico, proposto por Guirado (2007) que , em relação ao método, destaca: “... uma estratégia de pensamento que se organiza em torno de um conceito, ou de conceitos.” (p.14)

Parte de conceitos que se desenham inicialmente na sociologia, filosofia, linguística e psicanálise, articulam-se em uma estratégia de pensamento singular.

Precisamente os conceitos abordados são o de instituição em Guilhon Albuquerque, discurso e análise em Foucault e Mangueneau e ainda, o conceito de sujeito em Foucault e Guirado (sujeito-dobradiça).

Toma o conceito de instituição de um ramo da sociologia – análise de instituições concretas - formulado por José Augusto Guilhon Albuquerque que se encontra apoiado no pensamento contemporâneo de Foucault (Albuquerque, 1978) como o “conjunto de práticas sociais que se repetem e, nessa repetição, legitimam-se.” (Guirado *apud* Guilhon de Albuquerque, 2007: p. 196).

O conceito de discurso está ancorado em uma perspectiva foucaultiana, compreendida em seu pensamento como ato, como práticas discursivas, como instituição. Traz ainda, a dimensão do discurso como relações de poder. (FOUCAULT, 1998)

Em Mangueneau, a análise do discurso francesa – ramo da linguística – em sua vertente pragmática, articula o lugar social e a organização textual, em que não há relação parte-extra-parte. Acompanhando Mangueneau (1997): “Na perspectiva pragmática, a linguagem é considerada como uma forma de ação; cada ato de fala (batizar, permitir, mas também prometer, afirmar, interrogar, etc.) é inseparável de uma instituição, aquela que este ato pressupõe pelo simples fato de ser realizado.” (p. 29)

O conceito de sujeito foucaultiano designa o indivíduo que é dotado de consciência e de autodeterminação, mas pode também figurar como adjetivo, aquele que está submetido, sujeitado à ação de outros agentes. Nesse sentido, todos os sujeitos são, ao mesmo tempo, dotados de poder e submetidos à sua ação. (FOUCAULT, 1984)

Em Guirado (2006), o conceito de sujeito é apresentado por meio da metáfora de uma dobradiça, ou ainda como sujeito-dobradiça, na medida em que, por meio da análise ou das “(...) reconstruções a que se chega, que acabam falando ao mesmo tempo dos autores das cenas enunciativas e das condições de enunciação.” (p. 86)

Compreendendo o discurso não como objeto, mas como abordagem, a articulação entre lugar social e coerência textual define, deste modo, o objeto da análise ou o gênero de discurso a ser trabalhado. É preciso ressaltar que a idéia de articulação não pressupõe uma dicotomia entre lugar (social) e texto como poderíamos incorrer no viés de pensá-los na acepção de contextualização.

Trata-se de olhar para o que se assume autor das cenas enunciativas (enunciação) e das condições desta.

Tomemos o corpus com o qual pretendemos esse exercício.

Primeiramente, como apontamos no início, a questão mobilizadora segundo a expressão das opiniões dos professores: “*Drogas na escola: como combater o problema*”?

Tal questão traz em si, mais que uma pergunta, afirma a presença das drogas nas escolas, bem como aponta-a como “problema”, convoca os professores, a quem se destina o fórum de discussão/opinião a combatê-la, ou seja, a expressar suas idéias a respeito de seu enfrentamento.

Dada a questão, ou ainda, proposta inicialmente (enunciada) uma cena, vamos aos discursos²³ suscitados:

(1) “Envolvendo os alunos em projetos de teatro, música, dança, esporte e lazer, bem como o incentivo para a leitura. A maioria das escolas públicas não dispõem de espaços nem profissionais suficientes para a viabilização de tais projetos.” (R.R.S.B.)

Na opinião desta professora, “envolvendo os alunos em projetos” parece-nos falar de alguém que deveria “envolver os alunos” e que, em seu parágrafo imediato, aponta as “escolas públicas” como possivelmente o sujeito da ação de envolver ou o local em que tal “envolvimento” deveria ocorrer. Contudo, a adoção do gerúndio “envolvendo” ressalta a ação verbal (forma nominal) porque exerce também a função de nome e pode e deveria ser usada para expressar uma ação em curso, ou ainda, de ação simultânea à outra, ou para exprimir a idéia de progressão indefinida (extensão da ação).

De modo paradoxal, prossegue no mesmo parágrafo e nega a possibilidade da ação de “envolver”, pois afirma que tais escolas, em sua maioria, “não dispõem de espaços, nem de profissionais suficientes para a viabilização de tais projetos”.

²³ As postagens foram transcritas tal qual figuram na página da internet. Não foram corrigidos erros ortográficos, tampouco de concordância, de modo a preservar o texto original.

Na opinião dessa professora, apresentam-se duas afirmações: a primeira, propositiva, aponta diretamente para o “combate”, para o qual define, de modo assertivo, as estratégias (“projetos de teatro, música, dança, esporte e lazer, bem como o incentivo para a leitura”); já na segunda afirmação, aponta que, em sua maioria, as escolas não possuem condições para fazê-lo. Duas afirmações sequenciais, em que a segunda se opõe à primeira.

Algumas considerações ainda em relação à forma verbal, conhecida como forma nominal do verbo (gerúndio) “envolvendo”:

O uso da forma nominal, uma vez que não se indica quem deve “envolver” os alunos, pode indicar o verbo com a finalidade de não indicar o sujeito (autor) da ação. A ação se enuncia sem seu sujeito da ação (autor);

A idéia de uma ação em curso é esvaziada de sentido, na medida em que, na sequência, afirma: “A maioria das escolas públicas não dispõem de espaços nem profissionais suficientes para a viabilização de tais projetos.” Ou seja, a ação não pode estar em curso, pois aponta para a inviabilidade (falta de espaços e de profissionais suficientes);

Como ação simultânea, se considerarmos: “(...) projetos de teatro, música, dança, esporte e lazer”, (projetos complementares à escola) simultâneo ao “(...) incentivo para a leitura” (parte ou próprio do que acontece na escola); ainda assim, tais projetos, como apontados, não podem ser viabilizados pela idéia de progressão indefinida de sua ação. de tais projetos (extensão da ação), muito embora não tenham como ser viabilizados.

O discurso de outra professora:

(2) “Devia ser organizados projetos dentro da escola, fora e nas comunidades. Pois o drogado traz de seu convívio o vício e contamina os outros alunos, com sua influência.” (S.)

Neste discurso, a indicação para o “combate” (segundo a questão) também se expressa pela proposição de projetos que “Devia ser organizados (...)”, (eu/ele) devia - pretérito imperfeito do indicativo - com o ser - infinitivo - o lugar do sujeito (que deveria organizar projetos) esvazia-se. Dito de outro modo: devia(m) (imperfeito do indicativo) ser (infinitivo) organizados projetos - “deviam ser” -, mas não é (presente do indicativo)!

“(...) projetos dentro da escola, fora e nas comunidades.” A idéia de projetos para combater as drogas na escola aparece como ação que precisa estar “dentro da escola” e também “fora” dela, porém, ao agregar “nas comunidades”, nos perguntamos:

a escola não é parte da comunidade, temos a escola e a comunidade, lugares distintos,

“devia ser organizados projetos dentro da escola, fora e na comunidade”, perguntamos onde (lugar) é o “fora”em que “devia ser organizados projetos”?

O parágrafo prossegue: “Pois o drogado traz de seu convívio o vício e contamina os outros alunos, com sua influência”.

Nuances desta cena:

o drogado traz (de algum lugar) à escola (outro lugar) o vício: “contamina os outros alunos com sua influência”;

o drogado e os outros alunos: com o convívio de seu vício, ora o aluno passa a ser reconhecido como drogado;

“Devia ser organizados projetos dentro da escola, fora e nas comunidades”: há um lugar fora que não sendo a escola, tampouco a comunidade, talvez indique como lugar (onde) para o qual não cabe, o que não têm lugar – seria o “drogado”?

O discurso de uma terceira professora:

(3) “A minha idéia é que, no dia da reunião com os pais, antes de irem para as devidas salas, fazer palestras no pátio, colocando o problema de um modo geral, sem apontar este ou aquele, mas pedindo para que todos os pais fiquem de olho em seus filhos.” (M.M.C.)

A cena que se complementa propõe uma estratégia: “(...) reunião com os pais, antes de irem para as devidas salas, fazer palestras no pátio, (...)”. Temos o uso do verbo no infinitivo “fazer” que não implica qual sujeito fará a reunião. Colocando o problema (drogas na escola) de modo geral (drogas em geral ou generalizando os alunos?), sem apontar este ou aquele - este/aquele problema ou este/aquele aluno? Mas pedindo – forma nominal do verbo pedir (gerúndio) para que todos os pais fiquem de olho em seus filhos.

Parece-nos indicar uma cena em que:

sem apontar este ou aquele, apontam-se todos, na medida em que devem os pais ficar de olho em seus filhos;

o lugar é a escola, mas não as salas (lugar do professor?), mais precisamente o pátio, o momento é o dia da reunião com os pais e estes devem ficar de olho em seus filhos (sob vigilância);

professores e alunos não aparecem, são convocados os pais e seus filhos.

O discurso de outro professor sobre um projeto:

(4) “sou professor e conselheiro tutelar. É muito complicado e, ao mesmo tempo, fácil de trabalhar um projeto na escola falando sobre drogas. O principal objetivo é envolver todos de uma forma dinâmica para trabalhar com vários temas, depois pedir para todos alunos fazerem uma apresentação para toda comunidade.” (J.P.)

Esta proposição coloca duas conjunções sequenciais: “*professor e conselheiro tutelar*” seguida por “*muito complicado e, ao mesmo tempo, fácil de trabalhar*”. Perguntamo-nos: haveria aqui um conflito entre as funções de professor e de conselheiro tutelar? A que se refere como “*muito complicado*” quando “*ao mesmo tempo*” está dirigido a “*fácil trabalhar um projeto na escola falando sobre drogas*”? Seria fácil trabalhar um projeto na escola do ponto de vista de um conselheiro tutelar, mas “*ao mesmo tempo*”, muito complicado operacionalizá-lo como professor?

Ainda, “O principal objetivo é envolver todos de uma forma dinâmica para trabalhar com vários temas, depois pedir para todos alunos fazerem uma apresentação para toda comunidade.” Neste parágrafo, parece haver uma confusão entre objetivo e estratégia ou, na falta de clareza quanto ao objetivo (para que um projeto na escola sobre drogas?), resolve-se a questão com: “envolver todos de uma forma dinâmica”. Na ausência de um objetivo, o trabalho fica genérico, ou seja, o envolvimento destina-se a “trabalhar com vários temas”. Dentre eles a questão das drogas será abordada?

A cena se constrói em dois momentos: [envolvidos de modo dinâmico] todos trabalhando vários temas [primeiro momento] e “depois” os alunos fazendo uma apresentação para toda comunidade [segundo momento].

Da oposição em conjunção “*muito complicado*” e “*fácil de trabalhar*” a questão temporal se insere com o uso dos advérbios (funcionam como modificadores verbais) “*ao mesmo tempo*” como igual tempo e “(...) *depois* pedir para todos alunos” como momento posterior à ação primeira “*trabalhar com vários temas*” seguida pela conclusão da proposta: “*fazerem uma apresentação para toda comunidade.*” O emprego do verbo *fazer* e o substantivo feminino *apresentação* pode nos indicar uma ênfase na ação, no entanto, não sabendo exatamente o que fazer [objetivo do projeto], o verbo *fazer* no infinitivo pessoal “*fazerem*” resulta em “*uma apresentação*”, mas “*para toda comunidade*” do quê exatamente?

Nestas formações discursivas em que aparecem propostas de “combate” ao problema “drogas na escola”, há que se considerar a formulação da questão inicial que já põe em cena,

em ato, lugares, expectativas e tensões. Neste sentido trabalhamos com um discurso inicial que encontrará nas demais respostas, um complemento à cena que inicialmente se enunciou.

Drogas na escola: como combater o problema?

Há duas afirmações: drogas na escola e problema a ser combatido, e uma expectativa de resposta: como? A página da internet volta-se aos professores que respondem a essa demanda de acordo com a ordem do discurso. Propõem projetos, mas não figuram como sujeito da ação: (alguém) devia ser; envolvendo, fazer e pedindo.

A regularidade entre os tempos verbais, nas distintas formações discursivas quando se referem ao sujeito da ação proposta, em que o mesmo não aparece de forma clara, permite-nos considerar que o discurso, como ato, fala de uma ação – enunciação – cujas condições de ocorrência apontam para uma ausência de autoria. Também encontramos o sujeito “alunos” que, talvez, na angústia do professor em não saber o que propor aos mesmos, pede para “*fazerem uma apresentação para toda comunidade*”. Ausência de conteúdo/ conhecimento?

Há propostas de projetos específicos para a escola, muito embora não existam condições para viabilizá-los. Há propostas de projetos indefinidos, para um excesso de lugares – na escola, na comunidade e fora – para os que trazem a influência de seus vícios, para o sem-lugar, - o lugar de “fora”-, nem escola, nem comunidade, o outro aluno, agora “o drogado”.

Há proposta em que se encena a estratégia na escola, mas que não será nas salas (lugar do professor?), será no pátio, lugar comum a todos. Sem apontar estes ou aqueles, mas apontando a todos, não como alunos, mas como filhos cujos pais devem ficar de olho (suspeitar e vigiar).

A linguagem como forma de ação (Manguenau, 1997) inseparável de uma instituição (Albuquerque, 1978) presentifica a escola ao evocar suas práticas sociais cotidianas, como em: “*trabalhar vários temas*” e “*fazerem uma apresentação*”. Poderíamos pensar que esta proposição, em última instância, pretendesse sugerir que não importando o conteúdo, no caso o saber (conhecimento científico de referência) sobre o tema drogas, a escola como instituição, por meio de suas práticas, realizaria, por procedimentos de transposição didática, (Chevallard, 1991) um “conhecimento escolar” sobre o tema. Ainda que, guardando relação com o conhecimento científico de referência, tal “conhecimento escolar” possuiria características cognitivas próprias, específicas à instituição escolar e distinta do conhecimento original.

Parece-nos, no entanto, que , na insuficiência quanto ao domínio do conhecimento de referência, haveria o risco de incorrer na reprodução das chamadas práticas sociais (escolares)

como mera repetição (reprodução sem elaboração) do que seria o “fazer docente”, que toma, por conseguinte, a transmissão de conhecimentos.

Tomamos aqui o sentido de repetição, tal qual o indicado por Freud (1920) em que ao observar a brincadeira de uma criança, o *fort-da*²⁴, apontaria que a compulsão à repetição, atuada neste caso, estaria a serviço de um controle fantasístico²⁵ da situação desagradável proporcionada pela saída da mãe, protegendo-se, assim, da angústia.

Na ocasião de uma supervisão de um grupo de professores do ensino fundamental, um professor de geografia citou como exemplo sua experiência sobre a discussão do tema das drogas com alunos da 7ª série (oitavo ano). Primeiro exibiu o filme “Tropa de Elite”, de José Padilha (2007) para seus alunos e, ao ser indagado pelos demais colegas sobre esse trabalho, o professor referiu apenas que era para “(...) mostrar aos alunos a realidade deles, pois já estão acostumados com isso!” (sic.)

Tratava-se, no entanto, de uma escola situada em um bairro periférico de uma cidade do interior do estado de São Paulo, absolutamente distinta, em suas características, do município do Rio de Janeiro, cidade em que se passa o enredo do filme.

Não obstante a compreensão ou equívocos desse professor, a idéia de exibir um filme cujo foco é a violência urbana, mas que também faz referência direta ao tráfico de drogas, pareceu-lhe, na época, como legítimo recurso didático (prática escolar) para trabalhar o tema com alunos na faixa dos treze anos de idade²⁶.

Houve aqui uma situação em que não ocorreu uma elaboração necessária em que não se avaliaram vários fatores: o impacto do filme (violência), o não conhecimento específico sobre o tema (drogas) e, a conseqüente ausência na formulação de um projeto propriamente dito. Verificamos que a idéia da exibição do filme Tropa de Elite como recurso didático, no exemplo dado por esse professor, ou como mera repetição da prática escolar?

²⁴ O *fort-da* é descrito por Freud, em sua obra, como um jogo que tem como temática primordial o desaparecimento e o retorno dos objetos. Caracteriza-se como um controle da ida-e-vinda dos objetos. Foi observado que a criança o empregava quando sua mãe saía de casa. A criança, ao jogar um carretel, dizia óóó que Freud e a mãe associaram ao fort alemão (ir embora), e quando o carretel retornava dizia alegremente da (aí) (Cf. Freud, 1920/1976, cap. II, p. 27-28).

²⁵ Que é da ordem da fantasia.

²⁶ “Tropa de Elite” (2007) tinha por indicação etária o público como “maiores de 16 anos” e ainda se encontrava em exibição nos cinemas, de tal modo que a referida exibição aos alunos da 7ª série ocorreu por meio de uma cópia não autorizada em DVD.

Capítulo V

Adolescências

Depois de fazer um trabalho estatístico sobre a produção discente e uma análise sobre o discurso dos professores sobre a temática, senti a necessidade de aprofundar não só os aspectos subjetivos que conformavam essa peculiar e nunca questionada parceria adolescente/droga, assim como investigar as questões culturais e sociais subjacentes a ela.

Não pretendi ser exaustivo, mas estudar trabalhos mais interessantes que permitissem questionar tal parceria.

Para muitos autores, a adolescência é conceituada como um pressuposto período em que mudanças pubertárias se manifestariam no corpo infantil, bem como tratam dos mecanismos psíquicos concomitantes e posteriores que objetivam elaborar este novo corpo e nova situação, constituindo *identidades* em formação.

Não apenas a questão da elaboração deste novo corpo que se configura e precisa ser integrado à própria identidade, mas, simultaneamente, temos também a questão da elaboração de um luto pela perda do corpo infantil. Além das modificações neste corpo, também se modifica o eu adolescente, na medida em que a própria noção de eu, pressupõe um *eu corporal*.

Se a puberdade precipita sobre os corpos das crianças o início da adolescência, é o conjunto dos fatores sociais e culturais, bem como, o percurso para assunção de seu reconhecimento simbólico para a condição de adulto que marca, de modo pouco preciso, o término destas adolescências.

Sabemos que processos identificatórios constituir-se-ão ao longo de toda a vida de qualquer sujeito. Neste sentido, poderíamos considerar que há, particularmente no momento da adolescência, um esforço para poder elaborar as mudanças que incidem sobre o seu eu e que se dão de modo perceptivelmente acelerado.

Se, na infância, a relação com os pais é de fundamental importância para as crianças, na adolescência esta relação, agora com outros contornos, não deve ser menosprezada.

Aberastury (1981) já apontava que não era possível uma compreensão da adolescência sem considerar as dinâmicas sofridas na relação entre estes e seus pais. Ao mesmo tempo em que os adolescentes têm um trabalho de intensa elaboração da situação ao qual se veem implicados, tais mudanças mobilizam seus pais a se depararem com o que restou de suas

próprias adolescências, suas relações com seus corpos e a elaboração do declínio dos mesmos frente à ascendência física e reprodutiva de seus filhos. O luto pela perda de seus filhos crianças, dependentes, para elaborar a posição de pais de filhos adolescentes que buscam destes se distanciar. Tal luto parental ocupa uma posição de pano de fundo ao drama adolescente.

Podemos olhar para a adolescência desde uma perspectiva sociológica, como algo mais recente na história das civilizações ocidentais. Como observou o sociólogo Pais, [(1993)1996] em seu trabalho “Culturas Juvenis” , a puberdade é , em si, um processo biológico universal; desta maneira, adolescentes sempre existiram. O que muda é a forma histórica e social de se lidar com essas mutações do corpo infantil.

Na história ocidental, a expressão de uma adolescência percebida como uma fase da vida surge na metade do século XX, assim como as suas tensões e questões próprias passaram a ter evidência enquanto representação.

Anteriormente ao trabalho de Pais [(1993)1996], Mannheim (1968) assinalava que a adolescência marcava o ingresso em um mundo diferente de seu mundo de criança, cujos costumes, hábitos e sistema de valores colocavam-se de modo distintos de sua referência:

“Até a puberdade, a criança vive principalmente no seio da família e suas atitudes são reguladas, sobretudo pelas tradições emocionais e intelectuais ali predominantes. Na fase da adolescência, entra em contato com a vizinhança, a comunidade e certas esferas da vida pública. Assim, o adolescente não está apenas biologicamente num estado de fermentação, mas sociologicamente penetra num mundo em que os hábitos, costumes e sistemas de valores são diferentes dos que até ai conhecera” (MANNHEIM, 1968, p. 75).

Por certo, as questões , das quais se têm ocupado as pesquisas sociológicas, caracterizam-se pela compreensão dos aspectos que conformariam a entrada na vida adulta, como a possibilidade de trabalho, maior autonomia e constituição de novos grupos/arranjos familiares, bem como sobre os fatores sociais e econômicos que têm estendido esse tempo.

Para o historiador Philippe Ariès, notadamente, a adolescência se firmaria como representação, como consequência da primeira grande guerra (1914), que colocou em evidência toda uma juventude a partir de sua experiência nas frentes de batalha:

“A juventude apareceu como depositária de valores novos, capazes de reavivar uma sociedade velha e esclerosada [...] a consciência da juventude tornou-se um fenômeno geral e banal após a guerra de 1914, em que os combatentes da frente de batalha se opuseram em massa às velhas gerações da retaguarda. A consciência da juventude começou como um sentimento comum dos ex-combatentes, e esse sentimento podia ser encontrado em todos os países beligerantes, até mesmo na América. Daí em diante, a adolescência se expandiria, empurrando a infância para trás e a maturidade para a frente”. (ARIÈS, 1981, p. 46-47)

Prossegue esse autor, entendendo que o casamento não mais caracterizaria o fim da adolescência. Este por sua vez lhe atribuiria seus “valores, costumes e apetites”. A partir de então, essa época seria ansiada e nela se desejaria “permanecer por muito tempo.”

Não obstante, a historiadora Michelle Perrot (1988) assinalaria um movimento surgido na França, no final do século XIX, que perdurou até guerra em 1914. Tratava-se dos denominados “Apaches”. Estes jovens, que andavam em grupos, possuindo entre 15 e 20 anos de idade em sua maioria, eram tidos como um grande problema social para a França da “*Belle Époque*”.

Os “Apaches”, normalmente, compunham-se por jovens oriundos dos mesmos bairros, que haviam estudado juntos ou, então, haviam passado pelo mesmo reformatório. Eram ainda caracterizados por não trabalharem e por viverem de pequenos furtos. A extravagância e a delinquência seriam suas características. A ocupação das ruas, como um espaço de afirmação de sua presença, caracterizava a ousadia de tais adolescentes, pois a crônica policial, ao mesmo tempo em que descrevia seus crimes e sua violência, também os mitificava ao conferir destaque a sua independência, coragem e extravagância no desejo de mostrarem-se bem vestidos.

A visibilidade que caracterizou esses jovens (adolescentes) também colocou em evidência a questão do delito e da delinquência que, associada à juventude, nos anos seguintes viria a ser reforçada pelas concepções psicobiológicas, agregadas a noções que tenderiam à sua naturalização.

Neste sentido, encontramos nos estudos sociológicos um foco na juventude ou grupos juvenis, como um segmento intermediário compreendido entre as crianças e os adultos, sendo a referência à adolescência muito mais destacada nos estudos com referências teóricas de bases psicológicas e pedagógicas.

Se o advento da puberdade constitui-se em um processo biológico e universal, a concepção da adolescência poderia ser considerada como um fenômeno absolutamente cultural e do início do século passado. Neste sentido, o trabalho de Granville Stanley Hall (1904) sobre a adolescência inauguraria toda uma preocupação com esta fase conturbada emocionalmente, sob uma perspectiva notadamente psicobiológica, segundo este autor.

Se, a partir de Stanley Hall, temos inaugurada toda uma série posterior de preocupações e de estudos sobre a adolescência, seu trabalho inicial, *Adolescenc: its psychology and its relations to physiology, anthropology, sociology, sex, crime, religion and education* foi duramente criticado pela antropóloga Margareth Mead (1928).

O trabalho de Margareth Mead sobre os rituais de iniciação da adolescência na vida adulta de povos das Ilhas Samoa problematizou o postulado de Hall. Esta pesquisadora ressaltou o quanto estes ritos de passagem cumpriam a função de fazer a transição do ingresso na vida adulta, de modo tranquilo e feliz, sem a necessidade de postular uma complicação fisiológica adolescente, mas apontando-a como uma produção da nossa cultura (Calligaris, 2000).

Segundo Maria Cecília Cortez C. Souza (2002), toda uma bibliografia de cunho sociológico, pós-Hall

“Colocou em xeque a psicologia que falava do adolescente com matizes essencialistas, como se generalizasse dados a partir de uma perspectiva burguesa ou pequeno-burguesa e julgasse universal um privilégio de classe. Enquanto os jovens das camadas populares eram obrigados pela necessidade a se inserirem precocemente no mercado de trabalho, a se tornarem arrimos de família, a juventude burguesa e das classes médias via-se premiada com esse tempo de incertezas, de conflitos e de estados d’alma que a Psicologia designava como típicos dessa idade da vida. Ironicamente, porém, ao longo do tempo abarcado por essas pesquisas, a própria extensão da escolaridade, ao lado da produção da cultura de massas, ampliou a adolescência para outros grupos sociais, acrescentando, infletindo e singularizando tensões agrupadas sob a terminologia genérica de crise psíquica da adolescência.” (SOUZA, p. 38-39)

As consequências de tais embates, por um lado o culturalismo/relativismo e o positivismo/universalismo, vieram explicitar o debate quanto às noções de adolescência como uma fase de tormentas, determinadas por aspectos psicobiológicos universais (Cesar, 1988). No entanto, para essa autora, desde uma determinação de preocupações epistemológicas, o naturalismo foi se apropriando das perspectivas culturalistas, como um modo de poder dar conta de algumas lacunas contidas no próprio bojo das teorias desenvolvimentistas.

Calligaris dirá que a grande questão da adolescência consiste em, nas sociedades modernas, uma moratória forçada é imposta aos adolescentes, em uma fase da vida em que estes, do ponto de vista de uma prontidão físico e sexual, já estariam equiparados aos adultos. Moratória forçada porque suas justificativas falham em coerência. Pede-se aos adolescentes que amadureçam sem que lhes seja permitido amadurecer!

Ao mesmo tempo em que perdem a graça e o amor de quando eram crianças, também não lhes é dado o reconhecimento como adultos, não lhes sendo permitida a participação na sociedade como iguais na relação com os adultos. (idem)

Ainda, segundo este autor, os adolescentes teriam grande capacidade para interpretar e atuarem sobre os desejos recalcados dos adultos, ou seja, Calligaris coloca como o grande imperativo das nossas sociedades a questão do ideal da autonomia. Neste sentido, o

imperativo resulta em “não obedeça! Não obedeça e seja autônomo!” No entanto, tal imperativo coloca um paradoxo ao adolescente: não obedecer e ser autônomo implica recusar o lugar de moratória e dependência em que o mesmo é colocado. Para este autor, a maior complicação é que, de fato, todo adolescente quer se tornar um adulto, o problema é que, os adultos, além de pedirem que aguardem mais alguns anos, estão, cada vez mais, identificados com a adolescência como um ideal cultural:

“Cada vez mais, o olhar dos adultos se desloca das crianças para os adolescentes, pois o espetáculo de sua felicidade é de fato mais gratificante. Se conseguirmos realizá-la mantendo os adolescentes protegidos e irresponsáveis como crianças, mas com exigências e voracidades de adultos, eles vão nos oferecer um show bem parecido com a felicidade que gostaríamos aqui e agora, para nós.” (CALLIGARIS, 2000, p. 68)

Diferentemente das crianças, os adolescentes são potencialmente um objeto identificatório. Neles, os adultos podem se identificar diretamente, desejando ser como são os adolescentes:

“Os adolescentes ideais têm corpos que reconhecemos como parecidos com os nossos em suas formas e seus gozos, prazeres iguais aos nossos e, ao mesmo tempo, graças à mágica da infância estendida até eles, são ou deveriam ser felizes numa hipotética suspensão das obrigações, das dificuldades e das responsabilidades da vida adulta. Eles são adultos de férias, sem lei.” (Idem: 69)

Barus-Michel (2005) faz uma análise que, de certo modo, coincide com o adulto que se identifica como um adolescente, conforme destacou Calligaris. Para esta autora, o homem atual que ela denomina de “hiper-moderno”, equivale a um adolescente que não se encontra de fato em uma condição adulta real, uma vez que não se sente plenamente responsável, tampouco autônomo.

“Superinformado, superequipado, super assegurado e cada vez menos responsável: intoxicado, ameaçado e em estado de incerteza constante. É demandado no sentido de se afirmar, de construir sua vida, enquanto está aturdido e infantilizado, reduzido a uma posição lúdica que lhe faz crer que a oportunidade e o prazer são as saídas de uma vida acinzentada sobre a qual tem pouco controle, ameaçado que está pela perda do emprego e das parcerias, pela precariedade das condições de vida.” (BARUS-MICHEL, 2005)

O psicanalista Bernard Nominè apoiando-se nos trabalhos do historiador Philippe Ariès observa que o distanciamento entre a criança e o adulto vem aumentando na medida em que os ritos de passagem vão desaparecendo. Neste sentido, a puberdade como uma das marcações regulares desta passagem fica ainda mais relativizada. O período da escolarização tende a se estender, cada vez mais, além das mudanças pubertárias, ao mesmo tempo em que a dependência dos seus pais não diminui, estendendo-se em média até os 25 anos ou mais.

Da criança investida como ideal narcísico dos seus pais, “sua majestade, o bebê”, descrita por Freud (1914) como pequenos “anjos” que precisam ser protegidos das mazelas do mundo e, neste sentido assexuados (perversos polimorfos), Nominè coloca que os adolescentes encarnariam o papel de “anjos caídos” – “*chute de l’ange*” - seres invejados e temidos. (Nominè, 2003)

Para a psicanalista Maria Rita Kehl, nossas sociedades ocidentais estão vivendo um momento em que o recorte etário privilegiado é a juventude. Ser jovem como sinônimo de uma estética da “sensualidade adolescente” e, identificar-se com esta, com seu padrão imaginário, é assumir-se como o “adolescente consumidor”. Ainda para esta autora, a estética adolescente equivale, imaginariamente, a um passe de acesso e desfrute dos prazeres, das liberdades, de uma beleza adolescente. O ideal forjado pela publicidade que transformou, no pós-guerra norte-americano, suas gerações adolescentes em uma fatia de mercado para depois estendê-la ao resto do mundo e, assim, lançou o “adolescente hedonista”. (KEHL, 2007)

Deste modo, para esta posição hedonista, tanto faz se você é o adolescente da classe média ou o morador da periferia, pois se a identificação com a posição de adolescente hedonista é para todos, as possibilidades de consumo, ainda que exista um rol de A a Z para o consumo das distintas classes, as condições reais de acesso aos mesmos bens não são as mesmas.

Assim, podemos olhar para as possibilidades identificatórias disponibilizadas em nossa cultura contemporânea que lança os adolescentes a um conjunto de práticas e bens de consumo que os caracterizariam *sujeitos adolescentes*, além dos jeans, bonés, das camisetas de bandas, também, com certo destaque, para os seus aparelhos de mp3, mp4, *Ipods*; seus celulares com câmeras, seus *Iphones*. Objetos indispensáveis aos adolescentes? Como tais objetos alçaram uma condição de necessidade junto aos adolescentes?

Maria Rita Kehl retoma em Jean-Jacques Rassial, outro psicanalista estudioso da adolescência nos dias de hoje, a questão da falta de sustentação com a qual se deparam muitos adolescentes. Neste sentido, os mesmos se veriam, de uma hora para outra, excedidos por seus corpos. E na vacância de modelos que possam sustentar verdadeiramente uma “atitude”, “uma personalidade” que acompanhe o crescimento deste corpo adolescente, entrariam em cena os “objetos-fetichê”, verdadeiros “apêndices corporais”, cuja função se aproximaria de “objetos transicionais” que auxiliariam no percurso – transição – da inscrição simbólica que teria como ponto de chegada a “vida adulta”. (idem)

Ao estar plugado, publicizado nos fotobloggers; conectado às redes sociais virtuais como o *Orkut*, o *MySpace*, e o *Facebook*, a comunicação contínua por meio das trocas de

mensagens instantâneas, o *Messenger* etc., verifica-se a intensificação do investimento narcísico – necessidade de ver , ver-se e ser visto – como um dos sobressaltos da economia libidinal adolescente dos dias de hoje.

Do desinvestimento das figuras parentais para o investimento em uma identidade em construção, podemos considerar que, com a hipervalorização dos modelos identitários adolescentes, tal como as nossas culturas ocidentais vêm consolidando desde o pós-guerra norte-americano, a idealização da adolescência como nicho de mercado tem incrementado esse sobressalto.

Recentemente, o resultado de um relatório sobre mídia e internet divulgado pelo Banco Morgan Stanley, particularmente, como os adolescentes consomem mídias, não apresentou muitas diferenças entre os adolescentes britânicos e adolescentes brasileiros de classe média, em relação ao conteúdo revelado. Mas causou certo furor em grandes meios de comunicação internacionais porque um dos seus diferenciais foi a pesquisa que resultou no relatório: o banco encomendou a um dos seus estagiários, Matthew Robson , de quinze anos de idade, que trouxesse a sua percepção e a de seus amigos e conhecidos adolescentes sobre o tema proposto. O relatório de Robson, em sua objetividade, confirma a importância que o celular tem para os adolescentes, o uso da internet para obter resumos de notícias, uma vez que não leem regularmente jornais tradicionais ou, no máximo, de distribuição gratuita. A internet também é de grande importância para baixarem e trocarem arquivos de música (mp3), utilizarem as redes sociais em que podem ver as páginas (perfis) dos seus amigos e serem vistos por eles. O autor do relatório ainda afirma que os adolescentes de melhor renda ouvem músicas em *Ipods*, em razão do custo do aparelho e de ter que pagar para baixarem os arquivos de música e, os demais ouvem músicas nos mp3 *players* de seus celulares. A troca de mensagens instantâneas entre os adolescentes também ocupa lugar de destaque. (Robson, M., 2009)

Não podemos deixar de observar que tal estudo tenha sido valorizado tanto pelo fato de seu pesquisador ser um adolescente, como por não mostrar em seus resultados discrepância em relação a outras pesquisas recentes sobre o tema ou mesmo a percepção de quem está próximo de adolescentes.

Porém, a causa do impacto internacional foi o reconhecimento e espanto dos analistas de mídia do referido banco em relação ao próprio discurso adolescente (resultado da pesquisa). Como se abruptamente e por meio deste adolescente estagiário, permitissem ouvir o que dizem, querem e como consomem mídias os adolescentes objetivados na pesquisa. Evidentemente tal iniciativa não é outra, senão a reificação da adolescência como fatia de

mercado, pois tanto a encomenda do estudo, como a sua difusão ocorre por meio de uma instituição financeira, um banco de investimentos.

Assim, os adolescentes atuais ficariam estimulados como potenciais consumidores, seduzidos pelas campanhas publicitárias e não importando, para a produção contínua desses apelos, sua efetiva condição de acesso aos distintos bens oferecidos. Seduzidos com a promessa de uma satisfação de vir a ser, diretamente associada ao ter este ou aquele produto.

Não é por acaso que no afã de poder usar determinada marca de tênis, bonés ou algum outro artefato eletrônico, muitos adolescentes, para os quais as possibilidades estão muito distantes de se concretizarem, acabarem se envolvendo em delitos como via de acesso, ou ainda, encontrando na economia informal, associada ao tráfico de drogas, os recursos para a sua obtenção.

Em 2007, o Centro de Tratamento Caron, uma instituição norte-americana sem fins lucrativos, que oferece tratamento contra drogas e álcool apresentou um estudo, por meio do qual apontou que os adolescentes se utilizam de *sites* como as redes sociais de relacionamento e de *blogs*, para obterem, junto aos seus pares, informações sobre o uso de álcool e drogas. Este estudo analisou mais de 10 milhões de mensagens (10,3 milhões) de adolescentes, em que mais de 160 mil tratavam de drogas ou álcool. Destas, uma em cada dez mensagens, os adolescentes buscavam orientações sobre como utilizar substâncias de maneira segura e não serem descobertos. (Buzzmetrics, 2007)

Apesar do estudo conduzido por Nielsen Buzzmetrics haver gerado repercussões alarmantes na mídia, de que os adolescentes e jovens estariam usando a internet para trocarem informações sobre álcool e drogas, os números do próprio estudo, se analisados percentualmente, revelam-nos que, de fato, 1,55% das mensagens analisadas fazia referências às drogas e ao álcool. Deste resultado, teríamos então 0,15% das mensagens que objetivavam informações sobre o uso seguro e de como não serem identificados quando de seu uso.

Neste sentido, não poderíamos deixar de ressaltar que a busca de informações quanto ao uso seguro de substâncias e a condição de sigilo quanto à experimentação indicam a curiosidade quanto às possibilidades de vivenciar, os seus efeitos, mas também fala de um querer fazê-lo de um modo relativamente consequente. Ou seja, desde a perspectiva destes adolescentes buscarem orientações para um possível uso seguro de substâncias psicoativas, indica também uma manifestação de autopreservação e ainda, do desejo de manutenção de seu *status quo*: não ser identificado como usuário, logo, não ser punido, discriminado etc. De uma perspectiva de não se prejudicar, nem fisicamente, nem junto a suas famílias e

socialmente, estas buscas dos adolescentes por informações, verificadas em 0,15% das mensagens analisadas no estudo de Buzzmetrics, não seriam demandas legítimas de qualquer adolescente considerado saudável? Principalmente se considerarmos que este levantamento se deu em um país ainda afeito a sua tradição puritana protestante?

A difusão dos dados da pesquisa, verificado pela escolha dos dados absolutos²⁷ e não percentuais do estudo, como chegou aos diferentes meios de comunicação, teria uma certa intencionalidade em causar um impacto maior do que a sua relativização?

Ganhadora de um prêmio Grammy em 2008 por sua canção *Rehab*, a cantora britânica Amy Winehouse, de grande sucesso entre adolescentes e jovens, justapõe nesta canção, parte do drama vivido por ela própria em relação ao uso de drogas e álcool. A canção *Rehab*, do inglês *rehabilitation*, um dos maiores sucessos da cantora, aborda o tema de quererem mandá-la a um programa de reabilitação por dez semanas, em que sua recusa, o refrão diz: “não, não e não! “ Pois, como prossegue em sua canção, Winehouse diz: “eu não tenho tempo!”

Um típico discurso adolescente dos dias de hoje? Ou também seria a mesma tônica dos adultos na atualidade e dentre os quais, seus próprios pais?

Nos anos 70, toda uma geração marcada pelas referências da contracultura, do “é proibido proibir” de maio de 1968, contrários aos modos de organização das sociedades capitalistas, também agregavam o uso de drogas como uma forma de transgressão. A busca por outras possibilidades de constituírem-se, diferentemente dos padrões até então vigentes, marcava a questão do uso ou experimentação das drogas como ritos dessa afirmação. Não de um rito para o ingresso da adolescência, juventude para a vida adulta, mas para uma demarcação que sustentava o seu “não confie em ninguém com mais de 30 anos!”

Qual seria o discurso adolescente dos dias de hoje?

Maria Rita Kehl²⁸(2005) em “Os jovens (não) atacam outra vez” diz que:

“Os jovens do terceiro milênio não têm discurso próprio. São objetos do trabalho das organizações não governamentais dirigidas (no melhor dos casos) por ex-jovens remanescentes de 68, preocupados com a falta de perspectivas, o desemprego, a desagregação social que atinge os adolescentes de seus países.” (Kehl, 2005)

Se algumas gerações, pós-anos 60, tinham associadas às suas experiências de transgressão, bandeiras com as quais se identificarem, causas coletivas pelas quais podiam se

²⁷ Uma chamada principal destacando os mais de 10 milhões de conversas analisadas e das 160 mil conversas adolescentes associadas às drogas, pode ser verificada em diversos endereços de mídia eletrônica, nacionais e internacionais, pois a fonte da notícia, elemento comum aos diferentes textos, era a agência REUTERS de notícias.

²⁸“Kehl, M.; “Os jovens (não) atacam outra vez, <<http://www.mariaritakehl.psc.br/resultado.php?id=86>> 2005.

filiar, lutar, recusar, reagir, enfim, viver referenciando-se a uma causa, este não parece ser o caso das atuais gerações.

Souza (2002) , por meio de uma análise dos temas e subtemas encontrados quanto aos aspectos psicossociais de adolescentes e jovens, nas produções discentes, de 1980 a 1998, observa que a abordagem dos trabalhos sobre o tema drogas na adolescência acompanham os percursos dos estudos sobre a juventude no geral

“A princípio, no eco da geração de 1968, [as produções acadêmicas] são críticas à literatura de propaganda, mostrando como o uso de drogas estava associado a um comportamento rebelde dos jovens. Depois, reforçam as percepções dessa literatura de prevenção sobre os jovens usuários, mormente quando o uso de drogas generalizou-se – atingindo a juventude das classes populares –, a drogadição tornou-se endêmica e o tráfico de drogas, associado ao tráfico de armas, transformou-se em um grande negócio.” (p.45)

Impactadas pelos modelos de economia liberal que não apenas orientam os mercados (econômicos), mas imprimem, nas economias psíquicas, modos próprios de subjetivação, assistimos há algumas décadas os seus sintomas.

O sociólogo francês, Alain Ehrenberg, autor de “*La Fatigue d’être soi* (1998)”, em uma entrevista a Michel Botbol dirá que seu trabalho, na busca de compreender o sucesso da “depressão” sobre as neuroses afirma que:

“(…) *La fatigue d’être soi* é um estudo de caso no qual procurei mostrar que na passagem da neurose para a depressão, se passa de uma patologia do conflito — que coloca em cena o desejo —, para uma patologia da insuficiência — que coloca em jogo a questão da ação.” (Ehrenberg, 2004, p. 147)

Para este pesquisador a questão é que a conjuntura ideológica atual, marcada pela dominação do pensamento liberal, imprime sua ação sobre o indivíduo e, conseqüentemente, opera um deslocamento para a questão da autonomia, do desempenho. Os sujeitos das atuais sociedades (neo) liberais estariam sob a égide de “ser” o que seu desempenho pode mostrar.

Aponta ainda, uma mudança nos padrões normativos da sociedade, que de uma sociedade, até então marcada pela disciplina, pela obediência e pela interdição, teríamos passado a uma sociedade que se encontra sob o primado da autonomia, ou seja, a ação e decisões pessoais.

Tal deslocamento, descontextualizando os sujeitos, destituindo-os histórico e subjetivamente, resultaria na “passagem da neurose” para a depressão. (idem, 1998)

Substâncias psicoativas

Só a temática adolescente já implica um contexto amplo e complexo para ser abordado. Ao nos determos um pouco na temática das drogas, também teremos um tema complexo para a sua abordagem e, talvez possamos encontrar uma via para pensar a questão das produções sobre o tema.

A palavra fármaco remete ao termo grego *pharmak*, que significa “aquilo que tem o poder de transladar as impurezas”. Ainda, na cultura grega, *phármakon* era utilizado para denominar o alimento empregado nas cerimônias de comunhão, assim como as vítimas sacrificadas aos deuses eram chamadas de *pharmakó*. *Phármakon* possuía o duplo sentido de causar o bem ou o mal, provocar a morte ou manter a vida. Integrado à terminologia médica e farmacêutica, *pharmakón* tomou a forma atual de fármaco, remédio ou medicamento. (KAWANO, et al ., 2006)

A humanidade tem registros bastante antigos quanto ao uso de substâncias psicoativas. Os povos andinos, muito antes da chegada dos colonizadores espanhóis, já faziam uso da folha de coca; assim como os egípcios, os chineses e outros povos também utilizavam substâncias psicoativas. No entanto, nestas culturas e em seus tempos, o uso destas substâncias era mediado ritualisticamente e possuía sentidos medicinais, espirituais ou ambas as finalidades. (GURFINKEL, 1995)

Para os povos andinos, toltecas, maias e astecas, era frequente o uso de plantas com princípios psicoativos em seus rituais de purificação e êxtase. O cogumelo do gênero *psilocybe*, conhecido como “pequenas flores dos deuses” já era conhecido e bastante utilizado. (ARAÚJO e MOREIRA, 2006)

Esses povos utilizavam bebidas fermentadas e conheciam o efeito estimulante da cafeína presente no cacau. Descendentes dos Maias, os Huichóis habitantes do México, consomem um tipo de cacto, conhecido como peiote (*Lophophora williamsii*). Estes cactos quando consumidos secos, chamados de mescal, contém uma substância alcalóide, de propriedades alucinogênicas, denominada por mescalina. Entre os egípcios o cânhamo, a datura, a mandrágora e a papoula, tinham propósitos medicinais e profanos. Para os hindus o cânhamo denominado por *ananda*, que significa “fonte da vida”, era conhecida como um presente dos deuses. Na China, há referências datadas de 4.000 a.C., para o cânhamo que antes de seu emprego ritualístico, suas fibras eram utilizadas na fabricação de tecidos e cordas. Civilizações amazônicas utilizavam diversas substâncias com propriedades

psicoativas, dentre elas o yopo (*Anandenathera peregrina*), a jurema (*Mimosa hostilis*) a epena (*Virola Theiodora*) e a chacrona, também conhecida por rainha (*Psychotria viridis*). A chacrona em conjunto com o cipó (*Banisteropsis caapi*) compõem os ingredientes da bebida denominada por *ayahuasca*. Presente nos rituais das seitas Santo Daime e União do Vegetal, o emprego dessa bebida, como sacramento, ganhou sua aplicação em uma versão cristã. Não obstante, acredita-se que esta bebida seja conhecida há mais de 2.000 anos e que seu uso tenha sido transmitido pelos Incas. (ARAÚJO e MOREIRA, 2006)

O uso abusivo ou como dependência, como o conhecemos, trata-se muito mais de um fenômeno, se não contemporâneo, como algo das modernas sociedades industrializadas, potencializado por uma cultura hedonista e do espetáculo (DEBORD, [1967] 2003).

Do final do século XIX e início do século XX, iniciaram os primeiros movimentos proibicionistas, constituindo o chamado “primeiro ciclo de intolerância”. Nos Estados Unidos esse período foi marcado pela perseguição ao ópio no final do século XIX, passando pela proibição da cocaína (1914), até a proibição do álcool entre os anos de 1919 até 1933, conhecida como Lei Seca, de aplicação em todo o território norte americano. (ARAÚJO e MOREIRA, 2006)

Em 1946, a Organização das Nações Unidas (ONU) criou a sua Comissão de Narcóticos (CND) composta por 53 estados-membros. Esta Comissão tem, desde então, os Estados Unidos, como o seu principal incentivador.

Conhecidas como as três Convenções-Irmãs da ONU, foram realizadas a Convenção Única sobre Estupefacientes (Nova Iorque, 1961), Convenção sobre Substâncias Psicotrópicas (Viena, 1971) e a Convenção contra o Tráfico Ilícito de Substâncias Estupefacientes e Substâncias Psicotrópicas (Viena, 1988). Pretendendo a extinção de todas as culturas de plantas, com propriedades psicoativas, do planeta, bem como, tendo a sobriedade total como referência única para os tratamentos ligados às dependências, formulou-se o tão conhecido “Guerra às Drogas”. (SILVEIRA e MOREIRA, 2006)

E, a partir da era Reagan, o slogan “*Just say no when offered drugs*”²⁹ foi lançado aos jovens norte-americanos, por meio do pedido da primeira-dama Nancy Reagan. De um lado do “*front*”, estava declarado o discurso “Guerra às Drogas” e, por outro, o “Diga não às drogas” passou a capitanear, em meados dos anos 80, internacionalmente, a orientação dos programas de prevenção.

²⁹ “Diga não quando lhe oferecerem drogas!”

Impulsionados pelos Estados Unidos, e tendo as resoluções da ONU como representante, muitos países têm adotado a mesma tendência. Não obstante, alguns países europeus adotam medidas que divergem dessa lógica. Ações voltadas à descriminalização do usuário tratam o uso pessoal como uma questão de saúde, como na Holanda em relação à maconha, e mais recentemente em Portugal (2001) que descriminalizou os usuários de maconha, da cocaína e mesmo da heroína. Importante observar que não se tratou de legalizar seu uso, pois o mesmo continua sendo proibido, mas os usuários respondem as suas infrações administrativamente e não mais criminalmente, sendo encaminhados aos serviços de tratamento e reabilitação.

Atualmente, a expressão droga é bastante investida de conotações negativas, associando-se seu uso a práticas lícitas e ou, em sua maioria, ilícitas. Muito embora as discussões em torno das regulamentações restritivas ao consumo de tabaco ou álcool tenham ocupado significativo espaço na mídia são, sem sombra de dúvida, as drogas ilícitas que dominam os noticiários e os temores de pais, educadores e autoridades.

Associada à economia que movimenta, a mercantilização das drogas ou o tráfico de drogas ilícitas, tal fenômeno não se restringe às classes populares, com exceção aos pequenos traficantes, “aviõezinhos” e as vítimas de uma verdadeira guerrilha urbana a que inúmeras vezes somos contemplados pela grande mídia. Grandes apreensões noticiadas, ou ainda, quando uma figura pública ou das classes média e alta sucumbe a uma overdose e o caso vem a público, um pouco mais do mesmo *iceberg* se revela-se, mas não o seu todo.

Temos aqui alguns dos múltiplos vértices com o que este tema poderia ser focado, mas não todos eles. Podemos olhar desde uma perspectiva das drogas lícitas, como o álcool, o tabaco e os psicofármacos de prescrição médica. Assim como as substâncias ilícitas, como a maconha, a cocaína, o êxtase, o crack, o LSD etc. Teremos, ainda, a questão da violência associada às drogas ou aos seus demais desfechos trágicos, como nas overdoses.

Pode-se abordar segundo uma perspectiva sociológica, antropológica, psicológica, educacional, médica ou transdisciplinar, como verificamos em muitos estudos e pesquisas. No entanto, em estudos que objetivam compreender um pouco mais a respeito da interação entre os sujeitos com estas substâncias, em que se permite estes falar, seus discursos pouco revelam além do que já foi explicitado.

Particularmente, quando se trata de pesquisar a população adolescente em relação às drogas e as suas falas sobre seu uso, abuso ou mesmo dependência, verifica-se mais um complicador. Já se apontou o caráter biopsico e sociodinâmico envolvidos no processo de elaboração do ser adolescente; neste sentido, o discurso adolescente também se figura como

um discurso em constante busca de significação e ressignificação, a partir dos diversos modelos e possibilidades identificatórias disponibilizados na cultura.

Capítulo VI

As substâncias e o que lhes é próprio

A palavra droga possui origem na palavra “*drogg*”, do holandês antigo, cujo significado é “folha seca”. Tal sentido tem origem no fato de que muitos medicamentos, historicamente, possuíam origem vegetal, utilizando-se em seu preparo, folhagens *in natura* ou secas, caules, flores e raízes que eram macerados ou submetidos à infusão.

Atualmente, conforme definição da Organização Mundial de Saúde (OMS), droga é “qualquer substância, natural ou sintética que administrada por qualquer via no organismo afete sua estrutura ou função”. Por substâncias naturais são consideradas as plantas que contenham substâncias ativas que produzam, de modo geral, alterações no organismo e no caso de provocarem alterações sensoriais, de humor, de consciência ou ainda psicológicas são denominadas por substâncias psicoativas.

Também temos as substâncias semi-sintéticas que são as substâncias naturais quando modificadas em parte, por meio de manipulações laboratoriais. A folha de coca, “*Erythroxylon coca*”, mascada é uma substância com propriedades psicoativas em sua forma natural. Já a cocaína, “cloridrato de cocaína”, resultante da maceração das folhas de coca com a adição de outras substâncias, quando se obtêm uma pasta, que purificada resulta em um sal é uma substância psicoativa semi-sintética.

Já, como exemplo, de uma substância sintética temos o “*Ecstasy*” 3,4-metilenodimetoxianfetamina (MDMA) que é substância derivada de outra substância, a anfetamina. Embora tenha se popularizado nas duas últimas décadas, o *ecstasy* foi sintetizado pela primeira vez em 1914 e patenteado pela empresa farmacêutica alemã Merck, para ser comercializado como um inibidor de apetite. (HOLLAND, 2001)

As drogas, no sentido comum, ou substâncias psicotrópicas têm ainda, conforme a classificação de Chaloult (1971)³⁰ (apud CARLINI et al. , 2001, p.11) uma classificação que toma em consideração os efeitos das mesmas sobre o Sistema Nervoso Central – SNC. Assim, temos três grandes grupos: as substâncias que têm uma ação depressora sobre o SNC, denominadas de substâncias psicolépticas; as substâncias capazes de estimular o SNC,

³⁰ CHALOULT, L. “Une nouvelle classification des drogues toxicomanogènes” in *Toxicomanies*, v. 4, n.4, p.371-5, 1971 apud CARLINI et al. , 2001, p.11.

denominadas de psicoanalépticas; e as substâncias que perturbam o funcionamento do SNC, chamadas de psicodislépticas.

No primeiro grupo, das substâncias que diminuem o seu funcionamento, psicolépticas, encontraremos o álcool, os benzodiazepínicos que são medicamentos com propriedades sedativas e hipnóticas, também conhecidos como tranquilizantes ou ansiolíticos; os barbitúricos também sedativos, os solventes e os opiáceos.

No segundo grupo, denominado de psicoanalépticos, substâncias que possuem propriedades estimuladoras do SNC, encontramos as anfetaminas que além de estimulantes também possuem uma ação anorexígena. Temos ainda, a cocaína, em suas diferentes formas de apresentação, ou seja, o pó que é o cloridrato de cocaína, a pasta de coca, a merla, um produto da cocaína, ainda sem muito refino e de certo modo grosseiro, sujeito a contaminações diversas. A merla é preparada de forma diferente do crack, no entanto também é utilizada como fumo. A diferença entre o crack e a merla é que o primeiro apresenta-se sob a forma de pedra e o segundo, como uma pasta.

No terceiro grupo, das substâncias perturbadoras do SNC, denominado de psicodislépticos, temos as substâncias alucinogênicas, que, além de perturbadoras do SNC, algumas destas são caracterizadas por provocarem alucinações. Alucinação aqui definida como “percepção sem o objeto”. Neste grupo, encontramos tanto as substâncias sintetizadas artificialmente, produzidas em laboratórios (perturbadores sintéticos), como as disponíveis na natureza.

Das substâncias sintetizadas, encontramos a dietilamina do ácido lisérgico (LSD-25), o ecstasy ou MDMA (3,4 metilendioxometanfetamina). Quanto aos psicodislépticos de origem vegetal, temos o uso da psilocibina, presente em algumas espécies de cogumelo e o lírio, utilizado em forma de infusão. A ayahuasca, uma bebida resultante da maceração de folhas de algumas plantas e raízes, utilizadas nos rituais das seitas União do Vegetal e Santo Daime.

De efeito perturbador sobre o SNC, mas não necessariamente com potencial alucinogênico, temos a cannabis sativa. Seu princípio ativo é o THC (tetraidrocannabinol). Esta substância altera a percepção sensorial, provocando alterações sensórias perceptivas.

Tipos de usuários, tradicionalmente caracterizados, a partir da relação de frequência, dependência ou abuso das substâncias psicoativas

O tipo de usuário eventual ou experimental é o que busca a experimentação, apresenta-se curioso, usa a droga pouquíssimas vezes, acompanhado por amigos que o induzem ou lhe estimulam a essa experiência; ou, ainda, movido pela desinformação e simples curiosidade. Normalmente não se fixam em nenhuma droga em particular. Já o usuário ocasional ou recreativo utiliza as substâncias em ocasiões fixas, tais como: festas, situações em que precisa produzir certo tipo de trabalho, reuniões para trocar idéias, encontros sexuais etc.

Os usuários do tipo habitual ou funcional é aquele que está muito próximo a estabelecer uma dependência. Caracteriza-se por começar a apresentar alterações no comportamento.

Como dependente ou disfuncional, este tipo de usuário possui um forte impulso psíquico e/ou físico que impede sua abstinência parcial (ou total), dando-lhe um desconforto tal, que, inevitavelmente, ele irá retomar a droga como, por exemplo, verificamos na dependência do álcool, do tabaco, da heroína, da cocaína e do crack.

O usuário que se enquadraria na modalidade de abuso é aquele que pode prejudicar-se e sentir as consequências do seu uso abusivo, independente de haver configurado uma relação de dependência. Usa de maneira compulsiva: enquanto houver, dificilmente para. Exemplos clássicos são os que realizam uso abusivo de tabaco, álcool e cocaína.

Importante observar que, diferentemente do senso comum, muitos adolescentes têm um contato com as substâncias psicoativas, de caráter eventual, esporádico, recreativo, excepcionalmente de abuso e não estabelecendo uma relação de dependência.

No entanto, tais tipologias não se expressam de modo tão absoluto, não é incomum que possam coexistir a relação com diferentes substâncias em um mesmo sujeito. O exemplo mais comum seria a dependência do tabaco e o uso recreativo do álcool.

Das estruturas de personalidade e seu potencial de vulnerabilidade

Segundo OLIVENSTEIN (1988), distintas estruturas de personalidades, estabeleceriam, de modo geral, dinâmicas características nas relações entre os sujeitos e as substâncias psicoativas utilizadas. Fala especificamente das estruturas neuróticas, perversas, psicóticas e com destaque para os chamados *états limites* ou *borderlines*. Os sujeitos caracterizados como *états limites*, conforme o autor, do seu encontro com a droga resultaria no quadro considerado como o *verdadeiro toxicômano*. Para este pesquisador, apoiando-se em sua leitura do texto lacaniano do estádio do espelho, a constituição do eu estaria comprometida na medida em que, ao identificar-se com a imagem do espelho – o olhar do outro – o sujeito não encontraria uma imagem inteira na qual se precipitaria. Ao contrário, ao deparar-se com um espelho quebrado, o sujeito se identificaria com tal imagem, tendo seu eu marcado por estas gretas.

Em Lacan (1998), no seu trabalho “O estádio do espelho como formador do *eu* tal como nos é revelada na experiência psicanalítica”, afirma que:

“(…) esse desenvolvimento é vivido como uma dialética temporal que projeta decisivamente na história a formação do indivíduo: o estádio do espelho é um drama cujo impulso interno precipita-se da insuficiência para a antecipação – e que fabrica para o sujeito, apanhado no engodo da identificação espacial, as fantasias que se sucedem desde uma imagem despedaçada do corpo até uma forma de sua totalidade que chamaremos de ortopédica – e para a armadura enfim assumida de uma identidade alienante, que marcará com sua estrutura rígida todo o seu desenvolvimento mental”. (p. 100)

Ao experienciar com a droga uma sensação, tal qual um gozo, nunca antes experimentada, Olivenstein denomina esta vivência como *um flash*, dado a sua fugacidade, tal sujeito vivenciaria pela primeira vez um estado de eu pleno, inteiro. Esta vivência se equivaleria à soldadura das partes e as fissuras em sua imagem, em seu eu, por instantes, desapareceriam.

“(…) e aquele encontro não menos específico do corpo, do psiquismo e da droga, que acarreta uma modificação impossível de ser reduzida a qualquer outra, pois se dá de maneira indissolúvel no corpo e no espírito, gerando a “instantaneidade” organizadora de uma unidade até então ausente.” (OLIVENSTEIN, 1985, p.83)

Com uma vivência nestes termos, Olivenstein nos propõe, por meio de seu trabalho, uma possibilidade para a compreensão quanto às grandes dificuldades, ou dito de outro modo, a quase impossibilidade para que tal sujeito renuncie à procura de retomar tal vivência. Para o Autor, os *états limites* caracterizariam-se como o *verdadeiro toxicômano* em relação às demais estruturas, na relação singular que tais sujeitos estabeleceriam com as drogas.

Este autor não prognostica que todos os sujeitos *états limites* venham se tornar toxicômanos, mas ressalta ser esta estrutura/personalidade a que melhor se beneficia da adicção do produto droga. Assim, considerando esta perspectiva, a estratégia terapêutica deverá ser diferenciada das demais, adverte Olivenstein.

Refere-se ainda, à dinâmica das demais estruturas, ou seja, como as neuróticas, psicóticas e perversas engendrariam sua relação com a droga.

Para este autor, a relação com a droga, nas estruturas neuróticas, as manifestações da angústia não são suficientemente anestesiadas pelas drogas, mas é nos sintomas defensivos que as neuroses mais se beneficiariam. Claro que não desconsidera o efeito de prazer obtido através das drogas, mas o considera insuficiente em relação ao dinamismo psíquico das neuroses. Acrescenta ainda, nesta categoria, o uso diferenciado, ocasional ou semiocasional das drogas.

Em relação às estruturas psicóticas, Olivenstein nos dirá que, prioritariamente, esta estrutura não se relaciona com as drogas em uma perspectiva de prazer, mas sim, em uma relação autoterapêutica, em que a droga entra, fundamentalmente, com função anestésica e ou neuroléptica. Avaliza tal conclusão, na relativa tranquilidade em que tais sujeitos aceitam a substituição da droga pelo medicamento, ou seja, quando medicados assertivamente com antipsicóticos (neurolépticos), não relutariam na troca.

No tocante às perversões, Olivenstein nos dirá, em uma perspectiva bem freudiana, que a transgressão caracteriza todo um modo de funcionamento perverso e, uma vez que o universo das toxicomanias apresenta-se extremamente fértil às transgressões, ou seja, a transgressão da passagem (da fantasia) ao ato (atuação) pode satisfazê-lo. Contudo, apontará que a cinética de satisfação imediata, arcaica mesma da substância droga (interação da substância com o organismo), impede que o perverso realize seu *mise em scène* do fantasma. Deste modo, privado de sua fantasia, frustrado por conseguinte, este não se realizará na relação com a droga. Para este autor, a condição de dependência com a droga, não se constitui uma posição satisfatória para o perverso que, nestes casos, passará preferencialmente, para a atuação no campo da sexualidade.

Não obstante, é fundamental observar que não queremos afirmar uma determinação que associa as possibilidades de subjetivação, desde uma perspectiva estruturalista, ao uso seja de caráter recreativo, abusivo ou de dependência de substâncias psicoativas. Na perspectiva da psicopatologia fundamental, como vemos em Berlinck (2008), a noção de subjetivação, que fala do *phatos*, não é coincidente com o patológico da psiquiatria:

“Desde que a posição da Psicopatologia Fundamental é tal que se dispõe sempre a escutar um sujeito que porta uma única voz que fale do pathos que é somático e que vem de longe e de fora, ela é sempre objeto da transferência, ou seja, de um discurso que narra o sofrimento, as paixões, a passividade que vem de longe e de fora e que possui um corpo onde brota, para um interlocutor que, por suposição, seja capaz de transformar, com o sujeito, essa narrativa numa experiência. Esta palavra, aqui, adquire o sentido preciso de enriquecimento, ou seja, a experiência é a possibilidade de se pensar aquilo que ainda não foi pensado.(...)” (BERLINCK, 2008, p. 37)

A leitura de Olivenstein nesse sentido, não estaria descolada das singularidades dos sujeitos escutados na clínica da toxicomania, mas traria à guisa de contribuições, possibilidades de reconhecer o trágico que se encerra nas experiências humanas e, como tal, novas aberturas à compreensão de como sujeito e substância poderiam se engendrar.

Dependência e desamparo

Em 2002, ao concluir minha especialização em farmacodependências pela UNIFESP, junto ao Programa de Orientação e Atendimento a Dependentes - PROAD, pude acompanhar na teoria e na clínica como a questão da dependência, enquanto fenômeno, pode encontrar na droga ou não, o seu pareamento – o “drogadicto” ou o ser adicto. Pude entrar em contato com outras vivências de dependência em que adolescentes e adultos buscavam atendimento especializado para se tratarem nas situações de adicção, as quais podiam prescindir da existência real do objeto químico, do objeto droga. Em tais situações, em outras esferas do ato, de uma pauta de conduta estereotipada, toda a intensidade se manifestava e com a mesma violência presenciada das adicções químicas. Tanto em seus efeitos, como nos casos de abstinência.

Ponto aqui sobre as demandas por atendimento quando o que se encenava era um quadro de jogo patológico, assim denominado, ou em relação às práticas sexuais compulsivas.

Evidentemente, o elemento comum em todas as demandas, bem como na maioria das situações transferenciais, era o desamparo que se anunciava. Quando não do sujeito implicado com alguma substância ou ao próprio comportamento, o desamparo era manifestado pelos familiares acompanhantes.

Quanto ao conceito de desamparo, o mesmo utilizado por Freud (1926) em “Inibições, sintomas e ansiedade”, ele afirmara que:

“(…) o ego fica reduzido a um estado de desamparo em face de uma tensão excessiva devida à necessidade, como ocorreu na situação do nascimento, e que a ansiedade é então gerada” (p. 165)

E, para um além, ou aquém, na clínica das toxicomanias e, ainda nas outras questões do desamparo, as múltiplas possibilidades em dependência, constituir-se-iam também como tentativas desesperadas de solução? Tentativas de solução frente à tensão inerente à condição desejada?

Na lógica do desejo, cuja natureza é insaciável, a dependência ou toxicomania seria análoga ao marinheiro náufrago que, no afã de saciar a sua sede, toma água salgada e, cada vez mais, sua sede torna-se maior, insuportável.

Nasio (1996), poeticamente em “O livro da dor e do amor”, dirá-nos que, não é pela via da satisfação total, muito embora acreditemos (queremos acreditar) que o ser amado é aquele que nos satisfaz.

“Nosso parceiro, o ser do nosso amor, nos insatisfaz porque, ao mesmo tempo em que excita o nosso desejo, ele não pode – a rigor, será que ele teria os meios de fazê-lo? – e não quer nos satisfazer plenamente. Sendo humano, ele não pode e sendo neurótico ele não quer. Isto significa que ele é ao mesmo tempo o excitante do meu desejo e o objeto que só o satisfaz parcialmente. Ele sabe me excitar, me proporcionar um gozo parcial e, por isso mesmo, me deixar insatisfeito. Assim, ele garante essa insatisfação que me é necessária para viver e recentra meu desejo”. (p.36)

A ‘encrenca’ é quando se acredita ou se quer, a qualquer custo, acreditar que só alguém, ou somente uma substância pode, como apontou Gilberto Gil, em sua canção “Super-homem”, cuja devoção é a mulher: “(...) Quem sabe, o super-homem venha nos restituir a glória, mudando como um deus, o rumo da história (...)” É ficar identificado, de modo estereotipado, aos ‘caquinhos’ do espelho quebrado.

Birmam (2000), em seu “Mal-estar na atualidade”, nos dirá em relação à condição atual de subjetivação que:

“(…) ser sujeito, pois, é ter de recomeçar insistentemente seu percurso singular, ter de lidar com seu desamparo em um mundo em que a universalidade e totalidade não mais existem” (p.95)

Este autor prossegue em “Estilo e modernidade em psicanálise” em que articula a dimensão de subjetivação na atualidade, com uma análise política global quanto o consumo massivo de drogas ilegais, bem como a distribuição escandalosa dos psicofármacos, aliados aos discursos fundamentalistas, como novas modalidades de mal-estar na cultura.

“Entretanto, é preciso que se diga que, por difusão e consumo de drogas pesadas e estimulantes administradas, comercial e politicamente, pelo narcotráfico. Mas também, a presença avassaladora dos psicofármacos, nas práticas médica e psiquiátrica, se transformando numa sedação generalizada da angústia humana. A resultante desses diferentes processos é a homogeneização das subjetividades, o silenciamento das diferenças”. (Idem,1997,p.72)

É no cotidiano das relações em que, tal qual, uma fileira de peças de dominó sucessivamente se tombam, Broide (2006), ao analisar o destino de jovens da periferia, assinala:

“No que se refere aos aspectos sociodinâmicos, fica claro o quanto as relações pautadas pelo medo, pelo desamparo, pela formação reativa, pelo sinistro irão conduzir os vínculos familiares. A queda do pai na corrida de obstáculos pode dar-se pelo alcoolismo, pela drogadição, pela passividade, pelo desemprego etc. A mãe, que conhece muito bem o território em que vive, está sempre também em sobressaltos, atenta a se o filho ou a filha não estão entrando para o tráfico ou alguma situação de ilegalidade e violência, ou, então, derrotada, expõe os filhos a essas condições como medida de sobrevivência. (...)” (p.164)

De uma lógica que institui possibilidades de subjetivação, verificamos a impossibilidade de olharmos isoladamente para as questões que tangem a questão da

adolescência – sujeito que se constitui - bem como, para a trama dos fios do cotidiano, das possibilidades do outro(s) de sustentar e referenciar este que se constitui.

Há necessidade de uma análise dos elementos em pauta, bem como da articulação das múltiplas questões de ordem macro ou microeconômica, instituído a construção de cotidianos, como a economia do desejo, manipulada ao tomar para si, como necessidades, o que é fundamental para sua caminhada almejada.

A oferta da droga é vista como um linimento da alma, ofertado para mitigar o peso do cotidiano, ou como um pequeno prazer acessível, nos centros, nas periferias, até mesmo através de serviços de entrega do tipo “*delivery*”!

Capítulo VII

Discussão

Parece-nos que a associação dos temas adolescentes e drogas tem precipitado a organização de um campo de pesquisa que, aparentemente sedutor ao jovem pesquisador, mereceria alguns desdobramentos e cuidados que contribuíssem para a problematização das próprias questões enunciadas nos mesmos.

Assim, consideramos que as representações sobre a adolescência mereceriam ser problematizadas, além de considerar os aspectos biopsíquicos e sociais, pois acabam, por vezes, por resultar em representações extremamente generalizantes. Estas tão amplas que, ao perderem o sujeito singular, acabam por se tornar elas mesmas nos dispositivos discursivos, empregados para a construção dos sujeitos-adolescentes contemporâneos.

Seria, por analogia, uma conversa sobre sexualidade que tomasse apenas a anatomofisiologia dos corpos como referência à sua compreensão, excetuando-se desta a questão do prazer, seus diferentes significados culturais, o momento em que é vivida, a questão de gêneros e, principalmente, a singularidade dos sujeitos que habitam tais corpos.

Queremos ressaltar que, muito embora existam elementos comuns nas vivências adolescentes, deve-se ter o cuidado com as afirmações simplistas e totalizantes.

No entanto, como verificamos, ao longo do século XX, os especialistas debruçaram-se sobre o conceito de adolescência, sobrepondo pressupostos que se eram contestadas as abordagens anteriores, em alguns momentos, tais representações serviram de suporte às novas postulações. Assim, ao criticarem as abordagens naturalizantes, de caráter biológico universal, o seu próprio discurso reafirmava a força da enunciação anterior, pelo simples fato de partirem dela como referencial de contestação. Uma negação reafirmava toda uma discursividade, fosse esta ingênua, equivocada, ou ainda, motivada por distintos interesses.

Primeiramente a própria noção de adolescência ou juventude, conforme preferem os trabalhos em que as ciências sociais dominam, deveria ser explicitada, em especial o debate que vem acompanhando tal discussão. Se as contribuições oriundas da sociologia e da antropologia cumpriram um papel importante ao questionar as posições teóricas naturalizantes da adolescência, herdeiras da psicologia no início do século XX, atualmente nem todas as contribuições oriundas da psicologia, da psicanálise e de outras áreas do conhecimento que se dedicaram ao tema, deveriam ser desconsideradas. Trata-se, no entanto, de revisitar tais posições a partir de uma leitura crítica que permita reconhecer que ao falar em adolescência

ou juventude, estamos nos referindo a juventudes e adolescências, necessariamente. (CORTI, e SOUZA, 2004: p.14).

Se , por um lado fica evidente a escolha do termo adolescência pela psicologia, como um campo para o estudo e compreensão da formação do sujeito (subjetivação) entre a infância e a vida adulta e, por outro, nas ciências sociais, como a sociologia, antropologia e a história entre outras, ao focar as tensões e distensões dos termos jovens, juvenis e juventude como representações resultantes de momentos histórico-culturais e econômicos específicos, para a delimitação de um campo de investigação de tal produção social, seria ingênuo desconsiderar que as respectivas contribuições oriundas dessas áreas se inter-relacionam.

Embora não pretendamos aqui nos deter nesse debate, o qual por sua vez é bem mais amplo, pontuamos que buscamos uma perspectiva psicológica ou psicanalítica da adolescência, que toma em consideração as representações disponibilizadas na cultura, e o lugar no laço social que sustenta o ser adolescente. Consequentemente não é possível deixar de dialogar com as outras áreas do conhecimento, sob pena de recair numa visão simplista ou parcial de tal conceito.

Assim, qual a questão que ainda induz tanta produção discursiva em que se verificam tais posições?

Não se trata também de uma limitação específica de uma determinada área de conhecimento, pois os estudos e pesquisas desenvolvidos, conforme verificado neste estudo , têm sido realizados em áreas diversificadas, como na psicologia, educação, psiquiatria e outras; e, dentre elas, muitos trabalhos articulam um referencial teórico transversal às várias áreas do conhecimento.

Dito de outro modo, os estudos não prescindem das contribuições das diversas áreas do conhecimento, dado à complexidade do fenômeno abordado ou em função da excessiva especialização nas diversas áreas do conhecimento. Por outro lado, observamos produções que incorrem , cada vez mais, no risco de fragmentação e de uma hiperconceituação do objeto estudado.

Temos estudos quantitativos que buscam resultados em grupos populacionais ampliados, objetivando um conhecimento de caráter preditivo que possa ser generalizado, aplicado ou ainda, pesquisas que visam conhecer ou reafirmar pressupostos teóricos que sustentem uma compreensão psicodinâmica dos sujeitos estudados. Ou de estudos que se desenham em um campo estritamente teórico, buscando articular uma metapsicologia, formular novas ou reafirmar conhecidas categorias psiquiátricas.

Também temos a busca de uma verdade como achado neurocientífico, por meio das escalas, testes, estudos de relação entre neurotransmissores na presença das substâncias etc. que, na perspectiva da fragmentação e pretensão de um discurso hegemônico, reduziriam o sujeito a uma amostra orgânica laboratorial.

No entanto, percebemos pouco avanço nos resultados verificados. Na universidade, não verificamos também tendência de continuidade das pesquisas discentes iniciadas. Constatamos, no presente levantamento e análise, que o grande contingente de pesquisas concluídas nas dissertações de mestrado sobre o tema, não prosseguiram nos doutorados de seus pesquisadores. Ressalta-se também, conforme verificado, uma dispersão temática entre os respectivos orientadores, como uma suposta falta de problematização teórica que pudesse sustentar uma continuidade nas pesquisas, bem como para a organização de grupos de pesquisas sobre esse tema .

Uma revisão e análise crítica atenta a uma das tendências verificadas nas pesquisas em educação, apontadas por Kuenzer e Moraes (2005) que, criticando certo sincretismo teórico, associado a uma certa superficialidade e sincretismo metodológicos, destaca:

Como resultado, são frequentes as pesquisas que oscilam entre um pseudopositivismo e um arremedo de pesquisa qualitativa, em que não se ultrapassa uma precária aproximação fenomênica capaz, apenas, de relatar impressões fragmentadas de uma realidade superficialmente observada ou parcialmente intuída. (2005, p. 1355)

Poderíamos considerar que a percepção desses autores pudesse ser ampliada às pesquisas realizadas em outras áreas do conhecimento?

Considerando os dados do Censo Demográfico (2000) realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, a população na faixa etária de 10 a 19 anos, corresponderia a mais de 35 milhões de adolescentes. Se tomarmos a referência do V Levantamento Nacional sobre o Consumo de Drogas (2004), que aponta que mais de 12% dos estudantes de ensino fundamental e médio já usaram algum tipo de droga na vida, aqui também chegamos, aproximadamente, ao número de 4,2 milhões de adolescentes, com algum tipo desta vivência.

Entretanto, em relação ao consumo de álcool, entre 10 e 12 anos, “41,2% dos estudantes brasileiros da rede pública de ensino já tinham feito *uso na vida* de álcool”, (*Ibid*, p. 367). O estudo brasileiro identificou que a primeira droga experimentada por adolescentes é o álcool.

Em um estudo realizado pelo Instituto da Droga e da Dependência – IDT, em Portugal em 2003, por meio de seu departamento, o Observatório de Drogas e Toxicodependências,

apontou que 47% dos alunos de 13 anos e 94% dos alunos de 18 anos já tinham experimentado álcool, pelo menos uma vez ao longo da vida. (ECADT/ 2003) ³¹

Ao compararmos os dados do levantamento brasileiro com o estudo português, verificamos uma diferença pouco superior nos dados de Portugal. No entanto, é preciso observar que o estudo português teve como referência a idade de 13 anos e o levantamento brasileiro considerou a faixa etária de 10 a 12 anos. Deste modo, considerando a tendência de aumento no consumo conforme o aumento da idade, talvez não constitua significativa diferença.

Ainda, o mesmo levantamento brasileiro realizado pelo CEBRID quanto ao uso de drogas, exceto álcool e tabaco, aponta que o Brasil esteve na frente de outros países da América do Sul:

“Brasil (22,6%); Chile (19,8%); Uruguai (13,5%); Equador (12,3%); Venezuela (6,0%); Paraguai (5,6%); Guiana (35,1%); na América Central: Nicarágua (11,2%); Guatemala (9,8%) e Panamá com 9,6% de estudantes que fizeram uso na vida de drogas (CONACE, 2005; CICAD, 2005)”. (Carline et al, 2004, p. 366)

Muitos trabalhos têm associado a questão das drogas com um dos fatores, para os quais, a adolescência se apresentaria como um momento de maior vulnerabilidade. Há verdadeiramente uma inflação discursiva na produção desse "adolescente drogado" ou melhor, "adolescente em risco",

Encontramos referências na literatura psicanalítica, específicas sobre a adolescência, desde Aberastury (1983), quando diz que “o adolescente busca diferenciar-se do adulto e em sua luta por adquirir uma identidade, elege, às vezes, caminhos distorcidos como a toxicomania.” (p. 29)

Aberastury nos diz que em sua luta pela identidade, o adolescente “(...) ’as vezes’ elege (...) a toxicomania”. Dessas potenciais, mas não determinadas escolhas, alguns elegem, mas não obrigatoriamente todos, tampouco a maioria. No entanto, o impacto discursivo de sua citação pode evocar nos adultos que se encarregam dos adolescentes, um efeito de antecipação ao menor sinal de conflito geracional. Como se os adolescentes em algum momento de “crise” estivessem a meio caminho da toxicomania. Este tipo de contradição se revela, ao considerarmos que as enunciações clássicas sobre a adolescência, necessariamente, ao se referirem à adolescência como uma “fase de crises”, estaria determinando gerações inteiras de toxicômanos?

³¹ Estudo sobre o Consumo de Álcool, Tabaco e Drogas, em alunos do ensino público – Portugal Continental – ECADT/2003, insere-se no Programa de “Estudos em Meio Escolar” e representa o alargamento do Projeto ESPAD – European School Survey Project on Alcohol and other Drugs.

Talvez, tal possibilidade possa ocorrer, caso o fantasma da iminência das drogas esteja fortemente presente nas angústias de seus pais, a tal ponto de não poder ser discutido, junto aos seus filhos, em suas bases reais, o que é difícil para os pais divisar.

Gurfinkel (1995) discutindo a toxicomania, em uma abordagem psicanalítica, também faz referência à vulnerabilidade adolescente quando afirma (a afirmação causa ainda mais medo) que “apesar de a adolescência ser classicamente o período da “iniciação”, surge, cada vez com mais frequência, o uso já na infância”. (p.32)

O próprio fato de verificar a adolescência como período de iniciação, não diria nada além das condições mínimas de autonomia para tal experimentação, bem como, no caso do álcool, nossa cultura sexista e marcadamente machista indicaria, no caso dos adolescentes meninos, um apelo (erótico) em direção à virilidade, como é possível verificar nas propagandas de cerveja, de modo geral, que associam a idéia da cerveja como uma “loira”, utilizando imagetivamente modelos femininos jovens e belas, loiras ou não e de preferência usando biquínis ou outros trajes sensuais como suas garotas-propaganda.

Nessa mesma lógica, tais propagandas também exerceriam nas meninas adolescentes, o mesmo efeito, por outra posição, ou seja, uma vez que as garotas-propaganda das cervejas são alçadas à idéia de modelo e conseqüentemente objeto do desejo masculino, a mensagem dirigida às adolescentes é a de virem a ocupar tal lugar (o desejo do outro). O que segue em paralelo associativo é que em ambas as mensagens, tanto para o público masculino como para o feminino, o contexto de praias, bares e outros ocorrem em contextos de descontração, alegria e tudo isso regado a muita cerveja: a loira a ser vendida (desejada).

Em uma pesquisa publicada em 2009 sobre a exposição de adolescentes aos comerciais de cerveja, especificamente, quanto aos seus indicadores de maior identificação (nota de apreciação) por esse segmento, observou-se que:

“(…) Temas relacionados ao humor e ao erotismo talvez possam explicar, em parte, a existência da relação exposição/nota de apreciação: tais temas predominaram nas cinco primeiras colocadas. Inversamente, a última colocada, por exemplo, destacou a pureza da água como tema do comercial.” (VENDRAME et al, 2009, p. 362)

Ainda, segundo estes autores, os resultados encontrados foram de uma expressiva associação entre o consumo de bebidas e a exposição às propagandas:

“Do total de 133 estudantes, 110 (82,7%) relataram já ter experimentado bebidas alcoólicas, dentre os quais, 59 (44,4%) referiram consumo com alguma frequência: 40 (30,1%) pelo menos uma vez ao mês e 19 (14,3%) aos finais de semana. Em relação à exposição prévia às propagandas, 79% dos adolescentes haviam assistido previamente pelo menos uma das 32 propagandas exibidas dez vezes ou mais, e 2/3 deles viram ao menos uma das cinco primeiras colocadas mais de dez vezes.” (Idem, p.361)

Apontam que o Brasil ainda se encontra como um mercado imaturo e desregulado no que concerne à regulamentação da veiculação de propaganda de bebidas, tanto quanto na sua regulamentação que têm a criança como seu público alvo e, muito embora haja uma preocupação dos setores governamentais, a resistência da indústria de bebidas, associada a uma legislação atual que considera bebidas alcoólicas somente as que apresentam teor alcoólico acima de 13° GL, tanto os vinhos, como as cervejas, escapariam das atuais restrições. (VENDRAME et al, 2009)

Verificamos, conforme outros autores também psicanalistas, que o processo de elaboração do luto pela perda do corpo infantil, somada à renúncia das fantasias incestuosas, da onipotência própria da bissexualidade infantil, resultaria em uma vivência intensa e, por vezes, sofrida na adolescência. Tal processo, quando não elaborado, negado pelo adolescente, muitas vezes pode resultar em expressões anti-sociais e autodestrutivas, constituindo as mais graves patologias do adolecer, o que caracterizaria uma maior vulnerabilidade às drogas, conforme observou Aberastury (1983).

Para os psicanalistas contemporâneos como Jeammet e Corcos (2005), as toxicomanias são denominadas como “patologias do agir”. Estes autores ressaltam como importantes, além dos aspectos da vulnerabilidade, os fatores “(...) de proteção ou de resiliência (...) sua história individual e familiar”. Acrescentam os fatores da “(...) conjuntura na qual se desenvolve a adolescência” e associados aos “(...) acontecimentos e com a qualidade das respostas do ambiente às expectativas explícitas ou implícitas do adolescente”. (p. 68)

Talvez não seja muito explicitado, mas faz-se necessário pontuar que a questão da adolescência aparece, nesses autores, necessariamente, sob uma perspectiva clínica, ou seja, não poderiam falar de uma suposta adolescência a ser generalizada de modo a estabelecer aspectos preditivos, mas falam a partir de uma escuta em que se considera sua própria casuística.

Neste sentido, a clínica psicanalítica contribuiria no diálogo contínuo com o seu referencial teórico-metodológico, pois, historicamente constituiu sua base de reflexão e (re)formulação contínuas, não sendo possível tomar o singular como modelo universal. Apenas podemos observar que a experiência clínica sobre a adolescência incide sob uma parcela ínfima desse segmento, pois a demanda por uma análise, quando apresentada ao analista, partiria dos seus pais ou responsáveis, em sua maioria; e, às vezes, do próprio adolescente. Mais especificamente, nos casos em que seus comportamentos, sua fala e mais precisamente, a partir da relação transferencial, ensejam um dizer (singular).

Importante ressaltar que a maior vulnerabilidade da adolescência às drogas está associada às condições psíquicas e sociais vivenciadas neste processo, resultantes ou não em quadros patológicos. Dito de outro modo, não há necessidade de uma psicopatologia para justificar a predisposição às drogas. As formulações de uma vivência com conflitos estabelecida entre as condições disponíveis na cultura e as exigências de trabalho psíquico configurariam esse campo de maior vulnerabilidade para os adolescentes em relação às drogas.

Contudo, como verificamos os elementos que resultaram nas formulações dos conceitos de adolescência, ao longo do século XX, em particular, no esforço empreendido pela psicologia, constituíram o modo como as culturas ocidentais pretenderam capturar e definir todo esse segmento humano situado entre a infância e a fase adulta, buscando objetivar o “adolescer”, por meio da produção de uma subjetividade específica e problemática. Notadamente, um campo de disputas teóricas e, por vezes, pseudocientíficas com fins de normatização e judicialização.

A relação entre adolescência e drogas, como podemos verificar tanto no levantamento das produções discentes, como no levantamento das publicações em periódicos, figura com forte sentido de relevância entre pesquisadores e estudiosos.

A própria situação de adolescência ou da juventude, por mais que pesquisada, publicada e orientada por especialistas e tendo sido vivenciada por qualquer adulto, ainda mantém em toda a sua manifestação, tanto algo já visto, familiar, como algo inovador, surpreendente. Uma *expressão de ser* inquieta pais, educadores e também especialistas, quando estes são convocados a intervir, rearticulam os discursos sobre limites, transgressões etc. a partir de uma situação ou comportamentos que os impliquem com o adolescente ou jovem. Aí sim os especialistas também se vêem desafiados com o *sujeito* e não com o *conceito*.

Agora, se adicionarmos o objeto droga ao ser adolescente, tal conjunção amplia esta complexa e desafiante situação. Tanto no que concerne à “problematização”, organizada em torno desse conceito, quanto nos distintos atravessamentos ideológicos presentes no discurso sobre as drogas. Seja na sua ocorrência real ou hipotética de tal conjunção.

Parece-nos que a questão do observador, cuja percepção é determinante em relação ao objeto observado, quando são elaboradas as pesquisas sobre a adolescência e drogas, escapa por ocasião de sua análise e interpretação quanto aos resultados encontrados. Neste sentido, dois elementos são fundamentais para esta discussão: os aspectos legais e normativos.

Se a ordem da lei se impõe, na perspectiva foucaultiana, por meio de uma forma de poder de caráter repressor, punitivo, impondo, assim, as suas limitações, sua manifestação é essencialmente construída na base de um discurso jurídico. Por sua vez, a normatização (norma aplicada) como um dispositivo moderno se constituiria por práticas discursivas ou não que agiria dentro da lei ou fora dela (marginalmente), reassegurando-a ou não, mas possuindo uma tecnologia própria de sujeição.

No tocante às normas, suas estratégias se constituiriam pelas práticas discursivas de apelo racional, do discurso científico e de todo o conhecimento que reforçariam suas técnicas (tecnologia) de dominação. Assim como suas práticas não discursivas se constituiriam pelos dispositivos físicos, de administração dos tempos e das necessidades, no âmbito dos indivíduos ou das instituições, modulando demandas e comportamentos individuais ou coletivos. (COSTA, 2004)

Neste sentido, é inegável a questão da problemática das drogas no mundo atual, a questão do tráfico e consumo das drogas ilícitas que se entrecruzam com o mercado de armas, paraísos fiscais, lavagem de dinheiro e somas significativas mobilizadas que superam o produto interno bruto (PIB) de muitas nações. Paralelamente, a problemática das drogas lícitas como o álcool e o tabaco, assim como a proliferação e o aumento indiscriminado nas prescrições e consumo de psicofármacos, evidenciariam o lado obscuro de um sistema legal e normativo que por meio de suas práticas discursivas ou não, engendrariam uma política hipócrita em que colocariam, no mesmo plano, o traficante e o usuário, os usos de caráter recreativo e o uso abusivo ou a dependência.

Embora as reações de repúdio, aversão e indignação tenham sido mobilizadas, na população em geral, em relação ao crack e as consequências em seus usuários; por outro lado, ações normativas discursivas ou não têm equiparado o tabagista à mesma posição de execração, o que a torna, de uma certa forma, banal e institucional. De um lado o horror pela destruição iminente do sujeito, pelo padrão compulsivo de uso do crack e o medo mobilizado por esse sujeito que nada tem a perder, portanto pode fazer qualquer coisa para consumir, ao horror frente ao tabagista que diminui sua própria longevidade, incorrendo nas diversas possibilidades carcinogênicas de seu vício, amedrontando a todos os demais não fumantes, colocados passivamente na posição de vítimas-fumantes-passivos. Enfim, tanto na morte iminente do usuário do crack quanto na morte menos iminente do tabagista, há uma espécie de horror orquestrado, em que a guerra, a miséria, por exemplo, já não causam tanto horror, por serem "naturalizadas". Apenas a drogadição é "desnaturalizada", porque a vontade do

sujeito individual, de fato, conta, numa execração que parece isentar daquele que anuncia o nosso próprio caráter de mortais.

Outro discurso produzido em que essa superabundância causa efeitos é o discurso que relaciona jovens ou adolescentes ao álcool. Verificado que o álcool é a primeira substância de consumo por estudantes (adolescentes) e que a maioria já experimentou o mesmo, como é dito e reafirmado, não é a mesma coisa dizer, no entanto, que o alcoolismo seja uma das questões problemáticas da adolescência ou da juventude. Até porque o álcool se faz presente em toda a história da humanidade, desde o neolítico, é ainda presente nas distintas manifestações culturais, (na nossa cultura, nas comemorações, eventos sociais ligados ao trabalho e ao lazer) e a maioria dos usuários fazem de modo recreativo, o farão por toda a vida, sem necessariamente virem a se tornar abusadores (como é usual agora dizer) ou dependentes.

A sociedade é extremamente ambivalente. De um lado, estimula o consumo de álcool, de outro, procura discriminar os dependentes. Talvez o melhor indicador do cunho falsamente moralista como eram, se ainda não o são, tratados os abusadores ou dependentes do álcool, era a denominação de alcoólatras, cujo sufixo grego '*atra*' quer dizer adoração, adoração ao álcool, à bebida. Neste sentido, a moral social (norma) colocava, ou ainda coloca, o alcoolista como 'malandro', 'sem-vergonha', 'fraco de caráter' e adepto à 'vagabundagem'. Tais efeitos de caráter normativo, pois, do ponto de vista jurídico, o álcool é uma droga lícita, incidem sobre o mesmo sujeito a quem se dirigem os aviltamentos, os quais por sua vez não se reconhecessem como possuidores de um problema de dependência, assim como se colocam de modo extremamente moralista em relação aos outros usuários, dependentes ou não de outras substâncias, particularmente as ilícitas.

Por outro lado, há uma segregação praticada pelos próprios dependentes, dando mostras do efeito internalizado da própria discriminação. Nos serviços de atenção aos dependentes de álcool e outras drogas, tradicionalmente são propostos grupos de acolhimento específicos para alcoolistas e grupos distintos para usuários de outras ou múltiplas drogas, pois os usuários alcoolistas, nesses serviços, mostram-se extremamente hostis em relação aos demais usuários de drogas ilícitas, referindo-se a eles como 'os drogados', grupos dos quais, não se sentem parte.

Esses efeitos ambivalentes e a própria abundância discursiva que se autocorrói, é bem sentida no caso da maconha. Se, nos últimos anos, um forte debate sobre a descriminalização do usuário tem se encenado, ao mesmo tempo, os aspectos históricos e culturais que foram associados de maneira insistente no imaginário da população ao uso da maconha por povos indígenas ou negros (escravos), não se sabe se para "naturalizar" tal substância ou ainda para

associá-lo às "culturas exóticas". Incentivado por discursos pseudocientíficos, de ser a maconha a porta de entrada para outras drogas, atribuiu-se a ela conotações ligadas à vagabundagem, à violência e ao crime, conforme figuram no filme "Tropa de elite". Neste, o usuário da maconha é relacionado ao incentivador da violência nos morros cariocas. Expressões associadas a crimes hediondos, anteriormente ao flagelo do crack, eram expressas através das formulações "devia estar drogado" ou "estava maconhado" (quando fez o que fez).

Recentemente, na mídia as notícias sobre o assassinato do cartunista Glauco tinham semelhante conotação:

"O cartunista Glauco Villas-Boas, 53 anos, - o criador do personagem "Geraldão" - e o filho dele, Raoni, de 25 anos, foram mortos na madrugada desta sexta-feira dentro da comunidade Céu de Maria, que reúne adeptos de Santo Daime, em Osasco, na Grande São Paulo. O acusado pelo crime é o estudante Carlos Eduardo Sundfeld Nunes, de 24 anos, que seria um ex-adepto. O rapaz, que já tem passagem por porte de drogas (maconha) (...)" (O GLOBO, 2010)³²

Tal episódio e particularmente a forma como foi abordada pela grande mídia, reacenderam ressentimentos morais (normativos) em relação aos usuários de maconha e reavivou o debate pela restrição do chá de ayahuasca, substância legalmente permitida nos contextos de práticas religiosas.

Encontramos, na análise do discurso de professores, referências que indicam posições de sujeição, ausência de autoria e impotência por um lado quando se conjugam os termos adolescência e drogas. E, por outro, uma demanda de referenciais teóricos, práticos que possam subsidiar suas ações quando interpelados a atuarem, seja na perspectiva hipotética do fórum ou nas realidades enfrentadas em seu cotidiano.

Apesar da superabundância discursiva, há sempre uma demanda de um discurso "eficaz", que possa "combater" o uso da droga. A falta de perspectivas colocadas ao jovem contemporâneo - a produção de uma "adolescência patológica" pelo próprio discurso psi, a mercantilização dos desejos e necessidades juvenis, a falta de territórios e formas culturais em que o jovem possa exercer sua potência criadora, a possibilidade de ser sujeito, reformulando a seus próprios termos uma oferta cultural das gerações passadas que tenha real significado, não são problemas em geral associados à droga.

³² GLOBO, O. <http://oglobo.globo.com/cidades/mat/2010/03/12/cartunista-glauco-criador-do-geraldao-assassinado-em-sao-paulo-916048286.asp>

Percebemos que muitas formulações de propostas possuem caráter reativo frente ao imperativo de “combater o problema”, delineando, talvez, a fragilidade com que percebem sua identidade profissional, seu papel e a função social da escola

“(…) qual seja, a de socializar as novas gerações, permitindo-lhes o acesso aos conhecimentos historicamente acumulados, contextualizando-os e contribuindo na ampliação do capital simbólico existente, propiciando às crianças e jovens conhecer o mundo em que vivem e compreender as suas contradições, o que lhes possibilitará a sua apropriação e transformação.” (GONÇALVES, 2006: p.09)

Ainda nesse aspecto, verificamos a ausência de uma literatura mais objetiva que trate do tema adolescência e drogas, distanciada o suficiente que permita romper com o ciclo repetitivo das formações discursivas de caráter normativo/ moralista e, implicada o bastante para não abordá-la de modo simplista e natural. Contornando assim, toda uma proliferação de produções sobre o tema, destinadas a ‘dizer o mesmo’, evitando, de tal sorte, a correnteza fluida em que seguem os tons trágicos, moralistas e pseudocientíficos dos discursos que se conjugam.

Para além ou em consonância às disputas ideológicas que se encenam, as literaturas que se multiplicam sobre essa temática, cumpririam o papel de realimentar com os mesmos ingredientes a função de assustar pais e professores, angariar mais facilmente verbas governamentais e não governamentais a título de novas (re)apresentações de solução, voltadas ao tão já ‘batido’ discurso quanto à prevenção e ao ‘resgate do adolescente do mundo das drogas’.

Observamos a necessidade de uma produção discursiva que faça frente aos discursos hegemônicos sobre o tema, que desobstrua o tom do já dito e que seja fecunda a novos dizeres.

Dizeres que comportem as experiências múltiplas do que seja o adolescer e que a experiência, no sentido de experimentação, no que possui de potencial criativo, não fique enclausurada pelo terror generalizado às drogas, como limitadores da experiência e existência humana.

Referências bibliográficas:

- ABERASTURY, A.; et al. Adolescência, Artes Médicas, 2ª. ed., Porto Alegre – RS, 1983
- ABERASTURY, A. e KNOBEL, M., Adolescência normal, Artes Médicas, 9ª . ed., Porto Alegre – RS, 1991
- ABRAMOVAY, M. e CASTRO, M.; Drogas nas escolas. Brasília: UNESCO, Coordenação DST/AIDS do Ministério da Saúde, Secretaria de Estado dos Direitos Humanos do Ministério da Justiça, CNPq, Instituto Ayrton Senna, UNAIDS, Banco Mundial, USAID, Fundação Ford, CONSED, UNDIME: 2002.
- ARAÚJO, M.R. e MOREIRA, F.G., História das Drogas. In: Silveira D.X, Moreira F.G., organizadores. Panorama atual de drogas e dependências. Editora Atheneu; São Paulo: 2006.
- ARIÈS, P., História Social da Criança e da Família, Zahar Editores, 2ª ed., Rio de Janeiro, RJ, 1981
- BARUS-MICHEL, J. Entre sofrimento e violência: a produção social da adolescência.. In: Simpósio Internacional do Adolescente, 1., 2005, São Paulo. Proceedings online... Available from: <http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC0000000082005000100018&lng=en&nrm=abn>. Access on: 13 June. 2009.
- BENETTI, S. P. C. et al . Adolescência e saúde mental: revisão de artigos brasileiros publicados em periódicos nacionais. Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, v. 23, n. 6, June 2007 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2007000600003&lng=en&nrm=iso>. access on 12 Apr. 2009. doi: 10.1590/S0102-311X2007000600003.
- BERLINCK, M.T. O que é Psicopatologia Fundamental. Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 46-59, mar. 1998.
- BIRMAN, J. Despossessão, saber e loucura: sobre as relações entre a psicanálise e psiquiatria hoje. In Psicanálise e Psiquiatria: controvérsias e convergências – Antonio Quinet (org.) – Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2001
- BROIDE, J.; A psicanálise nas situações sociais críticas: uma abordagem grupal à violência que abate a juventude das periferias. Tese de doutorado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006
- BUZZMETRICS, N.; Qualitative Study of Online Discussions About Teen Alcohol & Drug Use, 2007 <<http://www.caron.org/assets/PDFs/Resource-Center/AQualStudyOnlineDisc.pdf>>. >. access on 11 Jun. 2009.
- CALLIGARIS, C.; A adolescência. São Paulo, Publifolha, 2000.

- CARLINI, E. A. et al. Drogas psicotrópicas – o que são e como agem, in Revista IMESC, n.º2, 2001. PP.9-35.
- _____, V Levantamento Nacional Sobre o Uso de Drogas Psicotrópicas entre Estudantes do Ensino Fundamental e Médio da Rede Pública de Ensino nas 27 Capitais Brasileiras - Cebrid, 2004.
- CÉSAR, M.R.A.; A Invenção da “Adolescência” no Discurso Psicopedagógico. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 1998.
- CHEVALLARD, Y. La transposición didáctica. Del saber sabio al saber enseñado. Buenos Aires: Aique Grupo Editor, 1995.
- CORTI, A.P. e SOUZA, R., Diálogos com o mundo juvenil: subsídios para educadores – Ação Educativa, São Paulo: 2004.
- COSTA, J.F., Ordem médica e norma familiar, Ed. Graal, Rio de Janeiro, RJ:2004.
- DEBORD, G., A sociedade do espetáculo e outros textos. Versão para eBook, eBooksBrasil.com, [1967] 2003.
<<http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/comentariosse.html>> access on 25 Apr. 2009
- ELIAS, R.J., “As medidas aplicáveis ao menor infrator” in Justitia, São Paulo, 47 (132) 57-60, out/dez. 1985
- EHRENBERG, A. e BOTBOL, M. (2004) Depressão, doença da autonomia? Entrevista de Alain Ehrenberg a Michel Botbol. *Ágora* (Rio J.), Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, Jan. 2004. Available from
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-14982004000100009&lng=en&nrm=iso>. access on 03 Aug. 2009. doi: 10.1590/S1516-14982004000100009.
- FEIJÃO, F.; Estudo sobre o Consumo de Álcool, Tabaco e Droga, em alunos do ensino público - Portugal Continental / 2003 (ECATD 2003)
<<http://www.idt.pt/pt/investigacao/paginas/estudosconcluidos.aspx>>. access on 25 Apr. 2009.
- GONÇALVES, A.S., Reflexões sobre educação integral e escola de tempo integral in “Cadernos Cenpec” n.º 2 – Educação Integral – 2º semestre 2006.
- FOUCAULT, M., (1984) Dois Ensaio sobre o Sujeito e o Poder. Extraídos do Livro de Hubert Dreyfus e Paul Rabinow - Michel Foucault: Um Parcours Philosophique, Ed. Gallimard, Paris. Tradução de Lilia Valle e rev. de Silvia Aguiar.
- _____, (1979) Microfísica do poder – Rio de Janeiro, RJ: Ed. Graal;
- _____, (1998) História da sexualidade I: A vontade de saber. – Rio de Janeiro, RJ: Ed. Graal;

- FREUD, S. (1976). Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental. In O caso de Schreber: artigos sobre técnica e outros trabalhos (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. XII, pp. 273-286). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1911)
- _____ (1976c). Sobre o narcisismo: uma introdução (J. Salomão, Trad.). Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (Vol. XIV). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1914).
- _____ (1976). Além do princípio de prazer. In Além do princípio de prazer, psicologia de grupo e outros trabalhos (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. XVIII, pp. 13-88). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1920).
- _____ (1976). O mal-estar na civilização. In O futuro de uma ilusão, o mal-estar na civilização e outros trabalhos (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. XXI (pp. 75-174). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1930).
- O GLOBO, Cidades, disponível: <http://oglobo.globo.com/cidades/mat/2010/03/12/cartunista-glauco-criador-do-geraldao-assassinado-em-sao-paulo-916048286.asp>
- GUIRADO, M., (2000) A Clínica psicanalítica na sombra do discurso: diálogos com aulas de Dominique Mangueneau – São Paulo, SP: Casa do Psicólogo;
- _____, (2004) Instituição e relações afetivas: o vínculo com o abandono. Ed. rev. e ampl. – São Paulo, SP: Casa do Psicólogo;
- _____, (2006) Psicanálise e análise do discurso: matrizes institucionais do sujeito psíquico – Ed. rev. e ampl. – São Paulo, SP: E.P.U.;
- GUIRADO, M., Org; LERNER, R., Org.; (2007) Psicologia, pesquisa e clínica: por uma análise institucional do discurso. – São Paulo, SP: Annablume; Fapesp.
- GURFINKEL, D.; A pulsão e seu objeto droga: estudo psicanalítico sobre a toxicomania. Editora Vozes, Petrópolis – RJ, 1995.
- JEAMMET, P. e CORCOS, M.; Novas problemáticas da adolescência: evolução e manejo da dependência. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.
- KAWANO, D.F. et al . Acidentes com os medicamentos: como minimizá-los? Rev. Brasileira de Ciências Farmacêuticas, São Paulo, v. 42, n. 4, Dec. 2006 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-93322006000400003&lng=en&nrm=iso>. access on 31 Jun. 2010.
- KHEL, M. R.; A juventude como sintoma da cultura in Outro Olhar, Revista de debates mandato vereador Arnaldo Godoy (PT), Ano V, n.º6, Belo Horizonte, novembro de 2007, disponível em <http://www.arnaldogodoy.com.br/pdfs/revista_2007.pdf#page=43>.

- KUENZER, A. Z. e MORAES, M. C. M.; Temas e tramas na pós-graduação em educação. *Educ. Soc.*, Campinas, v. 26, n. 93, Dec. 2005. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302005000400015&lng=en&nrm=iso>. access on 11 Apr. 2009. doi: 10.1590/S0101-73302005000400015.
- LACAN, J.; O Estádio do espelho como formador da função do *eu* tal qual nos é revelada na experiência psicanalítica in *Escritos* (1966), Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1998, p.96-103. Trad. Vera Ribeiro.
- MANGUENEAU, D.,(1997) *Novas tendências em análise do discurso*. – Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 3ª edição;
- MANNHEIM, K.; O problema da juventude na sociedade moderna. *Sociologia da juventude*, I: da Europa de Marx à América Latina de Hoje. Marx, Karl, et. al. Rio de Janeiro: 1968.
- NOGUEIRA FILHO, D.M., *Psicanálise e medicina*. Ed. Escuta, São Paulo: 2008.
- NOMINÈ, B.; L'adolescence ou la chute de l'ange in *La lettre de l'enfance et de l'adolescence* – Dossier: Temps d'enfance – Problématiques - *La lettre du grape*, n° 53, 2003/3, p. 31 a 38.
- OLIVENSTEIN, C.; Les personnalités à risques in *Neuro-Psy*, 3, (2): 104-108, Paris, 1988.
- PAIS, J.M., *Culturas Juvenis*, Imprensa Nacional Casa da Moeda, Lisboa, [(1993)1996].
- PÊCHEUX, M., *Por uma análise automática do discurso*. Campinas: Unicamp, Campinas, 1990.
- PERROT, M. "A juventude operária. Da oficina à fábrica". In: Levi, G. e Schimitt, L. (org.). *História dos jovens*. São Paulo, Cia. das Letras, 1996.
- ROBSON, M.; *How Teenagers Consume Media*, in Morgan Stanley, 10/07/2009 <<http://docs.google.com/gview?a=v&q=cache:spsZrGyqURAJ:media.ft.com/cms/c3852b2e-6f9a-11de-bfc5-00144feabdc0.pdf+Morgan+Stanley+Media+%26+Internet&hl=pt-BR>>, acessado em 26/07/09.
- ROUDINESCO, E., *Por que a psicanálise?*; trad. Vera Ribeiro, Jorge Zahar Ed. , Rio de Janeiro, 2000.
- SASS, O., *Como aprendem os meninos de rua?* in *Psicologia ciência e profissão*, 1986, vol.6, no.1, p.5-8. ISSN 1414-9893.
- SILVEIRA, D.X. e Moreira, F.G. Reflexões preliminares sobre a questão das Substâncias Psicoativas. In: Silveira D.X, Moreira F.G., organizadores. *Panorama atual de drogas e dependências*. Editora Atheneu; São Paulo: 2006.

SOUZA, M. C.C.C., Aspectos psicossociais de adolescentes e jovens, in Juventude e escolarização (1980-1998) / Coord. Marília Pontes Sposito – Brasília: MEC/Inep/Comped, 2002. p. 35-58

VENDRAME, A. et al., Apreciação de propagandas de cerveja por adolescentes: relações com a exposição prévia às mesmas e o consumo de álcool. Cad. Saúde Pública, 25(2):359-365, Rio de Janeiro, fev, 2009

Anexo A –

Quadro 01: Distribuição das dissertações e teses sobre o tema adolescência e drogas de 1997 a 2007.

Universidade	Mestrado	Área	Doutorado	Área
USP	2005	Educação	1997	Saúde Pública
			1997	Ciências Médicas: Psiquiatria
			2007	Ciências da Saúde
USP/RP	2000	Psicologia	2007	Enfermagem
	2003	Psicologia	2007	Enfermagem
	2003	Psicologia		
	2006	Psicologia		
UNESP	2002	Saúde Coletiva	2005	Educação
	2005	Psicologia	2006	Educação
	2005	Psicologia		
	2006	Educação		
	2006	Educação		
PUC	2002	Educação		
PUCRJ	2001	Psicologia		
PUCRGS	2004	Educação	2003	Psicologia
	2005	Psicologia		
	2006	Psicologia		
	2007	Psicologia		
UFES	2003	Saúde Coletiva		
	2004	Psicologia		
UFRGS	2006	Psicologia	2001	Psicologia
	2006	C. médicas: Psiquiatria		
	2006	C. médicas: Psiquiatria		
UFRJ	2006	Saúde Coletiva		
UNB	1997	Psicologia	2001	Psicologia
	1999	Psicologia	2003	Psicologia
UNICAMP	2003	C. médicas: Psiquiatria	2000	Saúde Coletiva
	2004	C. médicas: Psiquiatria		
	2007	Ciências da Saúde		
UNIFESP	2004	Psicobiologia	1998	Psicobiologia
	2004	Psicobiologia		
UFSC	2005	Psicologia		
UFPR	2002	Psicologia		
	2006	Educação		

Anexo B -

Quadro 02: Pesquisas discentes, levantamento

N.o	Universidade	M/D	Ano	Autor	Orientador	Objetivo
1	UNICAMP	M	2007	ARMANI, Maria Alice de Araújo	MARTINS FILHO, José	Verificar tabagismo e uso de álcool entre adolescentes do sexo feminino de escolas públicas e privadas
2	PUCRS	M	2007	WAGNER, Márcia Fortes	OLIVEIRA, Margareth da Silva	Verificar associação entre as habilidades sociais em adolescentes com abuso ou dependência de maconha com as habilidades sociais de adolescentes sem uso de maconha.
3	USP	D	2007	CANDIDO DE OLIVEIRA, Christian Cesar	SCHEUER, Claudia Ines	Traçar e relacionar o perfil dos discursos autobiográfico oral livre e eliciado de fatos ocorridos na infância de adolescentes usuários e não usuários de ambos os gêneros.
4	USP/RP	D	2007	GARCIA, Karla Selene López	LOBO DA COSTA JÚNIOR, Moacyr	Validação do instrumento Teenagee Inventory of Social Skills (TISS). E identificar competência social e dificuldades interpessoais que podem influenciar o consumo de drogas em adolescentes escolares no México.
5	USP/RP	D	2007	JINEZ, Maria Lourdes Jordan	PILLON. Sandra Cristina	Avaliar a efetividade da intervenção para fortalecer os fatores de proteção entre estudantes de ensino médio no México.
6	UFRGS	M	2006	WILLIAMS, Anna Virgínia	PECHANSKY, Flávio	Desenvolver um jogo terapêutico (jogo da escolha) e avaliar o seu efeito.
7	UFRGS	M	2006	DIEMEN, Lisia Von	PECHANSKY, Flávio	Validar uma escala para aferir impulsividade, avaliar a associação entre impulsividade, IPCA (idade de primeiro consumo de álcool) e TUS (transtornos por uso de substâncias).
8	UFRGS	M	2006	RAUPP, Luciane Marques	SAPIRO, Clary Milnitsky	Avaliação de serviços de saúde(concepções e como aparecem as referências às políticas públicas) de tratamento de adolescentes usuários de drogas.

9	PUCRS	M	2006	BROECKER, Carla Zart	INCHAUSTI DE JOU, Graciela	Revisar literatura e investigar a percepção das práticas educativas parentais de adolescentes com ou sem diagnóstico de dependência química.
10	UNESP	M	2006	NOGUEIRA DA CRUZ, Luciana Aparecida	MARTINS, Raul Aragão	Identificar o padrão de uso de bebidas alcoólicas e investigar o contexto de uso entre alunos de ensino médio de uma cidade de pequeno porte.
11	UNESP	M	2006	PRATTA, Marcia Aparecida Bertolucci	AMARAL, Mônica Guimarães Teixeira do	Buscar uma fundamentação teórica que permitisse a articulação das questões internas (subjetivas) e externas (culturais) que têm levado o adolescente ao ato/atuação, seja contra si mesmo, seja contra a sociedade.
12	UFRJ	M	2006	CAMARA, Martial de Magalhães	TAMBELLINI, Anamaria Testa	A pesquisa se baseou em trabalho de prevenção de dependência entre estudantes de municípios onde se iniciou um trabalho de prevenção ao uso de drogas.
13	USP/RP	M	2006	SBORGIA, Renata Carone	FIGUEIREDO, Marco Antonio de Castro	Pretende-se definir critérios e identificar crenças e valores relacionados ao uso de tabaco para a compreensão do ato de fumar.
14	UNESP	D	2006	MEZZAROBÀ, Solange Maria Beggiato	MARTINS, Raul Aragão	Identificar os adolescentes (escola pública e particular) que faziam uso abusivo de álcool e analisar como os mesmos viam este hábito e quem eles reconheciam como autoridade para controlá-lo.
15	PUCRS	M	2005	CAUDURO DE SOUZA, Cristiane	OLIVEIRA, Margareth da Silva	Identificar as relações existentes entre o TDAH e o uso de drogas na adolescência.

16	USP	M	2005	BAPTISTA, Gistavo Camilo	RAMOS DA SILVA, Maria de Lourdes	Investigar as possíveis motivações que levam os adolescentes à dependência de drogas na região metropolitana de São Paulo.
17	UNESP	M	2005	MILLANI, Helena de Fátima Bernardes	VALENTE, Maria Luisa Louro de Castro	Entender a dinâmica familiar do dependente químico, considerando seus vínculos, valores, cultura e ideologia própria.
18	UNESP	M	2005	KAPPANN, Jair Izaiaz	GUIMARÃES, José Luiz	A percepção que educadores e alunos têm (consumo de drogas) e a melhor forma de tratá-los na escola.
19	UNESP	D	2005	LEPRE, Rita Melissa	MARTINS, Raul Aragão	Detectar a possível relação entre o uso abusivo de álcool e raciocínio moral.
20	UFES	M	2004	CUVELLO, Sulamita Taita Vitorino	TRINDADE, Zeide Araújo	A pesquisa discute a representação social elaborada pelos adolescentes sobre o "viciado" em drogas, verificando os principais motivos que influenciam o consumo de drogas nessa faixa etária, de acordo com os sujeitos, identificando as formas de prevenção realizadas pela escola. Ressaltamos também alguns fatores que são predisponentes ao uso no período da adolescência.
21	PUCRS	M	2004	FLORES, Mariel Hidalgo	BORGES, Regina Maria Rabello	Investigou a complexa problemática das drogas entre os adolescentes de uma escola de nível médio na cidade de Porto Alegre. Buscou-se conhecer a realidade dos adolescentes não usuários de drogas, na expectativa de identificar os motivos que levam esses jovens a recusá-las.
22	UNIFESP	M	2004	FRADE, Iracema Francisco	DE MICHELI, Denise	Avaliar a relação entre o uso de drogas e dos diferentes tipos de sintomas de estresse. (instrumentos padronizados)

23	UNIFESP	M	2004	SANCHEZ, Zila van der Meer	NAPPO, Solange Aparecida	Identificação entre adolescentes de baixo poder aquisitivo, não usuário de drogas psicotrópicas, e vivendo em locais com abundante oferta de drogas, os motivos que os impediram da experimentação.
24	UNICAMP	M	2004	GADBEM, Maurício Miguel	QUEIROZ, Marcos de Souza	Investiga a hipótese de que adolescentes, internados em clínica psiquiátrica, por uso compulsivo de drogas, não possuem desenvolvida a capacidade para pensar de forma simbólica, consequente a uma falha no exercício da função paterna em sua formação.
25	UFES	M	2003	ROHR, Roseane Vargas	ZANDONADE, Eliana	Identificar o consumo de drogas entre estudantes do ensino médio e relacionar o padrão encontrado a alguns aspectos que interferem na qualidade de vida deles, como defasagem escolar, padrão de sono, tempo disponível para o lazer e relações sociais, grau de satisfação com a saúde e consigo mesmo; traçar um perfil dos estudantes inseridos no mercado de trabalho.
26	USP/RP	M	2003	BELTRAME, Elisabete Cristina Carnio	SANTOS, Manoel Antonio dos	Identificar o perfil psicológico de adolescentes, verificando sua suscetibilidade ao uso de drogas, e avaliar, segundo a visão do adolescente, o padrão de relacionamento pai-filho, bem como verificar se o nível sócio-econômico pode configurar ou não um fator que influi na proteção ou risco a drogadição.
27	USP/RP	M	2003	PRATTA, Elisangela Maria Machado	SANTOS, Manoel Antonio dos	Identificar o nível de conhecimento, contato e padrões de consumo de substâncias psicoativas em adolescentes do ensino médio. Caracterizar como os adolescentes que consomem e que não consomem drogas avaliam os comportamentos e atitudes dos pais em relação aos mesmos.

28	UNB	D	2003	PENSO, Maria Aparecida	SUDBRACK, Maria Fátima Olivier	A contribuição da dinâmica familiar no processo de construção identitária de adolescentes que cometeram atos infracionais e são usuários de drogas, vivendo em situação de pobreza e exclusão social.
29	PUCRS	D	2003	CÂMARA, Sheila Gonçalves	SARRIERA, Jorge Castellá	Um mapeamento acerca dos comportamentos de risco nos jovens da cidade de Porto Alegre utilizando a Psicologia da Saúde como marco teórico. Realização de um estudo acerca dos preditores para cada um dos comportamentos e a possível associação entre os comportamentos de risco.
30	PUC	M	2002	FERNANDES DA SILVA, Lilian Cristina Testa	PLACCO, Vera Maria Nigro de Souza	Busca compreender as representações sociais de adolescentes sobre as drogas e sua prevenção.
31	UNESP	M	2002	MOZINI, Marisa Furtado	DALBEN, Ivete	Estimar a prevalência de uso de substâncias psicoativas, inclusive álcool e tabaco, bem como a prevalência de práticas sexuais de risco para DST/Aids, em estudantes do ensino fundamental e médio, de escolas públicas e privadas do município de Adamantina-SP
32	UFRGS	D	2001	TOROSSIAN, Sandra Djanbolakjadian	LOPES, Rita de Cassia Sobreira	trata da construção das toxicomanias na adolescência. Tem sua fundamentação na teoria freudo-lacanianiana. As toxicomanias são entendidas como uma operação na qual a ineficácia paterna tem como conseqüência falhas simbólicas associadas à produção de um excesso narcísico.
33	PUCRJ	M	2001	ANDRADE, Maria Magdalena Gonzales de	VILHENA, Junia de	realizar uma investigação sobre a adolescência e o consumo de drogas à luz da psicanálise

34	UNB	D	2001	BAUMKARTEM, Silvana T.	SUDBRACK, Maria Fátima Olivier	investiga o significado da drogadição, numa perspectiva relacional, em três contextos: no contexto da adolescência, momento em que se dá o encontro do sujeito com o produto; no contexto familiar, momento em que se dá o encontro da família com a drogadição do filho; no contexto institucional, momento em que se dá o encontro do sujeito e sua família com a instituição de tratamento/assistência.
35	USP/RP	M	2000	RIGON, José Maurício	ROMANELLI, Geraldo	investigar alguns aspectos das relações sociais de adolescentes das classes populares, usuários de crack, vivendo em situação de rua em Ribeirão Preto - SP.
36	UNICAMP	D	2000	LIMA, Elsonn da Silva	MOREIRA FILHO, Djalma de carvalho	O estudo apurou, entre os entrevistados, variáveis socioeconômicas, coeficientes de prevalência de consumo de substâncias psicoativas lícitas e ilícitas e percepção dos entrevistados quanto à facilidade de obtenção destas substâncias.
37	UNB	M	1999	MATTOS SILVA, Gláucia	COSTA, Liana Fortunato	aborda as relações de co-dependência que se desenvolvem a partir da drogadição na adolescência
38	UNIFESP	D	1998	NOTO, Ana Regina	CARLINI, Elisaldo Luiz de Araújo	objetivo analisar as tendências temporais do uso de drogas nessa população (situação de rua), comparando os resultados obtidos nos anos de 1987, 1989, 1993 e 1997.
39	UNB	M	1997	CINNANTI, Cristina Jacobson Jácomo	SUDBRACK, Maria Fátima Olivier	Oferecer contribuições teórico-metodológicas para a construção de programas de prevenção do uso indevido de drogas por adolescentes que vivem no contexto sociofamiliar de baixa renda

40	USP	D	1997	SCIVOLETTO, Sandra	ANDRADE, Arthur Guerra	Descrever as características dos adolescentes em tratamento para o uso de drogas, padrão de consumo e fatores preditivos de evolução.
41	USP	D	1997	FIGUEIREDO, Túlio Alberto Martins de	BURALLI, Keiko Ogura	Estudo de caso objetivando emergir as representações dos educadores da rede municipal de ensino de Vitória -ES no tocante ao adolescente frente à questão das drogas na escola.
42	UNICAMP	M	2003	CASTRO, Marcelo José	KNOBEL, Maurício	Estudo qualitativo sobre o uso de drogas na adolescência na perspectiva de 10 mães de adolescentes
43	UFPR	M	2002	BAHLS, Flávia Mussi Rocha Campos	INGBERMAN, Yara Kuperstein	Enfocar os aspectos relacionados ao consumo de drogas na adolescência, objetivando melhor compreensão sobre as vulnerabilidades do comportamento de uso de drogas
44	UFSC	M	2005	PARIZOTTO, Ana Patrícia Alves Vieira	TONELLI, Maria Juracy Filgueiras	investigar os sentidos atribuídos por adolescentes da região Meio-Oeste catarinense ao consumo de bebidas alcoólicas
45	UFPR	M	2006	PEROVANO, Dalton Gean	HARACEMIV, Sonia Maria Chaves	pesquisa exploratória de cunho qualitativo, que tem por fim estudar o policial militar do que atua no Proerd do Paraná, através do olhar sobre si mesmo, suas concepções de formação e a necessidade de melhorar a prática pedagógica desse profissional

Anexo C-**Produções discentes de 1997 a 2007, sobre o tema adolescência e drogas acessadas integralmente**

ARMANI, M. A.A., Drogas na adolescência: análise do uso de substâncias químicas entre adolescentes estudantes de escolas públicas e particulares de Campinas, SP / Maria Alice de Araújo Armani. Campinas, SP: [s.n.], 2007.

CASTRO, M. J. Adolescência e drogas: um estudo clínico-qualitativo da perspectiva da mãe do adolescente. Campinas, SP : [s.n.], 2003.

OLIVEIRA, C.C.C, Discurso e memória autobiográfica em adolescentes usuários de drogas – Tese)Doutorado) – Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

GABDEN, M.M., A carreira do drogadicto, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, Sp, 2004;

KAPPANN, J.I.; As drogas segundo a percepção de professores e alunos do ensino fundamental /Dissertação de Mestrado – Faculdade de Ciências e Letras e Assis – Universidade Estadual Paulista, Assis, 2005

LEPRE, R.M., Raciocínio moral e uso abusivo de álcool por adolescentes. Marília: Unesp/FFC, 2005.

PRATTA, M.A.B. Adolescentes e Jovens ... em ação! Um estudo sobre os aspectos psíquicos e sociais que envolvem a educação do adolescente hoje. Araraquara: Unesp, 2006

SBORGIA, R.C. Tabagismo: uma busca da subjetividade no uso da droga permitida. Ribeirão Preto, 2005.